

PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA  
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

ALCEBÍADES FEITOSA DOS SANTOS FILHO

**A LIBERDADE NA CARTA AOS GÁLATAS**  
**ANÁLISE DE GL 5,1**  
**VERSÍCULO DE DUPLA FUNÇÃO**

São Paulo

2006

PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA  
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

SACERDOTE ALCEBÍADES FEITOSA DOS SANTOS FILHO

**A LIBERDADE NA CARTA AOS GÁLATAS**  
**ANÁLISE DE GL 5,1**  
**VERSÍCULO DE DUPLA FUNÇÃO**

Tese apresentada à Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para a obtenção do título de Especialização em Bíblia, sob a orientação do Prof. Dr. Cônego Celso Pedro.

São Paulo  
2006

## GLOSSÁRIO

Ap.:	Apocalipse
At.:	Atos dos apóstolos
a.C.:	Antes de Cristo
cf.:	Confira
Col.:	Colossenses
Cor.:	Coríntios
d.C.:	Depois de Cristo
Dt.:	Deuteronômio
E.G.:	Egressos
Ex.:	Êxodo
Fl.:	Filipenses
Gl.:	Gálatas
Gn.:	Gênesis
Hb.:	Hebreus
Ibidem:	No mesmo lugar
Is.:	Isaías
Jer.:	Jeremias
Jo.:	João
Jub.:	Jubileus
Lc.:	Lucas
Lv.:	Levítico
LXX:	Septuaginta
Mc.:	Marcos
Mt.:	Mateus

Ne.:	Neemias
Op. cit.:	Obra citada
Rm.:	Romanos
Rs.:	Reis
s:	Seguinte
Sam:	Samuel
Sl:	Salmos
ss:	Seguintes
Ts.:	Tessalonicenses
v.:	Versículo
vv.:	Versículos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>I – CARTA AOS GÁLATAS</b> .....	09
1. A epístola e sua importância.....	09
1.1. Gálatas: sua terra e sua gente.....	10
1.2. A composição da carta.....	13
1.3. Compreendendo a origem da controvérsia.....	15
1.4. Os judaizantes e seu <i>modus operandi</i> .....	18
1.4.1. Reconstituindo os passos da pregação judaizante.....	19
1.5. Aceitação da lei pelos gálatas.....	20
1.6. Uma situação complexa.....	22
1.7. Missão vinda de Deus.....	23
1.8. O Cristo vivo.....	25
<b>II – PARA A LIBERDADE CRISTO NOS LIBERTOU</b> .....	28
1. A alegoria de Sara e Agar.....	31
2. A metáfora da redenção.....	33
2.1. A redenção em Israel.....	36
2.2. Redenção/libertação: duas palavras para uma mesma imagem.....	39
2.3. Maldição/escravidão.....	41
3. A liberdade em sentido absoluto.....	43
3.1. A liberdade no Antigo Testamento.....	46
3.1.1. (Uma) aliança para a liberdade.....	46
3.2. Jesus: o livre e o libertador.....	54
4. Revelação, comunidade e missão.....	57
4.1. Jesus: fonte de liberdade.....	58

4.2. Sobre a etimologia.....	61
4.3. A nova criação.....	67
4.4. O homem bíblico.....	69
<b>III - MOVIMENTO DE ABERTURA.....</b>	<b>71</b>
1. Justiça da lei ou da fé?.....	73
2. Justiça de Deus.....	75
3. A justificação sob a ótica paulina.....	79
3.1. Justificação e batismo.....	80
3.2. Justificação em Gálatas.....	81
3.3. Justificação e liberdade.....	85
3.3.1. Da carne à liberdade.....	86
3.3.2. Da liberdade como servidão.....	87
3.3.3. Da liberdade como fruto do espírito.....	88
3.3.4. Liberdade e lei de Cristo.....	90
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>92</b>
1. Lições e provocações de Gálatas.....	92
2. Liberdade e modernidade.....	93
3. A lei.....	93
4. Ecumenismo.....	94
5. Sobre o sentido da fé.....	95
<b>ANEXOS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>113</b>

## INTRODUÇÃO

No decorrer desta pesquisa procuramos, inicialmente, fazer uma pormenorizada apresentação da Carta aos Gálatas, a fim de situar o leitor nas grandes questões que provocaram o aparecimento desse escrito, entre outras questões menores, para em seguida desenvolver o grande tema da liberdade, ora tentando defini-lo a partir do lugar em que se encontra: Gl 5,1, ora tentando situá-lo no conjunto literário de todo o escrito. Desse modo, estaremos trilhando dois caminhos inevitáveis perguntando-nos em que lugar especificamente a liberdade se encontra no corpo da Epístola, ao mesmo tempo em que, procuramos explicá-la, na tentativa de definir o seu correto significado.

Alguns comentários da Carta aos Gálatas, embora reconheçam a relevante importância do escrito para a compreensão do universo teológico paulino insinuam neste, uma certa desordem literária, atribuindo tal aspecto à situação de conflito em que ele veio à tona. Nesse caso, a Carta aos Gálatas padeceria de um certo rigor na formulação de suas principais idéias. Isto significa que, para muitos, somente em Romanos poderíamos encontrar idéias mais bem ordenadas e matizadas.

Diante dessa concepção, uma das indagações que acompanha a nossa investigação é: Será que a Carta aos Gálatas padece realmente de uma ligeira desordem literária? O mundo nervoso e tempestivo do Apóstolo de fato obnubilou a exposição clara de suas premissas? Ao contrário dessas afirmações indiretas, procuramos com esforço, demonstrar que a Carta aos Gálatas revela uma coerência literária formidável. Ademais, analisado de perto, o texto de Gálatas surpreende em coerência e rigor literários.

Na verdade, como tentaremos mostrar, Paulo faz do princípio fundamental da liberdade o marco teórico em torno do qual toda a sua escritura é criativamente pontuada. Como variações de um mesmo tema, o Apóstolo costura a sua temática com diferentes e

complexos elementos retirados, tanto do Primeiro, como do Segundo Testamentos. Desse modo, há na Carta aos Gálatas, uma síntese perfeita entre uma paixão avassaladora pelo ressuscitado e, ao mesmo tempo, uma cerrada argumentação doutrinal, densamente concatenada, linear, coerente, sem absolutamente quebras, mas cheia de direção.

## I – CARTA AOS GÁLATAS<sup>1</sup>

### 1. A epístola e sua importância

A Carta aos Gálatas, embora esteja entre as cartas relativamente breves do Apóstolo, nem por isso figura como menos importante no corpo doutrinal paulino. Nela encontramos, como num longo esboço, as principais e fundamentais linhas teológicas de raciocínio do Apóstolo. Paulo procurou responder aos seus interlocutores a partir de temas fundantes e, que permanentemente se entrecruzam nos Testamentos, tais como: a lei e a liberdade, a promessa, a graça, a obediência, a fé como pressuposto de uma vida cristã, o batismo, a adoção filial, o amor como fruto do Espírito, entre outros.

Há, na Carta aos Gálatas, um outro aspecto interessante: o de que em nenhuma outra carta Paulo se deixa revelar tão abertamente. O Apóstolo nunca se mostrou tão apaixonado e nervoso como aqui. Ele parece se dar por inteiro, sem disfarces, com todos os sentimentos que dele podemos captar: surpresa, indignação, tristeza, angústia, ternura e amor, filiação para com os seus na fé. Nesse aspecto, Van Den Born (1977) revela o seguinte: “São Paulo escreve esta Epístola, a mais violenta de todas, cheia de indignação e ironia amarga (5,12), mas também cheia de um amor apaixonado”.<sup>2</sup>

Dois outros aspectos devem ser pontuados quando tratamos da importância da leitura de Gálatas. Primeiramente, há o fato de esta Carta haver registrado o início do crescente distanciamento entre cristianismo e judaísmo, provocado pelo conflito com os judaizantes. A história da Igreja primitiva e nela, do cristianismo, foi assumindo identidade própria. Nesse sentido, segundo Ballarini (1974):

---

<sup>1</sup> Para maiores informações vide tradução da Carta aos Gálatas na íntegra, na seção Anexos no final deste trabalho.

<sup>2</sup> VAN DEN BORN, A. (org.) *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 616.

Em Gálatas vemos a Igreja que vai conquistando a própria personalidade, desapegando-se progressivamente do judaísmo, com o qual, de início, se confundia. Isso aconteceu não sem dificuldades, choques e hesitações internos, superados, no entanto, sob a direção do Espírito.<sup>3</sup>

Em segundo lugar, não devemos esquecer que Gálatas, juntamente com Romanos, são cartas inspiradoras da reforma protestante, justamente por causa do seu tema: A reivindicação da liberdade cristã.

Finalmente, pelo fato de sempre despertar no leitor moderno certa atração, motivada pelo seu raciocínio e por suas linhas argumentativas, especialmente no que tange à idéia de liberdade, pressuposto básico da cultura ocidental moderna, devemos ainda determinar até que ponto há realmente uma proximidade entre os escritos do Apóstolo e a modernidade, de forma concreta no termo liberdade.

### **1.1. Gálatas: sua terra e sua gente**

Ao revelar a presença de nomes celtas, gregos, romanos e frígios, os estudos epigráficos mostram que a região habitada pelos gálatas constituiu-se numa complexa formação étnica e cultural. Falando resumidamente da Galácia, Mackenzie (1993) nos relata o seguinte:

O nome geográfico e político Galácia é usado em dois sentidos. O primeiro significado designa o Planalto da Anatólia Central entre o Ponto, a Bitínia, e a Licaônia. O nome deriva dos gauleses que invadiram a Macedônia, Grécia, e Ásia Menor em 279 a.C. e anos seguintes; finalmente eles se estabeleceram

---

<sup>3</sup> BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 396.

na Anatólia, onde formaram um reino. Em 64 a.C. a Galácia tornou-se um estado dependente de Roma, e nos anos seguintes o território do reino foi ampliado pelas regiões vizinhas. No segundo sentido, Galácia designa a província romana da Galácia, estabelecida em 24 a.C., depois da morte do último rei, Amintas; Incluía a região da Galácia e as regiões da Pisídia, Panfília, e parte da Licaônia. Depois desta data, o nome Galácia foi usado para designar a província.<sup>4</sup>

Por sua vez, O'Connor (2000), nos informa que: “No ano 21 ou 22 a.C., o Imperador Augusto dividiu a Galácia, dando-lhe nomes correspondentes a três tribos gálatas que correspondiam a três povoados transformados em cidades por decreto imperial”.<sup>5</sup>

Quanto à região em que habitavam, os livros a descrevem como um lugar de grandes contrastes e de um clima de extremos: no verão um calor causticante, no inverno um frio avassalador, refletindo o clima e suas diferenças, talvez, um traço da personalidade do povo celta, daquele lugar. Ainda, sobre a descrição da região propriamente dita, O'Connor (2000) nos diz o seguinte:

Consiste em uma vasta série de terras altas, áridas, descampadas e encostas íngremes. É quase desprovida de árvores, exceto talvez, em alguns lugares nas fronteiras do Norte; e a falta de sombra torna o calor do verão mais exasperante, enquanto no inverno o clima é rigoroso [...] Não há praticamente nenhum aspecto notável e um pedaço é igual ao outro. As cidades estão longe uma das outras, separadas por longos trechos do mesmo

---

<sup>4</sup> MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 369.

<sup>5</sup> O'CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 199.

território, cansativo, poeirento, quente e árido no verão, coberto de neve no inverno.<sup>6</sup>

Estudos revelam que estradas romanas cruzavam a Galácia no tempo de Paulo. De qualquer modo, no que se refere à economia dos gálatas, era incrementada pela produção e criação de ovelhas, com a exploração da lã. Havia também o cultivo da vinicultura, mas na verdade, a produção de cereais, como o trigo, destacava-se como principal atividade, constituindo-se como base da economia galática.

O povo gálata, como boa parte das tribos indo-européias, era marcadamente guerreiro, acostumado desde muito às derrotas e conquistas. Alguns escritores antigos nos informam que existiam regras e costumes característicos da personalidade gálata. Através desses relatos foi possível conhecermos um pouco mais de seu cotidiano, como por exemplo, o modo como faziam suas refeições e as disposições de seus membros à mesa. Tudo isso refletia o modo como se organizavam em sua estrutura hierárquica tribal.

Outros detalhes nos chegam desses escritos e narram o apetite voraz desse povo. Gostavam de cantar seus feitos e eram, em todo mundo, tidos como destemidos guerreiros. O fato é que, embora com o alto número de casamentos inter-raciais, a adoção da religião local e do grego como segunda língua, não conseguiram modificar sua forma de organização.

Entre alguns povos, os gálatas eram pouco considerados, vistos como bárbaros e desprovidos de certa civilidade. O'Connor (2000), nos conta que entre os gregos, os gálatas não gozavam de muita simpatia, sendo considerados por estes, como uma “raça misturada, simplórios, imprevisíveis, cruéis, sem perseverança e, fáceis de enganar”.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> O'CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. Op. cit. p. 200.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 199.

## 1.2. A composição da carta

A composição da Carta aos Gálatas não representa uma discussão pacífica. Muitos exegetas discordam no tocante à data da Epístola. Nada mais compreensível, tendo em vista tratar-se de um escrito antigo, cujo esforço de pesquisa deveria ser encarado como tarefa de aproximação, nunca de conclusão. Douglas (1995), em *O novo dicionário da Bíblia* tenta resumir tais divergências ao nos relatar o seguinte:

Conforme o ponto de vista que diz que a Epístola estava endereçada a Galácia do Norte, a Epístola não poderia ter sido escrita antes de 49/50 d.C., quando teve início a segunda viagem missionária de Paulo (At 16,6), e foi mais provavelmente escrita depois de 52 d.C., quando começava a terceira viagem e Paulo visitara a Galácia pela segunda vez (At 18,23), visto que sua referência ao fato de ter-lhes pregado pela primeira vez (Gl 4,13) - literalmente 'a vez anterior' (em grego *to proteron*) - subentende duas visitas feitas a eles.<sup>8</sup>

Em seguida Douglas (1995) descreve o ponto de vista de uma segunda corrente:

Conforme a Teoria da Galácia do Sul, a Epístola poderia ter sido escrita antes disso; as palavras (Gl 1,6) de fato deixam subentendida uma data não muito distante da primeira viagem missionária (47/48 d.C.), enquanto que a expressão a primeira vez (Gl 4,13) poderia ser entendida à luz do fato que, no curso da primeira viagem, Paulo e Barnabé visitaram o Sul da Galácia por

---

<sup>8</sup> DOUGLAS, J. D. G. (org.) *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 648.

duas vezes, indo de Antioquia da Pisídia para Derbe, e daí de volta para Antioquia da Pisídia (At 14,21).<sup>9</sup>

Longe naturalmente da presunção de querer solucionarmos os conflitos de interpretação em torno da composição da carta, o que podemos observar é que há, pelo menos na maioria dos autores lidos, certa unanimidade acerca de alguns temas, como por exemplo, a incontestável integridade literária, refletida na Carta. Além disso, não podemos duvidar de sua autoria, pois segundo Giavini (1987):

São muitos os testemunhos antigos que atribuem esta carta a Paulo, e todos são tão unânimes em confirmá-lo que, se Gl não fosse sua, deveríamos duvidar também da existência do sol. Ou então, deveríamos inventar outro Paulo, em tudo igual ao primeiro, e atribuir-lhe a autoria de Gl.<sup>10</sup>

Por último, tentando inserir, na cronologia paulina, a Carta aos Gálatas, esta deveria ocupar o seu lugar como aquela que precedeu imediatamente à Carta aos Romanos, visto que os temas tratados na primeira vinculam-se estreitamente aos da segunda, especialmente a doutrina da justificação. Se em Gálatas Paulo escreve de modo apaixonado e nervoso, em Romanos tem a oportunidade de considerar mais demoradamente os temas prefigurados em Gl. Mediante tais fatos, com base em Schnelle (1999)<sup>11</sup>, ao fazermos um estreito esquema de ligações entre Gl e Rm teríamos o seguinte:

---

<sup>9</sup> DOUGLAS, J. D. G. (org.) *O novo dicionário da Bíblia*. Op. cit. p. 648.

<sup>10</sup> GIAVINI, G. *Gálatas: liberdade e lei na igreja*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1987, p. 9.

<sup>11</sup> SCHNELLE, U. *A evolução do pensamento Paulino*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 32.

---

Gl 1,15-16	Rm 1,1-5	Separação para o apostolado.
Gl 2,15-21	Rm 3,19-28	Justiça da fé.
Gl 3,6-25,29	Rm 4,1-25	Abraão.
Gl 3,26-28	Rm 6,3-5	Batismo.
Gl 4,1-7	Rm 7,1-8,16	Servidão e liberdade.
Gl 4,21-31	Rm 9,6-13	Lei e promessa.
Gl 5,13-15	Rm 13,8-10	Liberdade e amor.
Gl 5,16-26	Rm 8,12 ss	Vida no espírito.

---

Sendo assim, poderíamos reconhecer nitidamente que “o fio condutor do pensamento em Rm está prefigurado em Gálatas. Já a polêmica específica de Gálatas é transposta em Romanos, para questionamentos fundamentais, a argumentação é mais refletida; a demonstração, mais cerrada”.<sup>12</sup>

### 1.3. Compreendendo a origem da controvérsia

Em suas observações, os biblistas são claros quando tratam do surgimento da grande divergência que envolveu Paulo e os judaizantes. De fato, não se tratava de problemas corriqueiros, ou de pequenas crises internas, comumente registradas por murmúrios de Igrejas, pois segundo Mullins (1969):

De notícias inquietantes de que alguns haviam convencido os cristãos da Galácia de que eles não podiam ser cristãos corretos sem serem circuncisos e sem observar a Lei de Moisés. Eles lembraram que Paulo não era um dos

---

<sup>12</sup> SCHNELLE, U. *A evolução do pensamento Paulino*. Op. cit. p. 32.

doze, mas apenas uma espécie de apóstolo secundário, e que seu Evangelho não era o mesmo seguido pelos outros apóstolos.<sup>13</sup>

Quase na mesma linha encontram-se as observações de Schneider (1967), quando escreve:

O Evangelho estava correndo sério perigo entre os gálatas. Missionários de fora haviam penetrado nas comunidades. A posição deles era de um cristianismo judaizante ao extremo, exigiam dos gentios cristãos da Galácia a circuncisão (Gal 5,2s; 6,12s) Confundiam as jovens comunidades declarando que, sem a circuncisão, exigida pela Lei Mosaica, não há salvação.<sup>14</sup>

Continuando a colher visões dos teólogos sobre a crise em Gálatas lembremo-nos de Carrez et al (1987), que sintetiza de modo categórico: “O apóstolo tinha que enfrentar uma contra-missão judaizante, cujas teses esvaziavam o Evangelho de seu conteúdo essencial (‘eram outro evangelho’, 1,7) e que reduzia a nada a cruz de Cristo (Gl 2,1; 3,13; 5,11; 6,12-14)”.<sup>15</sup>

Para além desses diagnósticos, concordes em sua maioria, surge naturalmente a pergunta: Quem eram esses forasteiros e de onde vinham? Na Carta aos Gálatas, Paulo os chama de modo genérico e desprezível como “pessoas” (Gl 1,7), “alguém” (Gl 1,9), “eles” (Gl 4,17; 6,13). Além de serem intrusos, segundo a Carta, podemos colher outras informações: eram cristãos de origem judaica, pelo nascimento ou pela conversão,

<sup>13</sup> MULLINS, A. G. *Nova enciclopédia católica*. v. II. Rio de Janeiro: Renes, 1969, p. 156.

<sup>14</sup> SCHNEIDER, G. *Epístola aos gálatas*. Coleção Novo Testamento, Comentário e Mensagem. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 8.

<sup>15</sup> CARREZ, M. et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1987, p. 124.

circuncidados (Gl 6,13), que consideravam a mensagem transmitida aos gálatas como “Evangelho” (Gl 1,6). O fato é que tais informações se repetem no modo com que os teólogos vêem o conflito. Há, porém, escritores que, além da constatação do problema existente, procuraram mapear sua origem, seu princípio. É o caso de O’Connor (2000), que parece convincente quando afirma que os missionários intrusos teriam vindo não de Jerusalém, como muitos afirmam, mas de Antioquia.

Quando fundou as Igrejas da Galácia, Paulo atuou como emissário de Antioquia. Todavia, sob pressão de Jerusalém, a comunidade antioquina optou por uma versão de cristianismo completamente judaica, que Paulo não aceitava (Gl 2,11-21). Seu fracasso em persuadir aqueles que outrora patrocinaram sua campanha missionária na Europa, de que estavam sendo injustos com membros pagãos da Igreja, levou-o a um rompimento.<sup>16</sup>

A verdade é que ao considerarmos esse alinhamento da visão cristã, mais judaica por parte de Antioquia e por parte da Igreja-Mãe, Jerusalém, teríamos que admitir como natural a pressão sobre as Igrejas irmãs, e naturalmente, sobre as comunidades fundadas por Paulo. Estava formado, portanto, o quadro da origem da Carta aos Gálatas: de um lado Paulo, reagindo com indignação aos intrusos judaizantes, de outro, estes, alegando que Paulo, por fazer certas concessões, perdera sua autoridade sobre as Igrejas da Galácia, já que eram fundações antioquinas. O que vieram fazer, então, os judaizantes? Restabelecer a disciplina e reimplantar o que consideravam o autêntico cristianismo.

---

<sup>16</sup> O’CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 203.

#### 1.4. Os judaizantes e seu *modus operandi*

Houve, no modo de agir judaizante, algo absolutamente grave e cruel no tocante ao tratamento dado a Paulo, especialmente por quem se dizia vindo da parte de Deus Pai, e de seu Filho Jesus. Começaram suas ações lançando dúvidas sobre a própria pessoa de Paulo ao divergir num primeiro momento, não de suas convicções profundas, mas tentando torná-lo desacreditado. Drane (1982), chama as acusações feitas a Paulo de “malicioso ataque às suas credenciais de evangelizador”.<sup>17</sup> Com tamanho artifício, o fato de colocarem em crise sua idoneidade de missionário de Cristo, talvez tenha feito com que seus inimigos tenham se julgado vencedores.

Como segunda linha de ataque a Paulo, procuraram convencer com toda força e clareza que este teria omitido algumas certezas fundamentais do cristianismo e que somente eles poderiam anunciá-las de modo completo e perfeito, mostrando-lhes a face verdadeira do cristianismo. Talvez por tudo isso seja plenamente compreensível a reação nervosa e apaixonada de Paulo. Embora ele não estivesse frente-a-frente com seus opositores, não poderíamos acusá-lo de falta de percepção do que estava ocorrendo. Portanto, se quiséssemos falar resumidamente das razões dos judaizantes, no tocante à natureza dos problemas em Gálatas, diríamos: as testemunhas qualificadas, fidedignas, são unicamente os chefes de Jerusalém, pois estes conheceram o Mestre e dele receberam diretamente a autoridade. Depois disso, se Paulo tivesse alguma autoridade esta, ter-lhe-ia sido concedida por Jerusalém. Finalmente, após haver partido em missão para a Síria e Cilícia, tomou no ensino do Evangelho, uma direção própria, fazendo concessões não autorizadas pelas primeiras testemunhas, como a não obrigatoriedade da circuncisão, das observâncias alimentares, e

---

<sup>17</sup> DRANE, J. *Paulo: um documento ilustrado sobre a vida e os escritos de uma figura-chave dos primórdios do cristianismo*. Tradução de Alexandre Macintire. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 52.

outras, com o intuito de agradar os gentios. É assim que o Apóstolo Paulo teria provocado a desaprovação dos Doze, fato evidenciado em Antioquia, no confronto com Pedro.

#### **1.4.1. Reconstituindo os passos da pregação judaizante**

Devemos compreender que em Gálatas, criou-se certa confusão com a presença dos judaizantes, porque ainda era recente a presença do cristianismo na Galácia e, portanto, ainda não havia criado profundas raízes. Em seguida, porque os judaizantes apresentavam-se como autênticos representantes do verdadeiro Evangelho, e o faziam por meio de uma pregação retórica coerente e bem concatenada. Eis as suas diretivas: Abraão é o marco de tudo, o modelo de todo fiel, pois foi o primeiro a abandonar o culto aos ídolos e converter-se ao Deus Verdadeiro.

Depois de abraçar a fé no Deus Único, Deus o fez pai de uma grande nação, mais do que isso, de todas as nações. Pela boca de um anjo, todas as famílias da terra, por determinação divina, foram abençoadas em Abraão, neste e, em toda a sua descendência (Gn 15,5). Surgiu então da parte de Deus para com Abraão, uma aliança perpétua e o sinal desta aliança: o mandamento da circuncisão (Gn 17,23), além de outros sinais, como o calendário festivo (Jub 15,1-2) e os sagrados requisitos dietéticos (Gn 2,11-14). Desse modo, Abraão tornou-se antecipadamente um fiel observador da Lei, que seria promulgada no Sinai pelo mediador Moisés (Ex 19) e confirmada, agora e para sempre, pelo Messias. Em resumo, a Lei seria um dom dos céus, revelada para Abraão, promulgada em Moisés e confirmada plenamente pelo Messias.

Em meio a toda essa pregação judaizante, a pergunta é: Como deveriam agir os pagãos a fim de serem descendentes abençoados de Abraão? Pois também haviam se tornado

irmãos por meio de Ismael e de Agar, a serva (Gn 15), dos que nasceram de Sara, a mulher livre (Gn 21,1-7)!

As respostas a tais indagações, depois de estabelecidos os parâmetros da pregação judaizante, nos parecem inevitavelmente óbvias: após abandonar os falsos ídolos e fugir do impulso do mal, deveis converter-vos à Santa Lei de Deus, como nosso Pai Abraão, abraçando o mandamento da circuncisão e todos os outros sinais a ele revelados. Então, o que é preciso para serem fiéis observadores, considerados verdadeiros descendentes de Abraão? Abandonar o antigo modo de vida e observar fielmente a Lei de Abraão.

Se, de fato, essa foi a pregação judaizante, e não estava alinhada ao pensamento Paulino, compreendemos então os judaizantes quando afirmam aos gálatas que Paulo, verdadeiramente, não os havia evangelizado, chamando para si a missão de arrancá-los da escravidão e conduzi-los ao verdadeiro Evangelho, o que passa necessariamente pela fiel observância da Lei, como haveria ensinado Abraão. Paulo se perdera em concessões para atrair os gálatas à conversão, omitindo pontos basilares da vivência do Evangelho.

### **1.5. Aceitação da lei pelos gálatas**

Depois de procurar explicar, pela ótica dos judaizantes, o lugar de Abraão na história da salvação, O'Connor (2000)<sup>18</sup>, procura responder porque tão facilmente os gálatas teriam se deixado fascinar pelo discurso dos judaizantes. A resposta a essa questão parece estar, de um lado, na formação psicológica do povo gálata, e de outro, no modo evangelizador de Paulo. O fato é que Paulo reconhecia a importância e a bondade da Lei (Rm 15,4; 1 Cor 10,6), e dela se utilizava em seu discurso ético (Rm 7,7; 12, 19 s; 1 Cor 9,9; 2 Cor 8,15).

---

<sup>18</sup> O'CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 207.

O Apóstolo, em sua práxis apostólica, não é o que rigorosamente poderíamos chamar de um legislador, um criador e sistematizador de leis, pois segundo O'Connor (2000):

[...] era costume de Paulo, ao fundar uma comunidade, dar algumas instruções gerais que tinham a finalidade de indicar aos novos fiéis que agora se esperava deles um novo estilo de vida (1 Ts 4,1-12). O apóstolo esperava que eles descobrissem por si mesmos o que essa encarnação do evangelho significava na prática.<sup>19</sup>

O'Connor (1994) já tinha considerado essa questão:

A complexidade da realidade era bastante aterradora, o fardo da responsabilidade bastante grande e, em face desse medo, o pormenor concreto e preciso da lei fornecia refúgio e sensação de segurança. Os humanos podiam afastar o olhar da realidade e focalizá-lo exclusivamente na lei.<sup>20</sup>

Sobre tal visão missionária, Sanders (1990) parece concordar, afirmando que:

Nesse contexto, no qual a vinda do Senhor estava próxima e os cristãos tinham de ficar irrepreensíveis, compreende-se que a explicação da lei como lei teria papel limitado. Paulo não desenvolveu nem Halacá precisa para reger o comportamento, nem sistema para expiação de faltas cometidas após a conversão.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> O'CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. Op. cit. p. 207.

<sup>20</sup> O'CONNOR, J. M. *Antropologia pastoral*. Tradução de Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 119.

<sup>21</sup> SANDERS, P. *Paulo, a lei e o povo judeu*. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 123.

Os gálatas, portanto, ficaram entregues à sua liberdade e responsabilidade em procurar viver criativamente sua nova religião. O fato de aderirem ao discurso legalista dos judaizantes revela que ainda não estavam preparados para encarnar o Evangelho em suas vidas. A Lei, sem dúvida, arrancava-lhes tal angústia e respondia claramente como deveriam se comportar. Dava-lhes uma direção cotidiana e um porto seguro. Ao imaginarmos os gálatas vivendo sob regras claras, em sua sociedade tribal, quer do ponto de vista social ou religioso, deveríamos, sem dúvida, compreender a dificuldade diante dos desafios da nova conversão.

### **1.6. Uma situação complexa**

A situação vivida por Paulo na Galácia foi, sem dúvida, algo inaudito. Em nenhuma outra comunidade o Apóstolo havia enfrentado um conflito tão delicado e de matizes tão complexos. Nem seus percalços em Corintos (2 Cor 10-15), nem tampouco os desapontamentos do seu passageiro mal-entendido com os tessalonicenses exigiram tanto da sua inteligência. Como diz O'Connor (2000): “A deliberada oposição revelada pelo relato vindo da Galácia era um assunto completamente diferente. Havia a possibilidade, muito real, de que sistematicamente se estendesse às outras Igrejas que fundara sob a égide de Antioquia”.<sup>22</sup>

Podemos imaginar que a reação de espanto (Gl 5,7), beirando quase ao desespero (Gl 4,11) não favoreceu nenhuma resolução, a não ser diminuir a tensão psicológica. Seria preciso, nesse caso, mais do que uma atitude básica. Uma reação calculada, inteligente, precisa, é o que exigiria a situação. Assim, Paulo agiu, embora tomado por uma ira moderada. Duas questões importantíssimas e difíceis precisavam de respostas adequadas. Primeiro, a acusação que poderia minar sua credibilidade, sua fidedignidade como Apóstolo do Senhor.

---

<sup>22</sup> O'CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 209.

Paulo deveria recuperar a sua condição de Discípulo do Senhor contestada pela ação judaizante. Segundo, demonstrar com toda sua capacidade literária e sua habilidade retórica, que sua pregação não se fundava em saber humano ou, segundo os homens (Gl 3 ss), mas por revelação de Jesus Cristo.

Paulo teve uma reação nervosa à argumentação teologicamente densa, complexa e inteligente, tentando desconstruir a pregação judaizante naquilo que havia de mais convincente. Se assim não procedesse, as comunidades evangelizadas, o cristianismo anunciado e a sua própria pessoa estariam, sem dúvida, incorrendo em sério risco. O futuro poderia estar comprometido.

Em síntese, Paulo precisava restabelecer a sua autoridade e o cristianismo, por ele, incansavelmente anunciado.

### **1.7. Missão vinda de Deus**

Paulo precisava responder com inteligência ao ataque feito pelos judaizantes à sua pessoa, como missionário do Senhor. O'Connor (2000) acredita que um erro de direção na crítica de seus adversários teria facilitado, de algum modo, tal tarefa, visto que insistiam no fato de Paulo estar distante da comunhão com a Igreja de Jerusalém. Nesse sentido, em favor de Paulo, encontra-se o fato de sua diminuta permanência em Jerusalém. Ademais, poderia haver contra-argumentado do acolhimento dos notáveis da Igreja quanto à confirmação de sua obra (Gl 2,1-10), o que não teria ocorrido tão facilmente se a insistência tivesse recaído sobre Antioquia, cidade em que Paulo residiu por anos e o aceitou como missionário, pelas mãos de Barnabé e, que agora, objetava a sua missão.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> O'CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. Op. cit., p. 89.

A pergunta é: O que faria de Paulo, naquele momento, verdadeiramente um Apóstolo do Senhor? No plano, meramente humano, deixara para trás sua perseguição furiosa à Igreja de Cristo. Em decorrência dessa mudança de atitude, o encontro com o próprio ressuscitado, nas estradas de Damasco (At 9,3) teria provocado a mudança de vida, justificando desse modo, o seu mandato como tendo sido conferido pelo próprio Cristo.

É por isso que Paulo insistia em dizer que seu Evangelho não havia vindo da “parte dos homens, nem por um homem” (Gl 1,1). Sustentando tal afirmação, Paulo estaria antecipando e respondendo à objeção de que a sua missão precisava da aprovação do Conselho dos Notáveis. Nessa linha, O’Connor (2000) coloca o seguinte: “Seus adversários podiam assegurar que, para o conteúdo do seu Evangelho, ele dependia da tradição cristã que Jerusalém representava com muita autoridade”.<sup>24</sup>

Prevendo essa objeção, Paulo insistiu que “este Evangelho que vos anuncio não é de inspiração humana, aliás, não é por um homem que ele me foi transmitido ou ensinado, mas por revelação de Jesus Cristo” (Gl 1,1).

É importante insistir no encontro de Paulo com o ressuscitado. Isto porque Paulo poderia usá-lo como contraponto à pregação judaizante, primeiro como um acontecimento inusitado, surpreendente e que transformou completamente seu antigo sistema de valores. A aparição de Cristo a Paulo teria sido algo inesperado, violento (1 Cor 15,8). Num segundo momento, descobrindo que o Cristo estava vivo e ressuscitado, coisa que como fariseu negava, forçosamente tal fato remeteu Paulo a reavaliar boa parte de seu arraigado sistema de convicção farisaico. Nesse contexto, O’Connor (2000), é feliz quando afirma:

Se uma das ressonâncias que o nome de Jesus estabeleceu em sua mente farisaica era verdade (isto é, a ressurreição), então as outras, automaticamente, teriam de ser vistas em uma perspectiva completamente

---

<sup>24</sup> O’CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. Op. cit. p. 90.

diferente. Já não eram as pretensões irreverentes de um louco e seus joguetes, mas verdade absoluta.<sup>25</sup>

A verdade que se abriu para Paulo no encontro com o ressuscitado parece ter sido definitiva em sua vida, na medida em que toda a sua perspectiva da história da salvação (revelação, aliança-escolha, profecia e outros grandes temas da teologia) passou a ser observada a partir da fé no Cristo ressuscitado. Portanto, toda a história da salvação passou a ter em Cristo a sua plenitude. Mais uma vez O'Connor (2000) resume de forma magistral o episódio de Damasco:

Seu encontro com Cristo revelou a verdade do que ele outrora considerava falso, forçando uma nova avaliação do que viriam a ser os pólos cristológico e soteriológico de seu Evangelho. Cristo era o novo Adão, a personificação da humanidade autêntica. A lei já não era obstáculo à salvação dos pagãos; eles podiam ser salvos sem se tornarem judeus.<sup>26</sup>

## 1.8. O Cristo vivo

Nas primeiras cartas Paulo se deteve apenas no anúncio tradicional da morte salvífica do Cristo, aprofundando sua cristologia, sobretudo, no aspecto da humanidade de Cristo. É em Gálatas que assistimos a formação da típica cristologia paulina e suas implicações na natureza da comunidade cristã.

O Apóstolo lembrou aos gálatas, com a expressão “nascido de mulher”, a pertença comum de Cristo à raça humana. Ademais, Paulo insistiu sobremaneira numa dimensão da vida de Cristo: a sua fé.

---

<sup>25</sup> O'CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. Op. cit. p. 92.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 93.

Paulo usou, em várias passagens, a expressão fé em Jesus Cristo (Gl 2,16); também em (Rm 3,22). O'Connor (2000) lembra a longa problematização em torno dessa expressão:

Fé pode ser compreendida com dois significados, crença ou fé-fidelidade. No caso de Jesus, que é um genitivo, pode ser objetiva ou subjetiva. A primeira, a fé em Cristo, foi a mais corrente. Nestes tempos recentes, porém, alguns assumiram a segunda a fé de Cristo.<sup>27</sup>

Ao acolhermos as duas interpretações poderíamos dizer que Cristo é o começo e o fim da fé de todo cristão, causa e, ao mesmo tempo, exemplo. Nessa linha, O'Connor (2000), resume: “A implicação dessas observações é que a fé-fidelidade é evocada, não em si e por si mesma, mas porque ambos, a causa e o exemplo da fé-fidelidade, são dos cristãos. A dedicação ativa deles é possibilitada e modelada pela de Cristo”.<sup>28</sup>

Tal menção nos permite aprofundar, cada vez mais, a reflexão, na medida em que esta identifica a fé de Cristo com o amor por ele expresso no auto-sacrifício da cruz pelos homens. “A fé age pela caridade” (Gl 5,6).

O amor em Cristo e de Cristo revela-se no auto-sacrifício. Esse amor não é apenas um acontecimento, é o poder pelo qual Paulo foi trazido da morte para a vida. O amor de Cristo, sua autodoação consiste num “ato criador [...] essência da humanidade autêntica”.<sup>29</sup>

Aos poucos, conseguimos compreender que é somente o amor criador de Cristo na cruz que torna a pessoa autenticamente humana e cristã. Como menciona o belo Hino aos Corintos (1 Cor 13), sem esse amor a pessoa não é nada. Tudo isso nos leva a uma conclusão inevitável: em primeiro lugar, o exemplo de Cristo nos torna autênticos; em segundo, para

<sup>27</sup> O'CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. Op. cit. p. 213.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p.214.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 213.

Paulo, Cristo se tornou a lei: “carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2).

Podemos vislumbrar cristologias que não se tocam e se excluem mutuamente: a judaizante e a de Paulo. A primeira pregava Cristo como fiel intérprete da lei, e por isso mesmo, não somente a confirmou, como a ela se submeteu, obedecendo-a até o fim.

Na segunda, paulina, a lei estava incluída no Cristo, mas, Cristo era a lei no sentido mais radical. Segundo O’Connor (2000): “De um só golpe, Paulo substituiu a obediência pela fé-fidelidade e, ao invés de descrever a fé-fidelidade, o que trazia o risco de criar nova lei, exemplificou-a com o comportamento de Cristo”.<sup>30</sup>

Assim, olhando para o que Cristo havia se tornado, caberia aos cristãos viver criativamente, seja qual fosse a sua situação, viver a lei de Cristo. Isso porque, no ato de amor Cristo deu uma nova existência a Paulo, fazendo com que sua conduta passasse a ser modelada por Cristo. Paulo, bem como a comunidade, passaram a ser Cristo na medida em que aprenderam a amar. É nesse sentido que devemos entender expressões como “revestir-se de Cristo”, “ser um só em Jesus Cristo” (Gl 3,27-28).

---

<sup>30</sup> O’CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. Op. cit. p. 214.

## II – PARA A LIBERDADE CRISTO NOS LIBERTOU

“Para a liberdade Cristo nos libertou. Ficai firmes, portanto, e não vos prendais novamente ao jugo da escravidão” (Gl 5,1).

As observações iniciais, feitas diante de uma primeira leitura da Carta aos Gálatas, levaram-nos a Gl 5,1. A nossa percepção é que tal versículo ocupa em todo o escrito um lugar central. Isso significa, num primeiro momento, que Gl 5,1 liga-se de forma estreita aos quatro capítulos que precedem a carta e os conclui. Nesse capítulo, nossa tentativa será a de demonstrar a forma pela qual o Apóstolo estabelece essa ligação, preparando assim a solene proclamação da liberdade cristã.

Inicialmente, notamos que o versículo é construído para destacar, de modo incisivo, o substantivo liberdade. Nessa linha, Cothenet (1984), observa o seguinte: “A palavra liberdade é realçada: ‘É para a liberdade que...’, em si mesma a fórmula parece redundante. Tratar-se-ia de um hebraísmo em vista de reforçar o sentido do verbo principal. Assim: ‘Desejei com desejo’, significa ardentemente (Lc 22,115)”.<sup>31</sup> Ademais, a liberdade nos foi concedida, não como um bem que desvanece ou que traz a marca da contingência, mas sem dúvida, como um dom total, absoluto. É também nesse sentido que Schneider (1967), comenta: “Cristo tornou-nos livres para a liberdade. Não nos aliviou somente, por curto prazo, do jugo da servidão. Constituiu-nos em estado de liberdade. Estamos nela agora. ‘Possuímo-la em Cristo’”.<sup>32</sup>

No entanto, a grande questão a ser levantada é de como situar Gl 5,1. Para a maioria dos autores esse versículo situa-se na assim chamada, seção parenética. É importante, porém, ressaltar inicialmente que paira uma certa dúvida na Epístola sobre a posição que esse versículo ocupa no corpo da mesma. Cothenet (1984), confirma tal observação ao colocar o

<sup>31</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 75.

<sup>32</sup> SCHNEIDER, G. *Epístola aos gálatas*. Coleção Novo Testamento, Comentário e Mensagem. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 126.

seguinte: “Hesita-se a respeito da pertença Gl 5,1. Será a conclusão da alegoria sobre os filhos de Agar e Sara, ou de fato a introdução aos capítulos 5 e 6?”.<sup>33</sup>

Algumas traduções bíblicas conhecidas preferem, sendo que Cothenet (1984), também vai por essa linha, a construção que situa o referido versículo, como aquele que funciona como versículo de abertura ou introdução aos capítulos 5 e 6, “o que permitiria conferir ao versículo todo o seu peso como uma proclamação de vitória”.<sup>34</sup> É o caso também das principais traduções bíblicas: *Novum Testamentum*, Grécia: Nestlé-Aland, 1994; da TEB (Tradução Ecumênica da Bíblia) em edição portuguesa, 1994; *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*, da Sociedade Bíblica do Brasil, 2004; *Bíblia Sagrada*, São Paulo: Ed. Pastoral/Paulus, 1990; *Bíblia Sagrada*, tradução da CNBB, 2001; *Bíblia Sagrada Ave-Maria*, 38ª ed., 1982.

Quanto à *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Paulus, 2002, embora situe o versículo 1 do capítulo 5 de Gálatas, como versículo de abertura do capítulo, parece intuir que este mesmo versículo se liga de alguma forma ao(s) capítulo(s) precedentes, tendo em vista colocar como expressão inicial do capítulo, o termo “conclusão”. É esta a linha de pesquisa que queremos seguir e desejamos nos aprofundar, pois acreditamos, como foi dito, que tal versículo ocupa um espaço central, já que conclui uma série de argumentos e abre, ao mesmo tempo, uma nova seção na Carta, configurando-se como versículo de dupla função.

Visto de perto, o versículo escolhido forma um enunciado orgânico, coeso, revelando, de forma clara, uma unidade interna. Podemos perfeitamente identificar seu início e fim. Tal versículo caracteriza-se pelo emprego e pela insistência da palavra liberdade, aliás, é o Apóstolo Paulo quem mais utiliza o substantivo *liberdade* e seus derivativos no Novo Testamento. O dicionário registra que “das 11 vezes em que ocorre o seu emprego, 7 devem-

---

<sup>33</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 75.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 75.

se a Paulo; já quanto ao emprego de *livre*, das 23 vezes em que aparece, 16 são empregadas por ele. O verbo *libertar*, 5 das 7 vezes em que é utilizado, são atribuídas a Paulo”.<sup>35</sup>

No caso do versículo ora pesquisado, é facilmente identificado o esforço do Apóstolo em chamar a atenção para o substantivo “liberdade”, pelas repetidas vezes que emprega, expressando de modo intenso o seu significado como quem deseja fazer uma afirmação absoluta e não um mero enunciado. Ao mesmo tempo, esse versículo sugere um sabor de conclusão, não de toda a Carta, mas de sua primeira parte, na qual Paulo, para defender o Evangelho e sua idoneidade de Apóstolo, constrói uma longa fundamentação, cujo ápice desemboca em Gl 5,1.

Quais os indícios de ligação de Gl 5,1 com o capítulo que o precede? Vemo-lo justamente, no fato de o mesmo apresentar a conjunção grega *οὐν*, *portanto*. A pergunta seria sobre a função gramatical ocupada por esta conjunção, dentro do versículo. Para conseguirmos elucidar tal indagação, recorreremos a Rusconi (2003), que ensina que essa conjunção grega é “partícula coordenativa consecutiva pós-positiva, cuja função é justamente tirar as conseqüências, principalmente de natureza lógica, daquilo que precede”.<sup>36</sup> Em um contexto mais próximo, fica clara a ligação do versículo 1º com o capítulo que o precede, mediante a presença dessa conjunção.

Além do uso da conjunção *portanto*, que, por seu significado, nos remete diretamente à temática precedente, podemos ressaltar outras duas questões de caráter lingüístico que servirão como forte indício dessa ligação: o fato de Paulo encerrar o capítulo 4 com o adjetivo genitivo feminino singular *livre*, o que o aproximaria do substantivo dativo feminino singular *liberdade* e do verbo aoristo, que aparece na terceira pessoa do singular, *libertou*, os quais Paulo usa como termos imediatamente próximos do versículo seguinte.

---

<sup>35</sup> BROWN, C.; COENEM, L. (orgs.) *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1196.

<sup>36</sup> RUSCONI, C. *Dicionário grego do Novo Testamento*. Tradução de Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003, p. 343.

Outro dado lingüístico que ligaria Gl 5,1 ao capítulo precedente é o uso do adjetivo *livre*, ou seja, por cinco vezes notamos seu uso nesse capítulo (Gl 4, 22, 23, 26, 30, 31).

### 1. A alegoria de Sara e Agar

Sem dúvida, não precisamos fazer grande esforço para perceber a íntima relação temática de (Gl 5,1; 4, 21-31), em que Paulo constrói a aparentemente confusa e complexa alegoria, envolvendo as figuras de Abraão, Sara e Agar. Segundo Cothenet (1984): “a alegoria de Agar e Sara é a parte mais obscura da Epístola aos Gálatas”.<sup>37</sup> Já para Turrado (MCMLXV), Paulo constrói uma perícopa no mínimo original:

Pero ahora, en esta perícopa, lo hace de manera bastante original, en forma un poco desconcertante para nuestra mentalidad y modos de expresión. En las esposas de Abraham, Agar la esclava y Sara la libre, de que nos habla la escritura (Gn 16, 1-23, 20), mira San Pablo representadas las dos alianzas: la del Sinai o de la Ley, representada por Agar, y la de la promesa o del Evangelio, representada por Sara.<sup>38</sup>

Analisando a alegoria em suas oposições estruturais podemos afirmar que toda a sua tessitura literária se dá sobre dois binômios contraditórios: a escravidão e a liberdade. Esse, com certeza, é mais um forte indício ligado a Gl 5,1. Nesse sentido, Cothenet (1984), parece confirmar nossa intuição, quando ressalta que na alegoria paulina:

<sup>37</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 71.

<sup>38</sup> TURRADO, L. *Hechos de los apóstoles y epístolas paulinas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristinianos, MCMLXV, p. 547.

[...] tudo gira em torno da antítese escravo-livre. Do lado da escravidão: Agar e Ismael, nascidos segundo a carne, Sinai, aliança para a servidão, Jerusalém atual, Ismael perseguido e expulso com sua mãe. Do lado da liberdade: Sara e Isaac, nascidos segundo o espírito, em razão da promessa, Jerusalém celeste, Isaac único herdeiro.<sup>39</sup>

Por outro lado, esse contraste temático, aqui assinalado como oposição estrutural, torna-se ainda mais evidente ao traçarmos, a partir da alegoria, o chamado paralelismo antitético, que pode ser representado da seguinte forma:

Agar, a escrava	⇒	Sara, a livre
Dá à luz segundo a carne	⇒	Dá à luz segundo o espírito
Um filho da escrava	⇒	Um filho da livre
Jerusalém atual, Sinai, escrava	⇒	Jerusalém celeste, livre e nossa mãe
Aliança de servidão	⇒	Aliança de liberdade
Filho da escravidão	⇒	Filho da liberdade

Apontados todos os matizes lingüísticos, fica mais claro o sentido global da alegoria paulina que bem poderia levar o título de *uma alegoria da liberdade*. Para nós, o sentido reside no fato de que somente a partir do evento da salvação do Cristo ressuscitado é possível viver plenamente a liberdade; conseqüentemente, a lei não pode outorgar a nenhum cristão o verdadeiro sentido de viver livremente. Eis, portanto, as implicações que o Apóstolo levantou aos Gálatas caso acolhessem a visão judaizante: permanecer nos limites da aliança configurada por Agar/Lei é renunciar o Cristo libertador e, portanto, viver sob o alcance da

<sup>39</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 71.

lei, do pecado e da morte. Robert; Feuillet (1968), concordam com esse raciocínio ao dizerem o seguinte: “Ora aceitar a circuncisão seria retornar à servidão e equivalentemente renunciar ao Cristo, como libertador, donde, a violência de Paulo contra os que convulsionam os gálatas (Gl 5, 1-12)”.<sup>40</sup>

De fato, Paulo, num rasgo de inteligência irada, usando como base os textos da Torá, voltou-se contra os judaizantes, acusando-os de nem mesmo tê-la compreendido, pois estavam relativizando o que não poderia ser relativizado: a liberdade como dom de Cristo. Erdman (1930), é categórico quando escreve: “Como poderia ser Paulo mais severo para com os judaizantes do que os colocando, como o fez aqui, no lugar dos israelitas? De que modo mais expressivo poderia ele ilustrar o contraste entre os resultados da escravidão à lei e os da liberdade cristã?”.<sup>41</sup> Também Carrez et al (1987), reforçam o tema da liberdade na alegoria paulina, ao explicitarem o que segue:

Ora, se nos referirmos ao caso de Abraão, veremos que a filiação carnal (a de Ismael) é a da escravidão, ao passo que a que resulta na promessa (Isaac), é a da liberdade. Logo, somente aqueles que são filhos de Abraão, segundo a fé, é que se tornam livres e herdeiros da promessa (Gl 4, 22-31).<sup>42</sup>

## 2. A metáfora da redenção

“Cristo nos resgatou da maldição da lei tornando-se por nós maldição, porque está escrito: maldito todo o que é pendurado sobre madeiro” (Gl 3, 13).

---

<sup>40</sup> ROBERT, A.; FEUILLET, A. *Introdução à Bíblia*. São Paulo: Herder, 1968, p. 32.

<sup>41</sup> ERDMAN, C. R. *Comentário à epístola de São Paulo aos gálatas*. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1930, p. 97.

<sup>42</sup> CARREZ, M. et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1987, p. 133.

Vemos que nesse versículo, um tanto violento na sua formulação, Paulo mais uma vez defendeu e professou a fé no Cristo ressuscitado, como sendo unicamente e, de forma definitiva, aquele que nos resgatou, nos libertou da dominação e da coação da lei sobre os crentes. Nesse sentido, propomos o estabelecimento de uma correlação temática entre Gl 5,1; 3,13, levando em conta que tal alinhamento de significado ajuda a demonstrar precisamente uma das imagens mais ricas e complexas da literatura do mundo antigo, a chamada lei da redenção.

Ao substantivo redenção é preciso começar observando que o Novo Testamento lhe confere vários outros termos. Temos, portanto, diversas expressões para uma só palavra como nos lembra Bauer (2000), ao afirmar que no Novo Testamento: “há vários termos para redenção, dos quais sete são derivados da raiz *lyo* = ‘soltar, resgatar’; há também *agorazó* = ‘resgatar’ (comprando) e *eleutheroó* = ‘libertar’”.<sup>43</sup>

No trecho Gl 3,13 Paulo usa o verbo *agorazó*, que nessa passagem está no indicativo aoristo ativo da terceira pessoa do singular, “resgatou”.

Analisando mais demoradamente esse verbo, assinalamos que se trata da preposição  $\epsilon\xi$  posta sempre antes de vogal com o verbo denominativo *agorazó*, que significa freqüentar o mercado: comprar algo para alguém ou de alguém com dinheiro, com o resgate.<sup>44</sup>

Por sua vez, a semântica da palavra *agorazó* nos remete ao substantivo *agorá*, que, além de significar assembléia dos cidadãos, também é sinônimo de praça de mercado e comércio. Por outro lado, sabemos que nesses centros comerciais era natural encontrar, ao lado de produtos diversos para consumo, escravos comprados e vendidos diariamente. Temos vasta literatura atestando a existência da escravidão no tempo de Paulo. Por isso, acreditamos que tal expressão inspirou Paulo a retomar a idéia de redenção e a aprofundar-se em outras

---

<sup>43</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 358.

<sup>44</sup> RUSCONI, C. *Dicionário grego do Novo Testamento*. Tradução de Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003, p. 19.

bases de significado. Nessa linha, de acordo com Dunn (2003): “Numa sociedade escravocrata a imagem de alforria e libertação era imagem que dificilmente podia deixar de atrair o interesse dos proclamadores do Evangelho”.<sup>45</sup>

Dessa forma, compreendemos que em Gl 3,13, Paulo metaforizou, burilando em seu sentido mais profundo um termo oriundo do mundo jurídico-comercial da sociedade escravocrata do seu tempo, aplicando-o, como acima dito, ao evento salvífico do Cristo redentor. Na verdade, como nos lembra Douglas (1995): “Paulo está empregando três metáforas: as metáforas do tribunal legal, dos sacrifícios e da alforria”.<sup>46</sup> Esta última, naturalmente, terá maior apreciação nos nossos apontamentos. É preciso, portanto, analisarmos em que sentido empregava-se a redenção e seus correlatos, inclusive sua correspondência de significado com o Antigo Testamento e, de que modo, Paulo fez sua apropriação.

No que se refere à lei do resgate, constatamos que se tratava de um processo aplicado aos animais, propriedades ou pessoas, significando, justamente, o preço pago para libertar uma pessoa da escravidão ou os bens de família do poder alheio.

Sobre os processos de alforria, havia um, muito interessante, ligado ao culto chamado redenção, que acreditamos tenha inspirado os autores do Novo Testamento, especialmente Paulo. Nesse processo, a alforria era realizada tendo como mediação uma divindade qualquer. O escravo oferecia o pecúnia poupado, entregue ao seu senhor e esta transação era feita num templo, garantida por aquela divindade. Desse modo, pensava-se no Deus como redentor e guardião do escravo, mantendo-o livre sob sua proteção.

Ainda, dando prosseguimento a esse fio de leitura e buscando a autoridade da arqueologia, lembramos Cothenet (1984), que recolheu uma ata, de cerca de 1200 atas

---

<sup>45</sup> DUNN, J. D. G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003, p. 274.

<sup>46</sup> DOUGLAS, J. D. (org.) *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 1373.

gravadas nas paredes do santuário de Delfos entre 201 a.C. e 90 d.C., a fim de comprovar o processo de redenção; eis uma delas:

(...) nas condições seguintes, Pátreas, filho de Adrônico, e Dariotimo, ambos em Delfos, venderam a Apolo Pítio uma escrava chamada Heracléia, pelo preço de três minas de prata – e receberam este preço em sua totalidade – em conformidade com a missão confiada ao Deus por Heracléia: Heracléia será livre e independente de todos para sempre, e poderá fazer o que quiser e ir para onde quiser (...) Se alguém quiser reduzir Heracléia à escravidão, que os vendedores Pátrias e Dariotimo garantam ao Deus a compra; se eles não garantirem ao Deus a compra, serão passíveis de sanções pecuniárias, em conformidade com a lei.<sup>47</sup>

Essa forma de redenção de escravos por um Deus, não deixa de ser a mais curiosa e interessante, do ponto de vista dos estudos do Novo Testamento.

## 2.1. A redenção em Israel

Estudos nos dão conta de que a prática da alforria, pela redenção, também era costume entre os judeus. Dicionários apontam, que no hebraico, os termos correspondentes para o grego *agorazó* (resgate) são *padah* (resgatar, remir, livrar) e seu derivativo *pidyon* (dinheiro de resgate).

Sobre o sentido etimológico desse verbo, a seguir Harris (1998), de forma simples e didática nos explica que:

---

<sup>47</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 100.

O sentido básico da raiz hebraica é o de conseguir a transferência de propriedade de uma pessoa para outra, mediante pagamento de uma quantia ou de um substituto equivalente. A raiz ocorre em assírio, com o sentido de ‘poupar’, e em ugarítico é usada com o significado de ‘resgatar’. A raiz e seus derivativos aparecem 69 vezes no Antigo Testamento.<sup>48</sup>

Avançando um pouco mais sobre o emprego do verbo *padah* (resgatar, remir, livrar), notamos que este ocorre muitas vezes paralelamente a outras raízes, como, por exemplo, o verbo *ga'al* (redimir, resgatar, livrar, cumprir o papel de resgate). É novamente de Harris (1998), a explicação de tal similitude:

O emprego de *padah* e seus derivados ocorre, às vezes, em paralelo com outras raízes. Deve-se destacar particularmente que *ga'al* é usado como sinônimo. As duas raízes dizem respeito à redenção mediante o pagamento de um resgate, embora seja sugerido que *ga'al* está basicamente associado à situação familiar e, dessa forma, dá a idéia da ação de um parente consanguíneo.<sup>49</sup>

Quanto ao substantivo masculino singular *pidyon* (dinheiro de resgate), é empregado somente em Êxodo 21,30 e Salmos 49,8.

A fim de exemplificar isso citamos três casos da Sagrada Escritura, os mais comuns, onde constatamos a aplicabilidade do processo de alforria pela redenção presente na vida de Israel. O primeiro, no caso de animais impuros que não puderam ser oferecidos a YHWH, o Levítico abre a possibilidade de resgate feito pelo ofertante. Segundo o texto:

---

<sup>48</sup> HARRIS, R. L. et al. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayao; Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1200.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 1203.

Em se tratando de animal impuro não se pode oferecer a YHWH, qualquer que seja, será levado ao sacerdote e este fará a avaliação do animal, declarando-o bom ou mal; e de acordo com a avaliação, tal será o seu preço. Porém, ao se desejar resgatá-lo, dever-se-á acrescentar à avaliação mais um quinto do seu valor (Lv 27,11-13).

O segundo caso se refere à propriedade. É o próprio Levítico que narra mais este caso, referindo-se a um homem que consagrou sua casa a YHWH, mas que deseja resgatá-la. Diz o texto: “Contudo, se o homem que fez voto da casa desejar resgatá-la, acrescentará à avaliação um quinto de seu preço e ela será dele” (Lv 27,15).

Um terceiro exemplo de redenção, agora envolvendo não propriedades, nem animais, mas pessoas, é o caso de Jônatas, que foi resgatado pelo povo de Israel, ao ser condenado por Saul. Diz o versículo:

Porém o povo disse a Saul: Jônatas, aquele que alcançou esta grande vitória em Israel, vai morrer? De maneira alguma! Tão certo como vive YHWH, não cairá um só cabelo da sua cabeça, porque foi com Deus que ele fez hoje o que fez. Assim o povo libertou Jônatas e ele não morreu. (1 Sam 14,45).

Em torno da imagem de redenção, como assinalamos oportunamente, houve de fato um desenvolvimento semântico tecido na consciência de fé do povo hebreu, cujas raízes terão grande relevância para a teologia cristã. De início, um termo empregado apenas no restrito mundo jurídico-comercial recebe agora do judaísmo, aprofundado pelo cristianismo, uma elaboração literária mais sofisticada, mais refinada; este significado consiste num fato que marcaria para sempre a vida de Israel: a libertação do Egito.

Deus é por excelência o *go'el* (o redentor) que arrancou Israel da casa da escravidão. Se nos textos de Levítico, anteriormente citados, a idéia de resgate fundava-se especialmente num preço material a ser pago, em Dt 7,8; 9,26, o resgate passa a ter outro matiz em seu significado: o da atividade redentora de YHWH, que por seu poder, amor e fidelidade, redimiu Israel da casa da escravidão.

Podemos, enfim, notar que o processo de redenção, posto a serviço da linguagem teológica de Israel, sedimentará uma das imagens mais caras, marcando definitivamente o judaísmo e seus escritores: a imagem do Deus libertador, imagem esta, que favorecerá a convicção profunda da identidade de Israel como o povo da aliança. Brown; Coenem (2000), conseguem resumir bem esta convicção, quando dizem:

Parece provável que as palavras *Gã'al* e *Pãdâh*, que tinham estreita ligação com a idéia de libertar escravos e resgatar pessoas e coisas, foram retomadas no vocabulário dos escritores de Israel como sendo os termos mais apropriados para descrever a libertação da escravidão daqueles que tinham sido conquistados pelo Egito e pela Babilônia, e a recuperação por Javé, para sua propriedade legal, do povo da sua possessão. Este desenvolvimento semântico não faz mais do que estender e ressaltar aquilo que já era o tema essencial de *Gã'al* e *Pãdâh*, no seu emprego especializado, a saber, o de trazer as pessoas para a liberdade.<sup>50</sup>

## 2.2. Redenção/libertação: duas palavras para uma mesma imagem

Até aqui, nossos apontamentos demonstraram que o processo de alforria, chamado redenção, é um fenômeno conhecido dos dois Testamentos e que este termo, inicialmente

---

<sup>50</sup> BROWN, C.; COENEM, L. (orgs.) *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1989.

oriundo do mundo jurídico-comercial, foi empregado para regular as transações comerciais, especialmente a compra e venda de escravos.

Paulo dele se apropria para fundamentar uma das tantas imagens cristológicas presentes no seu universo literário. No fundo, Paulo deu continuidade à leitura de fé por Israel no Deus libertador, vista agora sob uma perspectiva eminentemente cristológica.

Há, porém, uma evidente observação no nosso estudo sobre redenção e que, de saída, nos remete à Gl 5,1; qual seja, em todas as formulações encontradas, quando da aplicabilidade do processo de redenção, quer para coisas, animais ou pessoas, persiste o substrato de significado da liberdade, pois redimir é, invariavelmente, arrancar fora, deixar ir, libertar, soltar as amarras. Desse modo, não há como pensarmos em redenção, sem ter presente seu objeto correspondente: a libertação. Portanto, quando usamos redenção e seus correlatos, estamos inevitavelmente falando de liberdade, quer como um bem adquirido à custa de alguma compensação, quer como um dom que nos foi concedido pelo alto.

Por isso podemos, com segurança, traduzir Gl 3,13 como: “Cristo nos libertou da maldição da lei”, pois no fundo, estamos dizendo que Gl 3,13 é uma variação do mesmo tema proposto em Gl 5,1, isto é, a liberdade diante da lei que nos foi dada como um dom, mediante o resgate que a morte e ressurreição de Cristo nos oferecem, a preço do seu sangue.

Quanto a isso, foi Paulo quem disse em 1Cor 7,23: “Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate; não vos torneis escravos dos homens”. Na carta aos Romanos, disse (Rm 3,24): “E justificados gratuitamente, por sua graça em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus”.

Desse modo, o Novo Testamento, e especialmente Paulo, compreendem que o preço do resgate e da aquisição foi o sangue de Cristo inaugurado na sua cruz. Assim sendo, podemos afirmar que uma vez resgatados pela cruz, somos livres. Cristo nos resgatou e, conseqüentemente, nos libertou.

### 2.3. Maldição/escravidão

Até aqui, o nosso esforço se deu no intuito de demonstrar a proximidade de significado entre redenção, termo posto em Gl 3,13, com a liberdade expressa em Gl 5,1, chamando a atenção para a profunda correlação entre esta e aquela.

Na medida em que afirmamos que ao usar *redenção*, Paulo teve diante dos olhos a imagem do homem que saiu do estado escravo para o estado livre, ele estava no fundo dissertando sobre a liberdade. Com igual clareza, podemos dizer que a maldição presente em GL 3,13 encontra ressonância e afinidade com a escravidão de Gl 5,1. Num certo sentido, podemos observar claramente a mútua relação entre os termos. Dito isto, é preciso estabelecer precisamente em que medida tal proximidade é feita, respondendo inicialmente às perguntas: Em que consistiu a expressão usada pelo Apóstolo: “maldição da lei”? Em que medida a lei se tornaria maldição?

Para responder a tais indagações, é importante compreendermos a complexa dialética que há em torno de lei/maldição. Paulo disse: “Os que são pelas obras da lei, esses estão debaixo de maldição, pois está escrito: maldito todo aquele que não se atém a todas as prescrições que estão no livro da lei para serem praticadas” (Gl 3,10).

Em outras palavras, para Paulo a maldição estava em que a lei cria nas pessoas um estado compulsório no qual são encarceradas, obrigadas a cumprir toda a sua carga de prescrições e proibições e, sendo obrigadas a cumpri-las por inteiro, tornam-se escravas da lei. Ao mesmo tempo, como sua restrita observância é impraticável, se fazem violadoras da lei, tornando-se malditas diante dela. Por isso, acreditamos que quando Paulo pensa em maldição da lei, igualmente pensa em escravidão da lei. É precisamente nesse sentido que Gl 3,13; 5,1 constitui um claro paralelismo.

Há um outro aspecto importante observado por Paulo e anotado por Leon-Dufour et al (1972): “a lei lança as pessoas num estado de maldição/escavidão na medida em que a lei tem por seu papel e sua natureza a função única de manifestar as transgressões feitas, revelando pecados cometidos, sem conceder a estas o poder de superá-los”.<sup>51</sup> É o que o Apóstolo afirmou em Gálatas, quando disse: “Por que então a lei? Foi acrescentada para que se manifestassem as transgressões...” (Gl 3,19a). Idéia que se encontra também em Rm 7,7.

Diante desse quadro, a pergunta que se impõe é: Como romper com esse círculo de maldição imposto pela lei? O capítulo quinto responde que é possível somente pela liberdade com que Cristo nos libertou. Em outras palavras, somente pelo caminho da fé, unindo-nos a Cristo e recebendo dele o Espírito, fonte de liberdade.

Devemos chamar a atenção para outro aspecto não menos importante, sobretudo visto no contexto geral da Carta aos Gálatas com relação à maldição e à salvação oferecida aos gentios. Ao considerarmos a bênção como mistério de eleição e a maldição como mistério de rejeição devemos concluir que, Paulo fez voltar a maldição sobre aqueles que amaldiçoavam, no caso, os judaizantes, que impediam os gentios de serem considerados fidedignos partícipes da família dos filhos de Deus, do número dos eleitos, por não cumprirem a lei.

Nesse caso, a pregação judaizante e suas exigências seriam na prática, uma pregação excludente por não considerar a participação e a entrada dos pagãos na Igreja. Bauer (2000), resume bem essa idéia, ao relatar que:

A lei de Moisés, sancionada por maldições, operava realmente maldição (Gl 3, 10,13). Mt 27,25 não significa uma culpa ou maldição coletiva de Israel, e

---

<sup>51</sup> LÉON-DUFOUR, X. et al. *Vocabulário de teologia bíblica*. Tradução de Frei Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 550.

sim, no contexto da interpretação da catástrofe do ano 70 d.C., como julgamento, à entrada da igreja aos gentios na herança de Israel.<sup>52</sup>

Por último, para melhor visualizar nossa tentativa de ligar Gl 3,13 a Gl 5,1 apresentamos, graficamente, o paralelismo sintético existente entre os termos abordados nos dois textos e que de algum modo se relacionam:

Cristo	⇒	Cristo
Redenção	⇒	Libertação
Maldição	⇒	Escravidão
Lei	⇒	Rejeição
Benção	⇒	Eleição

### 3. A liberdade em sentido absoluto

Somos convidados agora, como num retrovisor, a olharmos para o que foi dito, procurando compreender nosso objeto de pesquisa (Gl 5,1), a partir do seu antecedente (Gl 2,4). Aquilo que se diz no passado e que, em seguida, quase se repete, toma um significado muito importante porque figura como expressão inaugural daquilo que posteriormente será retomado e aprofundado. Portanto, quando vemos Paulo afirmar: “Para a liberdade Cristo nos libertou...” (Gl 5,1), estamos interpretando este versículo, em ordem de significado, em parte, como decorrência e síntese natural daquilo que o Apóstolo dissera anteriormente: “Nós temos a liberdade em Cristo Jesus” (Gl 2,4).

<sup>52</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 237.

Antes de tudo, precisamos situar (Gl 2,4), dentro do contexto geral de (Gl 2,1-10). Estamos na chamada Assembléia de Jerusalém, fato também mencionado por Lucas 15. Aqui, temos os personagens que compõem este evento: Paulo, Tito e Barnabé; os intrusos ou falsos irmãos, como os adjetiva Paulo (Gl 2,4) e os chamados notáveis de Jerusalém: Tiago, Cefas e João (v. 9). Esse texto suscitou, ao longo dos tempos, variadas e discutidas questões sem qualquer unanimidade. Quando Paulo diz: “Em seguida, catorze anos mais tarde...” (Gl 2,1), esse número refere-se aos anos posteriores à sua conversão ou à visita que o Apóstolo menciona em Gl 1,18?

Outra questão refere-se à motivação de fundo deste evento quando Paulo foi à Jerusalém em primeiro lugar por ordem divina, “em virtude de uma revelação...” (Gl 2,2). Já para Lucas, Paulo teria sido escolhido por uma delegação oficial. Sendo assim, nos perguntamos: A quem dar razão? Quem seriam esses intrusos não nomeados por Paulo e, onde teria ocorrido tal infiltração? Os conservadores de Jerusalém teriam se infiltrado em Antioquia ou o inverso?

Foram essas questões que alimentaram grandes debates entre os exegetas. Entretanto, sem entrar no mérito dessas discussões, o objetivo deste estudo consiste em anotarmos a importância diríamos quase central, que a liberdade toma nesse texto, quando Paulo afirmou, “a liberdade que temos em Cristo Jesus” (Gl 2,4).

Pela primeira vez Paulo defendeu na Carta aos Gálatas, de forma aberta, o Evangelho como liberdade dos gentios em relação à lei, aliás, é a primeira vez que ocorreu o emprego do substantivo *liberdade*. Por isso, propomos em todo o texto um corte epistemológico de Gl 2,4, como tentativa de compreendermos a liberdade e sua posterior ligação com Gl 5,1.

Assim, a fim de esclarecermos essa categórica afirmação de Paulo sobre a liberdade (Gl 2,4), é interessante notarmos que num texto por vezes truncado, enxuto,

nervoso, polêmico, há duas afirmações importantes: temos em Cristo a liberdade (Gl 2,2) e, Deus não faz acepção de pessoas (Gl 2,6). No entanto, precisamos perguntar: De que tratava a Assembléia de Jerusalém? Qual era a temática da discussão? Afinal, qual foi o assunto sobre o qual as partes divergiram? A resposta a essas questões, para além das dificuldades que o texto apresenta, goza de unanimidade entre os exegetas como, por exemplo, O'Connor (2000) que revela o seguinte: “A controvérsia em Jerusalém dizia respeito à circuncisão dos pagãos convertidos”.<sup>53</sup> Não é sem importância que a circuncisão apareça pelo menos cinco vezes ao longo do texto. Portanto, se pudéssemos resumir o *status questionis* da Assembléia de Jerusalém com a pergunta: Os gentios convertidos ao Evangelho deveriam ser circuncidados? A proclamação do Evangelho aos gentios deveria passar necessariamente pela circuncisão? Alguns diziam que sim; Paulo, porém, afirmava que não.

Tendo tomado a circuncisão como objeto da controvérsia de Gl 2,1-10 se faz necessário darmos um passo adiante; ora, se afirmamos como a maioria dos autores que a circuncisão figura como a questão central de Gl 2,1-10 o que significa precisamente nesse contexto a afirmação paulina da liberdade? Como situá-la, visto que no mesmo capítulo, Paulo a estende também às questões alimentares?

A primeira observação a ser feita é a de que Paulo não define propriamente o que é liberdade, exceto quando faz um contraponto com as leis alimentares (Gl 2,12) e, especialmente, com a circuncisão (Gl 2,3), que juntamente com a observância do calendário de festas (Gl 4,10) constituíam, para os judaizantes, os pontos fundamentais da lei. Lei que o Apóstolo tanto em Gl 2,4, como em Gl 5,1, adjetiva como escravidão. Temos, portanto, do ponto de vista literário, a antítese perfeita elaborada por Paulo: de um lado, a liberdade dada por Cristo, de outro, a escravidão imposta pela lei. Nesse quadro, é mera decorrência afirmarmos: compreender o significado de liberdade significa, ao mesmo tempo, procurar

---

<sup>53</sup> O'CONNOR, J. M. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 145.

relacioná-lo com o objeto que se lhe configura como sua oposição, ou seja, a lei. Estamos, portanto, no universo teológico-judaico e é dentro deste que devemos procurar entender o significado de liberdade.

### **3.1. A liberdade no Antigo Testamento**

Por outro lado, ao admitimos que a idéia de liberdade paulina, além de outras influências, deita raízes no entendimento de liberdade judaica e, ao mesmo tempo, vai além dele, antes de procurarmos compreender a questão do Apóstolo, a da liberdade diante da lei, faz-se mister perguntar: Como a liberdade aparece no Antigo Testamento? Qual a compreensão judaica de liberdade e que lugar esta ocupa na vida de Israel? Se de fato ela está presente, qual o seu pensamento último? Paulo simplesmente a repete ou a redimensiona em bases mais profundas? Os judaizantes a compreenderam?

#### **3.1.1. (Uma) aliança para a liberdade**

A primeira e importante observação a ser feita é a de que, no Antigo Testamento, não encontramos maiores considerações a respeito do conceito de liberdade. Não há formulações sobre essa palavra; ela, a rigor, não existe. Ademais, quando Israel fala de liberdade o faz através de verbos como “soltar”, “redimir”, “salvar”, “arrancar” e semelhantes. Nessa linha, é importante lembrarmos de Bauer (2000), quando afirma: “Em Israel os aspectos políticos, sociais e religiosos formam uma unidade”.<sup>54</sup> O que nos leva a concluir que pelo fato da ausência do conceito de liberdade, não significa que esta não esteja

---

<sup>54</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 238.

presente na vida de Israel, pelo contrário, sua história é marcadamente uma história de liberdade e a vida de Israel é testemunho disso.

Ao tratar do tema liberdade no Antigo Testamento, os autores, em sua maioria, nos remetem imediatamente ao acontecimento fundante, que marcou para sempre a vida de Israel: a libertação do Egito, da casa da servidão; é esse sem dúvida, o marco político-social sobre o qual Israel passou a assentar toda a sua convicção existencial e de fé, e que recebeu, ao longo da história da salvação, por parte de juizes, profetas, sábios e evangelistas, um significativo desenvolvimento teológico. Portanto, na percepção da esmagadora maioria dos escritores bíblicos, não há como falar da liberdade em Israel sem partir do que aconteceu no episódio do Êxodo.

Tomemos, sobre esse ponto de vista, a observação de alguns deles, como por exemplo, Cothenet (1984):

Devemos concluir, pelo fato da ausência da palavra que os israelitas não tinham o senso da liberdade? Sua história dá testemunho do contrário. O acontecimento fundador é a libertação da Casa da Servidão onde os antepassados eram submetidos a duros trabalhos forçados.<sup>55</sup>

Por sua vez, Brown; Coenem (2000), prosseguem na mesma linha, ao escreverem que:

A liberdade de Israel, e a de seus membros individuais, não era considerada assunto independente dos atos remidores e salvadores de Deus. Para Israel, a

---

<sup>55</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 78.

liberdade significava ser libertado por Javé, como E. G. da escravidão no Egito. Sendo assim, identificava-se com a redenção.<sup>56</sup>

Falando ainda da marca indelével que se impregnou na consciência de liberdade de Israel, notemos também o que diz Comblin (1977), em seu livro *A liberdade cristã*:

Os acontecimentos que marcaram a liberdade do Egito – os sinais e prodígios do Mar Vermelho e do deserto, a revelação de Deus, os atos fundadores da aliança – fornecem uma referência permanente para que o povo de Israel pudesse compreender, julgar e orientar todos os acontecimentos da História. O Êxodo era a norma, o modelo, a imagem ideal.<sup>57</sup>

Em outro lugar, falando mais uma vez da memória desse acontecimento, Comblin (1977), relata o seguinte: “Esta lembrança nunca está ausente da consciência do israelita. Ela é a tela de fundo de toda a sua representação de Deus, do mundo de si próprio”.<sup>58</sup>

Assim, tantos quantos pudéssemos nomear, diriam que de fato o acontecimento básico que marcou a origem de Israel como povo eleito foi, sem dúvida, a libertação do Egito.

A essa altura, ao situarmos a liberdade judaica ligando-a ao acontecimento do Êxodo, diríamos que a liberdade para Israel e seu entendimento foi percebida e sentida como um dom de Deus, como bem dizem Brown; Coenem (2000): “A liberdade não era outorgada

---

<sup>56</sup> BROWN, C.; COENEM, L. (orgs.) *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1195.

<sup>57</sup> COMBLIN, J. *A liberdade cristã*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 8.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 7.

pela natureza, pelo contrário, sempre era experimentada como dádiva preciosa da parte de Deus”.<sup>59</sup>

A liberdade aconteceu na vida do povo israelita, por pura misericórdia e graça de Deus, que resolveu escolher Israel como povo de sua herança. Quando falamos de escolha, estamos falando de um dos componentes que formam o conjunto de postulados da aliança, justamente a eleição. Deus revelou-se a Israel mediante suas intervenções em favor deste povo, e resolveu escolhê-lo como sua herança. Nesse horizonte, devemos olhar a liberdade judaica, sempre sob da perspectiva da aliança estabelecida por Deus.

Ao olharmos a liberdade sob o prisma da aliança e, portanto, da eleição, jamais poderíamos considerá-la como uma construção meramente humana, mas algo dado pelo alto, “bênção ligada ao pacto, algo que Deus prometeu manter enquanto seu povo for fiel”.<sup>60</sup>

Assim, para Israel, a liberdade veio de Deus e para ele se dirige no sentido de que somente podemos vivê-la verdadeiramente se estivermos a serviço de Deus. É assim Douglas (1995) explicita tal idéia:

A liberdade conforme concebida pelo Antigo Testamento significa, por um lado, livramento de forças criadas que impedem o homem de servir e de desfrutar de seu criador; e, por outro, significa a felicidade positiva de viver em comunhão com Deus, sob sua aliança no lugar onde ele achou por bem se manifestar e abençoar aos que lhe pertencem.<sup>61</sup>

Essa consciência de povo eleito, agraciado com a liberdade por YHWH, jamais deixará de estar presente na vida de Israel, mesmo nas graves crises internas e externas;

---

<sup>59</sup> BROWN, C.; COENEM, L. (orgs.) *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1195.

<sup>60</sup> DOUGLAS, J. D. (org.) *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 928.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 928.

sobretudo, nesse contexto, irá aflorar, ainda com mais intensidade, a imagem de YHWH como o libertador, o resgatador. A extensão, o alcance desse acontecimento viverá como que nas entranhas dos israelitas e, tanto individualmente, estão os salmistas a cantar esta liberdade, quanto socialmente, tendo em vista os profetas que não deixam o povo esquecer a história subsequente de Israel, a qual é um prolongamento do que aconteceu no Egito.

Sobre a permanente e viva memória de YHWH, na vida do povo, alguns autores revelam uma feliz percepção, como o caso de Léon-Dufour et al (1972), quando falam de “prolongamentos pessoais e sociais” dessa liberdade: “No plano pessoal, a libertação operada por Deus em favor do seu povo se prolonga e se renova de certo modo na vida de cada fiel (CF. 2-5 4,9: ‘Pela vida de Javé que livrou de toda aflição’), e este é um tema freqüente na oração dos salmos”.<sup>62</sup>

Um pouco mais adiante, falando dessa lembrança e sua influência na organização social de Israel, Léon-Dufour et al (1972) também nos lembram que:

No plano social, a própria legislação bíblica está marcada pela lembrança da primeira libertação de Israel, sobretudo na corrente deuteronomista. O escravo hebreu devia ser posto em liberdade no sétimo ano, em recordação ao que Javé tinha feito pelos seus (Dt 15, 12-15; cf. Jr 34,8-22). A lei, de resto, não era sempre respeitada e, mesmo depois do retorno do exílio Neemias teria que se insurgir contra as exações de certos compatriotas que não hesitavam em reduzir à escravidão os seus irmãos resgatados (Ne 5,1-8) e não obstante, ‘dar liberdade aos oprimidos, quebrar todos os jugos, é uma das formas do jejum que agrada a YHWH’ (Is 58,6).<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> LÉON-DUFOUR, X. et al. *Vocabulário de teologia bíblica*. Tradução de Frei Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 527.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 527.

Até aqui, procuramos compreender a questão da liberdade na vida de Israel, situando-a no interior do contexto da aliança, mostrando em que bases originalmente se encontra e quais os seus impactos na vida do povo de Deus. Queremos agora, retornar aos três aspectos importantes dessa conseqüente liberdade na vida do povo e, posteriormente, precisar de que modo estes influenciaram o Novo Testamento, especialmente, a visão do Apóstolo.

O primeiro aspecto, repetidamente lembrado e que perpassou a vida do povo eleito em todas as suas fases históricas, é o de que a liberdade não teria sido algo merecido, não teria sido uma conquista humana.

Todos os debates, em se tratando da vida de Israel, e naturalmente de sua liberdade, partem do pressuposto de que Israel é o povo eleito por Deus e que, por isso mesmo, poderia contar sempre com a fidelidade desse mesmo Deus à aliança, aliança que se deu unicamente por meio da atividade redentora, amorosa e gratuita de YHWH. Isso significaria dizer que: não corresponder a esta graça e a este amor de YHWH seria certamente trilhar o caminho mais próximo da perda dessa liberdade. Brown; Coenem (2000), resumem de forma categórica essa idéia ao relatarem que:

A dádiva da liberdade continuava vinculada ao doador. Abandonar Javé tinha como conseqüência necessária a perda da liberdade. Esse fato é demonstrado pela era dos juízes, uma época de apostasia de Javé, de escravidão, de arrependimento e de libertação (Jer 2:1 e s.). A história dos reinos do norte e do sul foi semelhante. A conquista pelos assírios foi a conseqüência da impiedade do reino do norte (2Rs 17:7-23). Assim como o cativo na Babilônia foi conseqüência da impiedade do reino do sul (2Rs

21:10-15; 22:19-20; 23:25 e seg.). O fim da liberdade política de Israel achou expressão intensamente comovedora nas lamentações de Jeremias.<sup>64</sup>

Um segundo, e não menos importante aspecto a considerarmos, mais adiante retomado por Paulo, é o fato de a liberdade para o povo bíblico ser considerada como um projeto coletivo. Em outras palavras, não encontramos aí o modo de definir a liberdade como o faz a modernidade, ou seja, como a possibilidade de escolher entre duas coisas contrárias, ou mesmo o poder decisório de fazer o que bem se deseja.

Para Israel a liberdade consiste em estar submisso à Torá, o que não deve ser confundido com escravidão, mas como caminho para se conservar a verdadeira liberdade. A ação de Deus não se dirige a um indivíduo em particular, nem sua aliança é outorgada a um pequeno grupo, mas a toda a comunidade.

O próprio Decálogo é dado em vista do aperfeiçoamento das relações, e com isso, da garantia de se viver livremente na comunidade. Falando nessa linha, encontramos Zenger (1989) para quem: “Os Dez Mandamentos são como pedra preciosa na qual, mediante a atuação do espírito, se cristalizaram as muitas experiências que Israel fez ao aceitar a vida oferecida por Javé no deserto da sua história”.<sup>65</sup>

Desse modo, ao compreendermos a atuação de Deus dirigida à coletividade, devemos também entender, que somente na comunidade, a liberdade poderia ser vivida de modo autêntico garantida pela lei que gera a vida. Sobre o assunto, Zenger (1989), diz ainda:

As narrativas dos Dez Mandamentos não querem comprovar que Javé revelou em algum momento no deserto do Sinai estes mandamentos, mas que Javé quis, nesses Mandamentos, estar perto do seu povo como aquele

---

<sup>64</sup> BROWN, C.; COENEM, L. (orgs.) *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1195.

<sup>65</sup> ZENGER, E. *O Deus da Bíblia*. Tradução de F. Glenk. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 57.

Deus que impede a destruição ameaçadora. Através dos Dez Mandamentos Javé quis mostrar-se como Deus que pode fazer do deserto um lugar de vida.<sup>66</sup>

Portanto, a liberdade seria, antes de tudo, fruto, bênção, dom de Deus que suscita a vida no meio do povo, mediante seus ensinamentos, suas instruções. Sendo assim, Brown; Coenem (2000) nos revelam o seguinte:

Os atos de Deus são fundamentais para a vida humana em comum. Conforme o Decálogo, a liberdade, a vida (Ex 28:13), o casamento (20:13), a honra (20:16) e as posses (20:17), pertencem aos direitos básicos do homem, que Javé concede ao povo da sua aliança e mantém para ele.<sup>67</sup>

Um terceiro e último aspecto reside no fato de que a ação do Deus que liberta o seu povo no Egito é a mesma que está presente na vida dos profetas. No fundo todos os profetas, ao seu modo, e no seu tempo devido, fazem com que Israel não se esqueça de que toda a sua missão está no esforço de conservar a liberdade que recebeu de YHWH.

Mediante tais fatos, podemos dizer que todo profeta é um intérprete da liberdade, dada pela graça e pelo amor de YHWH. Este liberta e, ao mesmo tempo, pelos profetas, indica o caminho de como conservar esta liberdade. Sobre o assunto, segundo Croatto (1981):

Israel conheceu a Deus em sua obra de libertação. ‘Conhecê-lo’ implica, desde então, viver a libertação e libertar os outros; para o rei, fazer ‘justiça’

---

<sup>66</sup> ZENGER, E. *O Deus da Bíblia*. Op. cit. p. 57.

<sup>67</sup> BROWN, C.; COENEM, L. (orgs.) *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1196.

aos humildes. Efetivamente ele representa Javé. Oprimir equivale a desconhecer o Deus que deu a liberdade.<sup>68</sup>

Temos, portanto, as dimensões básicas sobre as quais se apóia a compreensão de liberdade judaica: a liberdade como uma dádiva dos céus, o entendimento de que esta só é possível como projeto coletivo, autenticamente vivida no meio da comunidade, e ao mesmo tempo, a perene necessidade de conservá-la, por seus profetas.

Agora, ao acreditarmos que esse arcabouço de entendimento influenciou e inspirou Paulo no seu conceito de liberdade, resta-nos saber como e precisamente em que medida e, até que ponto isso ocorreu.

### **3.2. Jesus: o livre e o libertador**

No Novo Testamento, especialmente nos sinóticos, não encontramos maiores destaques a respeito da palavra liberdade, exceto como anteriormente assinalamos, nas cartas paulinas, especialmente na Carta aos Gálatas e na Carta aos Romanos. Aliás, como nos lembra Bauer (2000):

Jesus não usa a palavra liberdade, mas fala dela de modo indireto. Como toda a tradição grega, bíblica e judaica, ele supõe a liberdade quando convoca a seguir sua pessoa e sua mensagem. Também concretamente, ele vive e possibilita liberdade tornando-se síntese de uma nova existência dada por Deus.<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> CROATTO, J. S. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. Tradução de José Américo de Assis. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 98.

<sup>69</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 238.

Isto implica dizer que toda obra salvífica de Cristo tem como fundamento o ato redentor e libertador de sua morte e ressurreição. “É de Cristo redentor que partem o seu pensamento e a sua ação, quando diante dos dramas que dilaceram o mundo, ela reflete sobre o significado e os caminhos da libertação e da verdadeira liberdade”. E mais: “A verdade, a começar pela verdade sobre a redenção, que está no âmago da fé, é, pois, a raiz e a regra da liberdade, fundamento e medida de qualquer ação libertária”.<sup>70</sup>

Quando consideramos, com todo o Novo Testamento, o evento salvífico de Cristo na cruz redentora como ato fundante de onde emana a verdadeira liberdade estamos aludindo a um argumento central, a uma premissa fundamental da teologia cristã e paulina: Jesus tornou-se, e assim ele se auto-compreendia, a revelação definitiva da vontade de Deus para a salvação de todos os homens. Vontade de Deus, que o Novo Testamento acredita expressa, já na Torá, em forma de promessa. Nesse sentido, podemos compreender Jesus como aquele que veio, não para destruir a Torá, mas dar-lhe pleno cumprimento, acabamento, já que esta tinha a função de anunciar a sua chegada.

Lucas diz claramente em seu texto: “E, começando por Moisés e percorrendo todos os profetas, interpretou-lhes em todas as escrituras o que a ele dizia respeito” (Lc 24,27). Portanto, cumprindo plenamente a Torá, ele a ultrapassou, a superou, pois agora o seu corpo ressuscitado e glorificado teria se tornado o centro do verdadeiro culto espiritual, irradiando a verdade profunda sobre o sentido da verdadeira liberdade.

Mateus, por sua vez, também percebeu claramente os dois movimentos contidos na missão e na realização da obra de Cristo: o de realizador da esperança de Israel e o de revelador da salvação aos gentios, quando, no capítulo do Sermão da Montanha, disse: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5,17). Dar pleno cumprimento significa realizar, levar a cabo a promessa

---

<sup>70</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Op. cit. p. 238.

contida na lei, estendendo-a agora para todas as nações. Nesse sentido, Jesus não poderia ser acusado de antinomista, pois não havia negado a função da lei como anunciadora da promessa, tampouco poderia ser acusado de heteronomista, porque ao se tornar revelação definitiva do Pai para a humanidade, teria superado a Lei. Sobre o assunto, Jeremias (1977), declara com propriedade que:

Jesus, respondendo à insinuação (*mè nomisate*) de que ele é antinomista, está dizendo que sua tarefa não é a dissolução da Torá, mas sua complementação. A tradução de *ósope* ('acrescentar') por *plerôsai*, no grego, expressa adequadamente que o propósito da 'complementação' é atingir a medida completa. Temos aí a idéia da medida escatológica, que Jesus usa em outros lugares, *Plerôsai* é, portanto, termo tecno-escatológico. Em outras palavras, com o *lógion* de (Mt 5,17) Jesus está a reclamar para si ser o mensageiro escatológico de Deus, o profeta prometido igual a Moisés (Dt 18,15. 18) que é o portador da revelação definitiva e que, por isso, exige obediência absoluta. De fato, esta pretensão de Jesus, de ser o portador da revelação consumada de Deus pelas suas palavras, é especialmente clara no esquema antitético de Mt 5,21-48, que, por envolver uma inaudita contraposição à Torá, aos ouvidos do tempo, faz parte da rocha original da tradição. Jesus está a proclamar que a vontade divina na Basiléia se sobrepõe à vontade divina expressa na era veterotestamentária (Mc 10,1-12).<sup>71</sup>

Portanto, vemos com Jesus à volta do Espírito de Deus trazendo o tempo da misericórdia e salvação para todo aquele que nele crê. O Espírito do Senhor, que conforme a escritura se apagara da vida dos homens que pecaram contra Deus, retorna agora na

---

<sup>71</sup> JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. v. 1. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 133-134.

encarnação do filho, restituindo a comunicação plena com o Pai, como bem diz Jeremias (1977):

A presença do Espírito é sinal da irrupção do tempo salvífico. Seu retorno significa o fim do julgamento e o começo do tempo da graça. Deus se debruça novamente sobre o seu povo. Como portador do Espírito, Jesus não é apenas um elo na série dos profetas, mas o último e definitivo mensageiro de Deus. Sua pregação é evento escatológico. Manifesta-se nela a aurora da consumação do mundo. Deus está a falar sua última palavra.<sup>72</sup>

Diante do acima exposto, a pergunta fundamental é: Porque falando de liberdade no Novo Testamento e em Paulo, a insistência em considerar Jesus Cristo como revelação derradeira do Pai para os homens? Ou seja, por que, necessariamente, partir da cruz de Cristo como imperativo categórico, para falarmos da liberdade em Paulo? Que matizes trouxeram ao discurso de liberdade paulina a morte e ressurreição de Cristo? As respostas a estas indagações nos parecem simplesmente determinantes para a compreensão, não somente da liberdade em Paulo, mas de todo o seu pensar teológico.

#### **4. Revelação, comunidade e missão**

Quando direcionamos as dimensões sobre as quais se assenta a liberdade para Israel, e que estas apontam inevitavelmente para a pessoa de Jesus como a revelação definitiva da salvação para judeus e gentios, presente já no Antigo Testamento, estamos ao mesmo tempo afirmando que devemos agora buscar, em Jesus, a fonte e a raiz da verdadeira liberdade.

---

<sup>72</sup> JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. Op. cit. p. 134.

Em segundo lugar, queremos reiterar que a idéia da liberdade como um projeto que se vive coletivamente, permanece e, é fonte de inspiração no pensamento paulino: é em torno da liberdade concedida pela cruz de Cristo que a comunidade se origina. Jesus gera e vivifica a comunidade dos crentes. Sobre ele esta comunidade existe e se desenvolve.

Finalmente, queremos mostrar que a missão confiada aos profetas como defensores da liberdade também apresentou influência na vida de Paulo, que por vocação, alinhou-se ao chamado do Pai, sentindo-se em Cristo, herdeiro deste mandato.

#### **4.1. Jesus: fonte de liberdade**

Se anteriormente dissemos que, para Israel, a liberdade é bênção do alto, dom de Deus, não podendo, portanto, ser atribuída ao esforço meramente humano, e que Jesus tornou-se, pela vontade do Pai, o centro de toda a salvação, devemos concluir, num raciocínio lógico, que para o Novo Testamento, especialmente para Paulo, a liberdade passou a ser obra e graça do filho de Deus. Portanto, o sacrifício de Cristo na Cruz passou a ser o gerador da verdadeira liberdade. Agora, devemos encarar a liberdade, não como um esforço da humanidade, mas como dádiva do filho de Deus e de sua redenção. A nossa liberdade é vivida no filho de Deus, a Ele somos devedores: devemos compreender que, nesse sentido, a idéia de liberdade e sua origem no Antigo Testamento influenciaram diretamente São Paulo.

Sobre isso, Brown; Coenem (2000), vêm em nosso auxílio, ao assegurarem que:

A idéia de liberdade no Novo Testamento, portanto, segue aquela do Antigo Testamento. A dádiva da liberdade é vinculada ao doador. 'Porque tudo é vosso... e vós sois de Cristo, e Cristo de Deus' (1 Cor 3:21, 23). Essa sujeição é, ao mesmo tempo, uma aliança. Seu âmbito até se estende aos poderes e dominadores sobrenaturais que são despojados de sua autoridade

absoluta, porque foram conquistados por Cristo, e já não podem fazer separação entre o homem e Cristo (Rm 8: 38; Gl 4:3, 9; 1Cor 15:24). O horizonte impenetrável torna-se transparente à luz desta liberdade.<sup>73</sup>

Ainda, como já mencionado Deus atua para a comunidade, não para o indivíduo. Sua aliança, em primeiro lugar, é com o coletivo, não com o individual. É dentro desse contexto que deveria ser vista a liberdade. No Novo Testamento essa idéia continua presente, agora sob uma perspectiva cristológica. Se no Antigo Testamento a lei garantia uma vida autêntica e livre para a comunidade, no Novo Testamento a fé e o batismo passam a autenticar uma vida sinceramente vivida na comunidade. Em torno da cruz de Cristo se origina a comunidade que se dirige para esta salvação. Nessa linha, O'Connor (1994), nos diz o seguinte:

É para frisar este ponto que Paulo emprega uma variedade de expressões, visando evocar a natureza comunitária da existência autêntica: 'em Cristo', 'vos vestistes de Cristo', 'ser de Cristo' e do modo mais dramático, 'todos vós sois um só homem em Cristo Jesus'.<sup>74</sup>

Ademais, ao contrário dos cultos da religião de mistério dirigidos ao indivíduo que acreditava incorporar parte do poder do Deus adorado pela ingestão de um alimento sagrado, o corpo de Cristo ressuscitado em torno do qual os fiéis se unem, produz necessariamente, em cada indivíduo, abertura para construir a comunidade no amor, na solidariedade e, sobretudo, na liberdade.

---

<sup>73</sup> BROWN, C.; COENEM, L. (orgs.) *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1197.

<sup>74</sup> O'CONNOR, J. M. *Antropologia pastoral*. Tradução de Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994, p. 180.

Finalmente, atentemos para o fato de os Profetas representarem os guardiões da liberdade. Eles são os fiéis intérpretes da lei de Deus, que assegura uma vida livre para todos. São chamados e separados por Deus para essa missão.

Nesse sentido, podemos dizer que é inequívoca a inspiração do Antigo Testamento na vida do judeu Paulo, especialmente, no relato de sua vocação, pois Paulo acredita que seu chamado é obra do Senhor, como o fora o dos Profetas. Sua vocação encontra-se na mesma linhagem.

Além disso, para falar do seu chamado, Paulo utilizou-se do mesmo quadro dos elementos das aparições dos Profetas no Antigo Testamento, tanto que suas palavras em Gálatas não deixam dúvidas: “Mas quando aquele que me pôs à parte desde o seio de minha mãe e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim o seu filho, a fim de que eu anuncie aos pagãos” (Gl 1,15-16).

Tais palavras evocam duas conhecidas vocações: a de Jeremias e a de Isaías. Para ficar com o primeiro, lembremo-nos das palavras que ele usou no seu chamado: “Antes mesmo de te modelar no ventre materno, eu te conheci; antes que saíesses do seio, eu te consagrei. Eu te constituí Profeta para as nações” (Jer 1,5).

Escrevendo sobre esse aspecto, O’Connor (1994) nos lembra que: “a repetição das três palavras-chaves não é coincidência. Como no caso dos dois grandes predecessores, Paulo via sua conversão como obra de um plano que Deus arquitetou muito antes”.<sup>75</sup> Dessa maneira, Paulo considerava-se como os outros Profetas: intérprete e defensor da liberdade concedida por Cristo.

Portanto, as dimensões presentes no sentido de liberdade do povo da Antiga Aliança, se revelam, de algum modo, presentes no pensamento paulino, agora sob uma ótica

---

<sup>75</sup> O’CONNOR, J. M. *Antropologia pastoral*. Op. cit. p. 93.

eminentemente cristológica: “O que deu a si mesmo pelos nossos pecados, para que libertasse a nós do presente século mau, segundo a vontade do Deus e Pai nosso” (Gl 1,4).

Com essa introdução, de tom mais seco e duro, Paulo passou a anunciar na Carta os principais temas que seriam por ele desenvolvidos: a defesa de sua missão como Apóstolo do Senhor e a liberdade cristã, cujo fundamento encontrava-se na boa nova da salvação, pela fé, em Cristo Jesus.

Em primeiro plano, vemos aqui, o começo de uma série de enunciados: afirmações que vão num crescente significado, cujo sentido é a preparação e fundamentação da grande verdade, a afirmação central de Paulo aos gálatas: “Para a liberdade Cristo nos libertou...” (Gl 5,1). Ora, se entendemos Gl 1,4 e 5,1 ligados entre si, há necessidade de estabelecermos, precisamente, onde se encontra tal relação, e que significado comporta.

Há dois conceitos presentes nesses versículos, os quais acreditamos possibilitarão estabelecer a ligação acima proposta: o verbo subjuntivo aoristo 2º médio, 3ª pessoa do singular  $\epsilon\xi\epsilon\lambda\eta\tau\alpha\iota$  e a expressão/  $\alpha\iota\nu\omega/\text{noj tou}/ \epsilon\nu\text{nestw}/\text{toj}$  ponhrou/, um substantivo e outro adjetivo, ambos no genitivo masculino singular.

## 4.2. Sobre a etimologia

O termo presente em Gl 1,4,  $\epsilon\xi\epsilon\lambda\eta\tau\alpha\iota$ , é um verbo composto, formado por uma preposição  $\epsilon\xi$ , vinda antes de vogal, que significa *de, fora de*, e o verbo  $\alpha\iota\rho\epsilon\omega$ , cujo significado é *pegar, agarrar, levar embora, conquistar, tomar para si*.

Como podemos ver, aqui já se revela, ainda que preliminarmente, a verdade fundamental sobre a qual Paulo, ao longo da Carta deita toda uma gama de argumentos. O Cristo Ressuscitado, que é o mesmo Cristo Crucificado, nos arrancou, nos livrou. Devemos atentar para a profunda intensidade de sua ação, expressa no verbo: por um ato livre arrancou-

nos dos nossos pecados, tomando-nos para si. “Uma vez livres, nos libertou para a liberdade” (Gl 5,1). Tudo isso como uma resposta obediente ao Pai. Temos, portanto, revelado o fundamento da nossa justificação.

O Pai, fiel a si mesmo, estabelece na cruz redentora de Cristo, uma aliança definitiva de amor para com a humanidade, libertando-a do pecado e do seu poder, assim como diz Erdman (1930): “O propósito último de Deus é libertar-nos, não apenas da culpa do pecado, mas do seu poder”.<sup>76</sup>

O pronome “nos” junto ao verbo “livrar”, precedido da conjunção “a fim de...” compõem, com o todo do versículo, uma perfeita unidade, na qual se entrelaçam visivelmente as três grandes verdades teológicas no pensamento paulino: o amor do Pai, a ação salvífica do Filho e o dom da Liberdade para o Homem. Nesse versículo, tido como saudação, também vemos o Apóstolo resumir todo o credo fundamental da fé apostólica professado pela Igreja primitiva.

Paulo expressa o mistério da redenção com o verbo composto *ou/t do,ntoj e`auto.n* (dar, entregar, transmitir). O mesmo verbo se repete em Gl 2,20: “entregou-se a si mesmo”.

É a redenção vista sob a ótica da graça, do dom. O Filho agiu livremente, entregando-se a si mesmo. Sua decisão foi em primeiro lugar, um ato de amor. Nesse sentido, de acordo com Cothenet (1984): “A fórmula de Gálatas tem a vantagem de colocar o mistério sob o sinal do dom. O dom e a graça provêm do mesmo registro, muito longe de qualquer transação ou compensação”.<sup>77</sup>

Devemos perceber como a ação expressa pelo verbo “que se deu a si mesmo”, e que revela a gratuidade e o dom da salvação, que chegou até nós, está ligada diretamente à liberdade, também como dom, pois é somente na gratuidade do gesto do Filho que adquirimos a liberdade. A linha argumentativa nos parece concatenada numa perfeita proposição lógica: a

<sup>76</sup> ERDMAN, C. R. *Comentário à epístola de São Paulo aos gálatas*. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1930, p. 29.

<sup>77</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 18.

entrega de si mesmo, o dom revelado, a liberdade adquirida. Portanto, ao verbo “livrar” liga-se diretamente a afirmação “entregou-se a si mesmo”, deixando patente a verdade profunda defendida em Gálatas: é Cristo que nos liberta e longe do alcance da sua ação não se pode compreender o dom da liberdade. Desse modo, Paulo lançou as bases argumentativas daquilo que iria afirmar adiante: “Para a liberdade Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Assim sendo, Gl 1,4 e 5,1 se tocam perfeitamente num claro paralelismo teológico.

Contudo, há outro aspecto importante nesse versículo, quando Paulo usa a expressão “o que se deu”, pois está respondendo, inicialmente, de forma clara, que a nossa justificação e, portanto, a nossa liberdade encontra o seu fundamento não na lei ou em qualquer forma de rito, mas tão somente no evento salvífico de Cristo.

É uma resposta direta aos seus inimigos e para alguns da comunidade gálata, que porventura tenham se deixado seduzir pelo discurso judaizante. Segundo Bosch (2002), aí estaria a especificidade da Carta. “[...] este seria o aporte específico da Carta aos Gálatas, querer justificar-se pelas obras da lei simplista, mudando uma justificação verdadeira por uma falsa, porque a lei em si é incapaz de justificar ninguém”.<sup>78</sup>

Portanto, nesse primeiro momento, a nossa tentativa consistiu em demonstrar de que forma as passagens Gl 1,4 e 5,1 se ligam mutuamente, precisamente por meio do verbo *ἐξέληται* (*livrar, arrancar*). O Apóstolo preparou assim a afirmação conclusiva sobre a liberdade contida no capítulo 5.

Queremos agora concentrar a nossa atenção justamente na expressão *αιὼς πονηροῦ* (*mundo mau*), para em seguida verificarmos o paralelismo estabelecido pelo Apóstolo entre esta e a imagem utilizada em Gl 5,1, precisamente “jugo de escravidão”. Está claro que Paulo usou ambas as expressões quando se referiu à força da lei e ao poder que esta exercia sobre os gálatas e os judaizantes. A pergunta fundamental a ser respondida é: Que elemento(s)

---

<sup>78</sup> BOSCH, J. S. *Escritos paulinos: introdução ao estudo da Bíblia*. v. II. Tradução de Alceu Luiz e Jaime Sanchez. São Paulo: Ave Maria, 2002, p. 232.

a lei traria consigo que a tornasse um mundo mau? Dizendo de outro modo: na sua constituição, de que forma a lei poderia se configurar como mundo mau? E, portanto, jugo de escravidão?

A primeira observação que salta aos nossos olhos é o adjetivo que acompanha o conceito mundo, *mau*, lançando sobre este um juízo moralmente negativo, seguindo assim Paulo, a linguagem do Evangelho de João. Aliás, é em Paulo e João que se registra com mais frequência no Novo Testamento este conceito. A esse respeito, Bauer (2000) esclarece que:

No Novo Testamento, é nos escritos joaninos que o conceito de cosmos se encontra com mais frequência (Jo 78 vezes; 1 e 2Jo, 23 vezes); nas Cartas Paulinas (46 vezes). Este conceito costuma, com raras exceções, apresentar um aspecto negativo: corruptabilidade e morte caracterizam o mundo.<sup>79</sup>

Ora, se afirmamos costumeiramente que o mundo ou “este mundo”, “esta era”, como aparece em Paulo, tem geralmente um aspecto negativo, a pergunta que se segue é: Não traria Paulo uma visão pessimista sobre a criação e, por conseguinte, sobre o criador? Para responder essa questão é preciso retornar ao conceito judaico de mundo, do qual Paulo é devedor.

O Antigo Testamento não tem o conceito mundo, em lugar disso, a Torá fala de “céu e terra”, ou “o todo”. Diz o texto que “Deus criou o Céu e a Terra” (Gn 1,1), ele é o Senhor absoluto da criação, e segundo a tradição sapiencial, “o mundo foi criado do nada e está nas mãos de Deus” (2 Mc 7,28). Mediante tais fatos, Harris et al (1998), nos relatam que:

---

<sup>79</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 279.

Tudo é feito pelo divino. A terra não é produto de uma substância primordial, como no caso do *Enuma Elish* Babilônico, onde a Terra é formada a partir do cadáver do deus Tiamate caído e morto. Trata-se de uma esfera que está totalmente sob o controle da soberania divina. A Terra é do Senhor (Sl 24,1). Ele é o seu Rei (Sl 47, 2 [3]), e o seu Senhor (Sl 97,5). Como tal, o mundo é bom, e não deve ser descrito como intrinsecamente mal, como obra do demiurgo; nem mesmo um mínimo sinal de ‘mentalidade escapista’ é encontrado no Antigo Testamento.<sup>80</sup>

Portanto, a criação é obra do Altíssimo e é posta a serviço do homem para que dela disponha e nos seus sinais honre o Deus Criador, reconhecendo por meio dela o amor incomensurável de Deus e sua justiça. Mesmo no relato do Gênesis, sobre a primeira destruição, fica claro sempre o desejo de aliança eterna de Deus para com o seu povo. Nesse sentido Harris (1998), também declara o seguinte:

Contudo, no final das contas, o nosso Deus justo não tem prazer no simples juízo, porque isto apenas destrói o ímpio. É o oposto de criar. A última palavra a respeito da justiça não é nem ‘des-criar’, nem voltar atrás no tempo. É a justiça redentora que é a justiça final. Esta é a razão porque temos a aliança do arco-íris. A intenção de Deus é estabelecer um novo céu e uma nova Terra.<sup>81</sup>

Ora, se como acabamos de ver, o Antigo Testamento tem uma visão positiva sobre a criação, assim como o Apóstolo Paulo, em que precisamente consistiria a maldade no mundo? Que elemento desagregador, divisor, negativo pesa no mundo?

<sup>80</sup> HARRIS, R. L. et al. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 125.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 167.

Para o Antigo Testamento e Paulo este elemento é o pecado. Ademais, de acordo com o segundo, os homens se afastaram de Deus: “com efeito, a tristeza segundo Deus produz arrependimento que leva à salvação e não volta atrás, ao passo que a tristeza segundo o mundo produz a morte” (2Cor 7,10). Por isso, o mundo é pecaminoso e mal. Os homens são réus, dignos de castigo e condenação: “Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, é para os que estão sob a lei que o diz, a fim de que toda boca se cale e o mundo inteiro se reconheça réu em face de Deus” (Rm 3,19). Paulo recorre à figura de Adão para falar do pecado que entrou no mundo, tornando a humanidade toda pecadora: “Eis porque, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado a morte, assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5,12).

Desse modo, Paulo entende que o pecado separa o mundo de Deus para mais adiante acontecer, pela morte de Cristo, a reconciliação do mundo com Deus: “pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens suas faltas e, pondo em nós a palavra de reconciliação” (2Cor 5,19).

Portanto, devemos compreender o mundo no Novo Testamento e em Paulo como “o mundo organizado”, o espaço habitado pelos homens e todas as formas de Leis, de diretrizes que o regem, quer socialmente, quer politicamente. O lugar onde os homens nascem, crescem e formulam o modo de como nele proceder. Nesse contexto, o mundo como Terra habitada, e tudo o que ele contém é limitado, provisório e até contrário a Deus, ao Senhor, ao Espírito, à Liberdade. É nesse sentido que Paulo contrapõe a sabedoria de Deus à sabedoria “deste século” (1Cor 1,20). O mundo, enfim, é concebido em relação ao seu contrário, isto é, Deus. Por isso, de acordo com Fries et al (1970): “O mundo é temporalidade, breve espaço inserido ‘entre’ o hoje e a parusia, e contém em si a soma de todas as coisas que ameaçam o homem, oprimem-no e tornam-no escravo”.<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> FRIES, H. et al. *Dicionário de teologia: conceitos fundamentais de teologia atual*. v. III. São Paulo: Loyola, 1970, p. 391.

### 4.3. A nova criação

Sem dúvida, quando Paulo falou do mundo presente, desta era, deste século, o fez contrapondo-o ao mundo do Messias; mesmo quando o Apóstolo combateu as religiões de mistério, como era comum no seu tempo, como, por exemplo, o caso dos colossenses (Col 2,15), não pretendeu produzir um tratado sobre cosmologia ou a influência dos espíritos sobre os homens, mas deixar claro que com a morte e a ressurreição de Cristo, todas as potências, forças e espíritos foram a ele submetidos: “[...] na qual despojou os principados e as autoridades, expondo-os em espetáculo em face do mundo, levando-os em cortejo triunfal” (Col 2,15).

Assim Paulo ressaltou que anjos, Moisés e a própria lei eram meramente intermediários, mediadores, ao passo que a promessa era emanada tão somente de Deus e do seu Cristo. Nesse sentido, o significado do versículo em questão se impõe: no centro de tudo figura Cristo, morto e ressuscitado, cuja ação salvífica opera uma ruptura e uma passagem, arrancando-nos do mundo antigo e conduzindo-nos a uma nova criação, cuja cabeça é o próprio filho de Deus. O Apóstolo Paulo disse isso de forma categórica: “Ele nos arrancou do poder das trevas e nos transportou para o reino de seu filho amado, no qual temos a redenção – a remissão dos pecados” (Col 1,13).

Por outro lado, se podemos anotar, aqui ou acolá, em Paulo, algum conceito do gnosticismo, ou da apocalíptica judaica é para simplesmente tornar claro o papel definitivo da ação de Cristo na história da salvação, por vontade unicamente do Pai. Bauer (2000) vem de encontro a essa verdade, ao nos dizer que:

O conceito de ‘mundo’, que faz pensar em céu e Terra, universo, cosmo, era, princípio e fim, que está ligado com temas filosóficos (gregos), sapienciais, apocalípticos e gnósticos, procura em última análise explicar Deus como

sendo o criador. Diante dele todo criado continua finito, e também a vitória sobre o fim, por um novo começo, será obra sua. A jovem Igreja expressou isso pela estrutura do Cânon da Bíblia, que começou com a criação do céu e da Terra e encerra com a promessa de um novo céu e uma nova Terra (Ap 21,1 ss).<sup>83</sup>

Dito isso, podemos compreender agora o alcance da crítica de Paulo ao utilizar a expressão “mundo mau”, especialmente, no que se refere à lei. Ora, ao aceitarmos o sentido de lei na perspectiva judaizante, teríamos que enfrentar graves implicações. Em primeiro lugar, esta esvazia completamente a eficácia redentora da cruz de Cristo, tornando-se o instrumento de salvação por excelência. A lei perde seu verdadeiro sentido de transição, de pedagoga, para tornar-se absoluta. Ao contrário, para o Apóstolo a lei desempenha apenas uma ação passageira, educativa, até que venha o prometido. Esse é o sentido da lei em Gálatas. Quesnel (2004) sintetiza bem esta verdade, revelando que:

O tempo da lei tal como apresentado na Epístola aos Gálatas, é como um tipo de parêntese; ela desempenhou um papel pedagógico no acesso do povo de Deus eleito à fé; mas esta situação não estava destinada a durar (Gl 3, 24, 25). Ademais, o pedagogo, na civilização greco-romana, era um escravo. Ele próprio estava privado de liberdade; e Paulo repassa a falta de liberdade do escravo pedagogo à falta de liberdade do adolescente que ele estava encarregado de educar. Ser submisso à lei é como estar no cativeiro (Gl 3, 23). Mas em Cristo chegou a libertação, como a maturidade sucede à

---

<sup>83</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 280.

adolescência, sem que haja mais nenhuma razão para permanecer submisso a esse pedagogo, nem prolongar essa escravidão.<sup>84</sup>

Outra importante crítica de Paulo aos judaizantes é que, uma vez encerrando-se na lei, os inimigos de Paulo davam a ela um poder fascinante e misterioso, comparada à consciência mítica presente em muitos movimentos religiosos de seu tempo, transformando-a num poder asfixiante e retirando, do homem, a condição de liberdade, de ser mais, de co-participe da criação, cuja tarefa de fazedor e continuador da criação a ele foi confiada. O homem entregue a esse mundo mau, cheio de anjos e demiurgos, renuncia sua capacidade criativa e submete-se à mitologização de tudo e de todos, tornando-se, ele e a natureza, um joguete na mão dos deuses: “Outrora, é verdade, não conhecendo Deus, servistes a deuses, que na realidade não o são” (Gl 1,4,8).

Dessa maneira, o mundo mítico, que é um mundo mau, que retira a possibilidade da liberdade humana, submete-o a um jugo de escravidão. O paralelo, assim, de “mundo mau” (Gl 1,4), com jugo de escravidão (Gl 5,1) é evidente.

#### **4.4. O homem bíblico**

Ao contrário da visão de mundo mítico, o que acontece com o mundo hebraico? A diferença para os israelitas está justamente na idéia de Deus como criador do mundo (Gn 1,1), e, portanto, como um Deus que está acima do mundo e cuja existência independe do cosmo. A marca de Israel é justamente adorar um Deus, independentemente da natureza, que está acima dos outros deuses. Esta percepção faz toda a diferença, pois ao contrário da visão mítica do mundo, Deus não se confunde com o mundo, nem se transforma nele. O mundo, ao contrário,

---

<sup>84</sup> QUESNEL, M. *Paulo e as origens do cristianismo*. Tradução de Paulo Valério. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 80.

é o lugar do homem e, por isto, como bem nos lembra Croato (1981): “O homem não precisa se associar aos ritmos do cosmo, para beber o sagrado. Deus, distinto do mundo, se manifesta nos acontecimentos da história”.<sup>85</sup>

Ora, na medida em que Deus não é o mundo, nem se transfigura nele, é permitido ao homem resguardar seu papel de construir a sua história e desenvolver suas potencialidades. Assim sendo, é perceptivelmente inteligente a observação de Croato (1981), quando afirma: “A relação Deus-Homem já não é cósmica, mas dialógica no seio de uma historicidade em que o homem é responsável por um destino, mas em que é também interpelado pelo Profeta e pelo Evangelho”.<sup>86</sup>

Por fim, compreendemos a crítica de Paulo aos judaizantes, pois, amoldando-se à Lei, o Messias não passaria de um mero cumpridor da lei, e o que é mais grave, enredando-se na lei não teria o poder de nos comunicar a liberdade. O que Paulo estaria dizendo aos judaizantes é que estes não se encontravam muito distanciados das religiões de mistérios e suas superstições.

---

<sup>85</sup> CROATO, S. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. Tradução de José Américo de Assis. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 83.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 83.

### III - MOVIMENTO DE ABERTURA

Levando em conta que a partir do Capítulo 5, Paulo teria iniciado o segundo movimento da Epístola: o de abertura dos Capítulos 5 e 6, a pergunta a ser feita seria: O que, precisamente, nos levaria à afirmação de que Gl 5,1 teria aberto a segunda parte da Epístola ou, melhor dizendo, o que caracterizaria Gl 5,1 como versículo de dupla função, concluindo, como tal, a primeira parte da Carta aos Gálatas e, concomitantemente, dando abertura aos dois capítulos finais?

Para nós está claro o grande tema que permeia os Capítulos 5 e 6: o tema da liberdade cristã.

Podemos, aliás, afirmar que entre os temas predominantes, nestes dois capítulos, encontram-se os temas da liberdade e da caridade. No recorte que segue, Paulo abriu solenemente o trecho (Gl 5,1), anunciando a origem da liberdade a que todo homem foi dotado:

Sua fonte é precisamente Cristo Jesus, graças a ele nós a possuímos. Esta declaração é feita seguida de uma advertência: A liberdade que agora tendes e que é verdadeira, deveis cultivá-la não vos expondo ao risco de perdê-la, pois a esta altura, uma volta à circuncisão seria renunciá-la. Diz Paulo: E daí? Pecamos, porque não estamos mais debaixo da lei, mas sob a graça? De modo algum! Não sabeis que, oferecendo-vos a alguém como escravos para obedecer, vos tornais escravos daquele a quem obedeceis? (Rm 6,15ss).

Paulo segue reiterando em Gl 5, 2-3, o peso, a intensidade de sua afirmação, prendendo ainda com mais força a atenção dos gálatas e despertando nestes, a gravidade do dilema a que foram expostos: ou Cristo ou a lei. Na verdade, podemos perceber em Gl 5,1-12

dois claros movimentos: a proclamação, o anúncio posto no v.1, ou seja, a liberdade e a chamada de atenção para os perigos em que incorreriam os gálatas, caso renunciassem à liberdade. Isso tudo ele o faz por meio de expressões de confiança (v.1), de confronto (v.v. 7b. 8s), de investidas contra os adversários (v.10b. 12), de elementos de autodefesa (v.11b) e, até, do recurso da ironia (v.12).

Por outro lado, encontramos nesse capítulo entremeado por frases densas e cortantes, afirmações dogmáticas incisivas, polêmicas, surpreendentes, afáveis como toda a Carta. No fundo, Gl 5 poderia ser considerado uma micro-visão do que vem a ser toda a Epístola, com suas mais ricas e complexas expressões literárias e teológicas.

O que interessa, no entanto, é respondermos à principal questão sobre Gl 5,1, como tema de abertura dos dois capítulos finais de Gálatas. Para este fim, somos chamados a nos deter mais demoradamente em Gl 5,13, pois acreditamos que este versículo pode nos oferecer o suporte teórico da resolução da problemática ora levantada.

Gl 5,13 faz parte das, assim chamadas, exortações éticas. Depois de proclamada a condição de livres, o Apóstolo passaria a esclarecer a consistência de tal condição: “Vós, pois para a liberdade fostes chamados, irmãos. Somente não (se torne) a liberdade em oportunidade para a carne, mas mediante o amor, servir uns dos outros” (Gl 5,13). Antes de mais nada é importante notarmos que na estrutura literária da Carta ou, melhor dizendo, do Capítulo 5, o versículo 13 situa-se, num conjunto de 26 versículos, exatamente no centro do capítulo, o que lhe confere certa importância. Um outro aspecto e, este é o que nos interessa de perto, é a retomada do tema inicial em Gl 5,13, cujo tema é a “liberdade”.

Mediante tais observações, alguns autores confirmam nossa percepção, dentre os quais podemos citar Giavini (1987), quando aponta: “O tom severo e até mesmo mordaz reaparece também nos versículos 13-15, ligados aos precedentes, inclusive pela temática. O v.

13 bate na mesma tecla da liberdade, já enunciada em 5,1 e confirmada com força dogmática e polêmica nos vv. 2-12”.<sup>87</sup>

A mesma observação é corroborada por Cothenet (1984), ao afirmar que: “A proclamação do v. 13 retoma a do v.1, mas apresenta a Liberdade como um apelo, uma vocação”.<sup>88</sup>

Ora, ao divisarmos claramente o v. 13 como aquele que nos remete ao seu texto inicial, logicamente Gl 5,1 passaria a ter a importância de um versículo de abertura, visto que o v. 13 repete a temática de Gl 5,1 aprofundando-a, e não o inverso. Assim, o que tornaria possível a afirmação no v.13 de que somos “chamados à liberdade” seria a certeza de que “Cristo nos libertou verdadeiramente”.

### **1. Justiça da lei ou da fé?**

A partir de Gl 5,2-5 Paulo retomou ainda com mais vigor o tema da justificação, alertando os gálatas cristãos sobre as profundas implicações e riscos que representaria uma adesão de cristãos à lei. Para tanto, iniciou o v. 2 com um enfático pronome singular na primeira pessoa: “Eu, Paulo”, fazendo soar, desse modo, o peso da afirmação remetida claramente ao seu poder de autoridade apostólica, outorgada e confirmada diretamente por Cristo (Gl 5,1).

Ocorre que Paulo era movido, na sua dura crítica aos gálatas e aos judaizantes, não por meras questões casuísticas ou formais, mas por algo que definia suas próprias vidas de fé como cristãos, questão essa capaz de produzir efeitos que os empurravam para fora do processo de salvação. Schneider (1967), sintetiza bem o quadro, quando declara: “Quem como cristão entrar pela circuncisão no caminho da justiça da lei, não rejeita somente o

<sup>87</sup> GIAVINI, G. *Gálatas: liberdade e lei na igreja*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1987, p. 76.

<sup>88</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 80.

auxílio de Cristo e se entrega à maldição, mas também se desliga de Cristo. Rompe com Cristo, sai de Cristo no qual se encontrava desde que foi batizado (3,27s)”.<sup>89</sup>

Esse comentário é tanto mais verdadeiro quando observamos o peso do verbo empregado por Paulo: *katarguéo* (anular, aniquilar, abolir, fazer desaparecer). Portanto, o que estava em jogo era o próprio Cristo, como enviado de Deus, e a eficácia de sua missão redentora. Nesse sentido, Paulo usou duas categorias, que lhe foram recorrentes, para reforçar mais ainda a sua posição: a justiça na lei e a justiça que vem da fé, categorias importantes para a compreensão do universo teológico paulino, presentes na Carta aos Gálatas e, especialmente, na Carta aos Romanos.

Dessa forma, podemos afirmar, sem dúvida, que boa parte da controvérsia paulina com os judaizantes parece ter sido radicada em torno da compreensão do que vem a ser justiça de Deus, sobretudo quando vista sob uma perspectiva cristológica. Sobre o assunto, Bauer (2000), explica que:

[...] o substantivo *dikaiosyne* (justiça) encontra-se 49 vezes nas Cartas autenticamente Paulinas e 7 vezes no Evangelho de Mateus; o adjetivo *dikaios* respectivamente 10 vezes e 17 vezes. Tanto em Paulo como em Mateus, o conceito de justiça ganhou um sentido característico, de acordo com a teologia de cada um nos demais escritos do Novo Testamento (por exemplo, Lc/At 5 vezes o substantivo, 17 vezes o adjetivo; Hb 6 vezes o substantivo, 3 vezes o adjetivo).<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> SCHNEIDER, G. *Epístola aos gálatas*. Coleção Novo Testamento, Comentário e Mensagem. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 128.

<sup>90</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 224.

## 2. Justiça de Deus

Sobre o conceito de justiça, que aparece com frequência nos escritos paulinos é importante assinalarmos, inicialmente, que o Apóstolo segue e aprofunda muito mais o entendimento do significado hebraico do que propriamente a sua forma grega. Para o mundo grego, nos recorda Dunn (2003): “Justiça é idéia ou ideal em relação ao qual pode ser medido o indivíduo ou a ação individual. O uso inglês (e também português) contemporâneo reflete esta mentalidade antiga quando continua a usar expressões tais como: ‘A justiça precisa ser feita’”.<sup>91</sup>

Nessa linha, justiça de Deus seria o julgamento de Deus correspondente à ação praticada por cada indivíduo isoladamente. Tal concepção não ultrapassaria o sentido meramente jurídico ou forense de aplicar a justiça, exigir como direito, castigar, dar a cada um o que lhe é devido.

Ao contrário, na concepção hebraica, se é possível anotar aqui ou acolá alguma influência do direito sobre o entendimento de justiça, ela é muito mais que isso. Para o pensamento hebraico, justiça “é um conceito mais relacional: justiça como o cumprimento de obrigações impostas ao indivíduo pela relação da qual faz parte”. Mais adiante Dunn (2003), complementa tal pensamento nos esclarecendo que:

Justiça denota o cumprimento da parte de Deus das obrigações que se impôs a si mesmo ao criar a humanidade e particularmente ao chamar Abraão e escolher Israel como seu povo. Portanto, fundamental para esta concepção da justiça de Deus é o reconhecimento da iniciativa anterior de Deus, tanto na criação como na eleição.<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup> DUNN, J. D. G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003, p. 394.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 395.

Fica, pois, claro que com a concepção de liberdade paulina, devemos buscar ou compreender a concepção de justiça do Apóstolo, ligada profundamente à fé na aliança de Deus com Israel.

Desse modo, a justiça poderia ser compreendida a partir do relacionamento de amor e misericórdia com que Deus amou Israel, ainda que este viesse a fracassar na correspondência do gesto salvífico de Deus. Podemos assim compreender que tanto para os judeus, quanto para Paulo, Deus, ao fazer aliança com Israel e, para o Apóstolo, mais ainda com a humanidade, não condicionou a salvação ao comportamento deste ou daquele indivíduo, mas a estabeleceu por pura graça. Aliás, ao falar da justiça em Gálatas, Paulo não o faz sem antes relacioná-la à graça ao dizer que os judaizantes, na sua defesa das obras da lei, caíram fora da graça (Gl 5,4).

Até aqui, devemos ressaltar dois aspectos que nos parecem fundamentais para o entendimento de justiça: Paulo estaria em acordo com os judeus ao tratar a aliança como dom de Deus para o homem. Aliás, ao recordar a teologia deuteronomista e sacerdotal Bauer (2000), reforça nossa opinião afirmando o seguinte:

A teologia deuteronomista, no contexto de Dt 9, 1-8. 22-24, permite a conclusão de que os dons salvíficos de Deus, independentemente da justiça de Israel, são outorgados tão somente na base da justiça de Deus. Na teologia sacerdotal da expiação (Lv 16), é tornada possível à Israel, pela justiça de Deus, mesmo quando fracassar no cumprimento da vontade de Deus, uma vida diante de Deus. Is 53, vai mais longe e chega a pensar que alguém poderia sofrer, de modo vicário as conseqüências da infidelidade de Israel e com isso abrir para o povo um novo caminho para a vida.<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 224.

Paulo adiantou-se, ainda mais, ao dizer que a justiça de Deus realizava-se plenamente no ato redentor de Cristo, ao escrever:

Deus o expôs como instrumento de propiciação por seu próprio sangue, mediante a fé. Ele queria assim manifestar sua justiça, pelo fato de ter deixado sem punição os pecados de outrora, no tempo da paciência de Deus; ele queria manifestar sua justiça no tempo presente para mostrar-se justo e para justificar aquele que apela para a fé em Jesus (Rm 3, 25-26).

Por outro lado, ao falar de justiça como fidelidade ao próprio desígnio salvador de Deus, temos que, em nada esta salvação dependeu do esforço de Israel. Nada houve que fizesse Israel merecer a sua escolha e eleição, mas tudo se deveu, primeiramente, à iniciativa de Deus, ao seu amor e ao juramento que fizera a seus pais, como tão insistentemente repete o livro do Deuteronômio (Dt 4,32-40; 6,10-12.20-23; 7, 6-8). Desse modo, como insiste novamente Dunn (2003): “justiça era simplesmente o cumprimento da sua obrigação de aliança como Deus de Israel em libertar, salvar e vingar Israel, apesar de sua falta”.<sup>94</sup>

Por tudo isso, mais do que um conceito puramente legal de justiça, falamos em justiça salvífica, dando a esta um caráter eminentemente relacional que paira acima das faltas deste ou daquele indivíduo. É interessante notarmos o mesmo entendimento presente na teologia de Qumrã cuja visão certamente seria confirmada por Paulo:

Quanto a mim, se tropeçar, as misericórdias de Deus serão minha eterna salvação. Se vacilar por causa do pecado da carne, minha justificação (MSHPTI) será pela justiça de Deus que permanece para sempre. Ele me aproximará pela sua graça e pela misericórdia trará a minha justificação

---

<sup>94</sup> DUNN, J. D. G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003, p. 396.

(MSHPTI). Ele me julgará na justiça da sua verdade e na grandeza da sua bondade perdoará (YKIPPER) todos os meus pecados. Pela sua justiça ele me lavará de toda a impureza do homem e dos pecados dos filhos dos homens (Vermees).<sup>95</sup>

Portanto, podemos vislumbrar três elementos no conceito de justiça de Deus, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento: dom, promessa e fidelidade, que no Apóstolo Paulo assume um viés marcadamente cristológico, pois para Paulo, Deus é justo, mas também é aquele que justifica todos os que têm fé em Cristo Jesus (Rm 3,26). Vemos, portanto, o Apóstolo partir do conceito de justiça como cumprimento da lei (Rm 2,13), para em seguida, aprofundar e romper com esta visão, ao elaborar a antítese obras da lei-fé em Jesus Cristo (Gl 2,16; Rm 3,20. 21-24).

É por essa linha que seguem os apontamentos de Bauer (2000), ao perceber que na esteira da tradição cristã anterior e da linguagem veterotestamentária e judaica, a justiça de Deus em Rm 1,17; 3.21-26 assume um sentido teológico-soteriológico, acompanhado pelo conceito da fé em Jesus Cristo. Em suas palavras:

A justiça de Deus, revelada no Evangelho, efetua assim o perdão dos pecados, a paz com Deus, a reconciliação; ela mostra ser idêntica ao seu ‘amor’, mediado e experimentado por obra do Espírito Santo que é dado à quem crê (Rm 5,5) e esta justiça de Deus leva finalmente ao domínio universal da ‘graça’, destruindo o mortal império do pecado (5,21). Com isto, os que crêem são chamados a seguir a justiça, em sua vida, serviço este em que se manifesta e se comprova a ‘liberdade’ alcançada em Cristo (6,18-20). A atuação da justiça divina em Jesus Cristo funda assim, para os que

---

<sup>95</sup> DUNN, J. D. G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. Op. cit. p. 396.

crêem, uma ética da obediência, que se expressa de maneira abrangente pelo ‘oferecimento de seus corpos’ (12,1-2) e pelo mandamento do amor ao próximo (13,8-10).<sup>96</sup>

### **3. A justificação sob a ótica paulina**

A esta altura é importante ressaltarmos, com relação aos elementos postos sobre o significado de justiça de Deus, alguns aspectos muito importantes: Paulo seguiu de perto a doutrina da justificação veterotestamentária, para a qual, justificação é uma prerrogativa eminentemente divina. Só Deus poderia justificar, porque somente Ele consiste na verdade. Segundo o Apóstolo: “Deus é veraz enquanto todo homem é mentiroso” (Rm 3,4) e, ainda, citando a LXX (Sl 50,6): “para que sejas justificado nas tuas palavras e triunfes quando fores julgado”.

A condição de justo, do homem, vem de Deus. O seu direito é o direito de Deus. De acordo com Bauer (2000): “Em litígio contra Deus, o homem só encontra seu direito, se vier da parte de Deus; para isso ele tem de reconhecer o direito de Deus, a prova de sua verdade. É esta a afirmação básica da doutrina da justificação no Antigo Testamento”.<sup>97</sup>

Existem outros momentos, nos quais percebemos a compreensão do Antigo Testamento na teologia paulina, quando para afirmar que “não há justo, nenhum sequer”. Paulo cita o Sl 14,1 ao lado de Rm 3,10. E, da mesma forma, Rm 3,20 que é acompanhado do Sl 143,2. Em síntese, Paulo está de acordo com a religião de seus pais, quando a acolhe como religião da graça. No entanto, dá um passo mais adiante, como foi dito, ao aprofundar a teologia da justificação, sob uma perspectiva cristológica.

---

<sup>96</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 225.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 226.

### 3.1. Justificação e batismo

Além da influência da herança judaica, por meio da qual Paulo foi inspirado nos fundamentos de sua teologia da justificação, o Apóstolo também se inspirou na compreensão de justificação professada pela Igreja primitiva presente, especialmente, na teologia do batismo. Nela, a justificação é vista como a graça de Deus ao pecador, dada mediante o batismo, por meio do perdão dos pecados. Em 1Cor 6,11 Paulo disse que “fomos lavados e justificados em nome de Cristo Jesus”. Sobre o assunto Bauer (2000), acrescenta que: “justificação (ser tornado justo) é o dom de Deus ao pecador; esse dom é dado no batismo, isto é, baseia-se na relação com Jesus Cristo, e é operado pelo Espírito Santo”.<sup>98</sup>

Mediante tais fatos, Bauer (2000) chama a nossa atenção para a Carta aos Romanos como aquela na qual aparece a ligação feita pela tradição cristã anterior a Paulo, entre justificação e batismo: “justificação é a libertação do domínio do pecado; seu fundamento é Jesus Cristo, isto é, sua morte e ressurreição. E, por conseguinte, o batismo como assimilação sacramental à sua morte (6,5)”.<sup>99</sup>

Na interpretação cristã antiga, a base da justificação está no sacrifício redentor de Cristo. Na morte vicária de Cristo fomos justificados e tivemos acesso à graça. A justiça dada por Deus, que opera como perdão dos pecados, tem sua base na morte de Cristo, caracterizada pela palavra expiação, que vem do contexto cultural do Antigo Testamento (Lv 16,14-15; cf Hb 2, 17; 9,5). É sob esta ótica que Paulo se expressou ao dizer: “Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé” (Rm 3,25).

---

<sup>98</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Op. cit. p. 226.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 226.

### 3.2. Justificação em Gálatas

O tema da justificação que aparece em Gl 5,4-6 surge pela primeira vez no Capítulo 2, no contexto da Assembléia de Jerusalém, marcadamente tensa na qual Paulo chamou seus inimigos de falsos e intrusos espiões (Gl 2,4). É nesse momento que o Apóstolo resumiu o seu pensamento, ao afirmar: “sabemos, entretanto que o homem não se justifica pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo” (Gl 2,16).

Outro dado a ser observado no Capítulo 2 é que, em apenas um único versículo, (v. 16) o Apóstolo repete, por quatro vezes, o verbo justificar, afirmando acirradamente a sua posição diante dos inimigos, o que se explica pela situação de conflito e provocação daquele momento.

O fato é que toda vez que Paulo, na Carta aos Gálatas, sai em defesa da doutrina da justificação, esta é posta como antítese em relação às obras da lei, colocando-se assim o centro da discussão na lei mosaica. Podemos resumir a questão na pergunta: os cristãos são obrigados, pela sua fé, a validar a lei mosaica e, por conseguinte, estão obrigados a cumpri-la? Dizendo de outro modo: como cristão, para ser considerado ou reconhecido membro da comunidade dos fiéis seguidores de Jesus, é preciso observar a Torá, tornando-se antes judeu, para ser justificado e adquirir a salvação? Esta é a questão que marca e envolve o debate de Paulo com os judaizantes, cujo foco é o tema da justificação.

A pergunta feita anteriormente revela o conteúdo em torno do qual desenrolou-se a discussão da justificação na Carta aos Gálatas. Os judaizantes ligam a observância da lei como caminho para se obter a salvação e, nesta defesa, por parte dos judeu-cristãos, toda a lei mosaica, especialmente o mandamento da circuncisão, revestia-se de grande importância. Embora alguns críticos modernos coloquem que a circuncisão, em Gálatas, não teria status de caminho de salvação, mas apenas de perfeição cristã, a verdade é que a maioria compreende,

de fato, aquilo que se observa em Gálatas: a necessidade da lei mosaica, especialmente, da circuncisão, como atestado de pertença ao povo eleito. Assim é que compreenderam os leitores antigos dessa carta, tanto latinos quanto gregos.

Paulo disse com veemência e sem medo, que alguns procuravam corromper o Evangelho de Cristo (Gl 1,7), que se apoiavam e mantinham sua fé não no Espírito, mas nas obras da lei (Gl 3,2) obrigando os gálatas a seguirem o judaísmo (Gl 6,12). Aceitando o discurso dos judaizantes, estavam os gálatas retrocedendo no caminho da maturidade da fé como cristãos (Gl 4,8). Ballarini (1974) resume, de modo claro e simples, tal situação:

Verdade é que os gálatas pensam poder conservar a sua fé em Cristo, mas Paulo demonstra que a sua atitude implica - sem que eles o percebam - em que Cristo deixa de ser, para eles, o único redentor, o único por meio do qual o homem seja ele gentio ou judeu, pode ser salvo (At. 4,12).<sup>100</sup>

Daí o questionamento do Apóstolo: Se vocês receberam o Evangelho como dom do Espírito, na gratuidade de Deus, por que desejam voltar às obras da lei?

Obras da lei que, na Carta aos Gálatas, é sempre oportuno repetirmos, significa procurar no velho caminho da lei mosaica, o caminho da salvação, desconsiderando o novo caminho da salvação em Jesus Cristo.

No que diz respeito aos gentios, este é o sentido típico de obras da lei, já que também é tipicamente paulina a relação estabelecida entre obras e lei; somente em Gálatas a expressão se repete por seis vezes. Isto aponta para o fato de que, a lei que deveria ser a expressão do amor de Deus misericordioso na aliança tornou-se, para os judaizantes, a própria aliança, e como sabemos, a lei era um aspecto da aliança. Na opinião de Giavini (1987): “a lei

---

<sup>100</sup> BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 410.

passou a significar um instrumento atuante no processo de amadurecimento histórico da salvação”.<sup>101</sup>

A esta defesa dos judaizantes, privilegiando as obras da lei como caminho excelente de salvação, deixando de lado os gentios, Paulo respondeu com a justificação pela fé em Jesus Cristo. Primeiro, recordando que, verdadeiramente, é o caminho da fé a justificação de todo homem. Assim foi com Abraão (Gn 15,6). Paulo cita Hababuc, ao dizer: “o justo viverá por sua fidelidade” (Hb 2,4b), fazendo da fé o fundamento escriturístico de sua doutrina da justificação.

Em segundo lugar, esta fé é a fé no filho de Deus que pela redenção, realiza plenamente a promessa do Pai, tornando-se o único caminho através do qual devemos ser salvos.

Paulo deixou claro que, ao se enredarem nas obras da lei, os judaizantes, para dizer o mínimo, relativizavam o papel de Cristo na história da salvação, coisa que para um cristão representaria uma contradição de per si, pois Cristo, neste modo de entender, não teria passado de um mero cumpridor da lei; daí compreendermos toda a força e o peso da sua antítese fé em Cristo – obras da lei.

Ainda, o Apóstolo ligou, claramente, a fé ao ato redentor de Cristo, como ato salvífico do Pai para a humanidade. A fé em Cristo Jesus seria a fé no Deus que salva. Esta verdade, para Paulo, significava a base da justificação. De modo claro, Bauer (2000), assim resumiu tal visão:

A razão disso é o modo como ele entende a Deus, indissolivelmente ligado à sua fé em Jesus Cristo. Em Jesus Cristo, Deus se revelou como o Deus que se mantém fiel às promessas feitas aos patriarcas e, na soberania que lhe

---

<sup>101</sup> GIAVINI, G. *Gálatas: liberdade e lei na igreja*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1987, p. 281.

compete como Deus único de judeus e gentio (Rm 3,29s), as torna realidade, desde já e ‘sem a lei’ (Rm 3,21), isto é, livre da estreita interpretação judaica da lei, que antes impede a vontade salvífica universal de Deus do que a medeia, pondo-se à sua disposição.<sup>102</sup>

É importante ressaltarmos, na complexa discussão do sentido da lei em Paulo que, de um modo geral, o Apóstolo não a rejeitou completamente, tendo sob certo aspecto, uma acolhida para com a lei. Em sua afirmação: “toda a lei está contida numa só palavra; amarás a teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5, 14). Em Romanos, afirmou o seguinte: “de fato, os preceitos: não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e todos os outros se resumem nessa sentença: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Rm 13,9). Na verdade, Paulo considera a Lei desnecessária na admissão dos gentios ao cristianismo, o que significa dizer que a justificação não se dá pelas obras.

Assim, sempre que Paulo se contrapõe aos missionários cristãos com o discurso sobre as obras da lei, não pretende condenar o judaísmo, mas como afirma Sanders (1990), “refutar a opinião de que os gentios devem aceitar a lei como condição ou como exigência básica para a sua entrada no cristianismo”.<sup>103</sup>

Mais adiante esclarece o referido autor: “o argumento de Paulo não é em favor da fé nem contra as obras propriamente. É muito mais particular: é contrária a que se exija dos gentios a observância da lei mosaica para poderem ser verdadeiros filhos de Abraão”.<sup>104</sup>

Por sua vez, Cothenet (1984) escreve o seguinte: “A tese paulina relativa à escravidão, sob a lei, não se pode compreender, senão em razão de sua descoberta do Cristo,

---

<sup>102</sup> BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000, p. 227.

<sup>103</sup> SANDERS, P. *Paulo, a lei e o povo judeu*. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 31.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 31.

único salvador, e da urgência da missão: seria errôneo utilizá-la sem matizes, a fim de prestar contas da experiência religiosa do judaísmo”.<sup>105</sup>

### 3.3. Justificação e liberdade

Outra idéia que aparece em Gálatas, defendida pelo Apóstolo com muita paixão, é a dimensão da justificação como liberdade, que segundo Paulo, é estendida aos pagãos. Pelo sacrifício redentor de Cristo, aqueles que estavam longe sem Deus, seriam incorporados ao povo de Deus e, passariam a ter acesso, pela justificação, à liberdade dos filhos de Deus. A posição dos judaizantes era excludente, porque com a defesa das obras da lei, deixavam de fora aqueles que não as praticavam. Segundo Käsemann (2003) comenta:

[...] o seu senhor, ao contrário dos fariseus, dos zelotes e da comunidade de Qumrã, não quis tornar as pessoas mais piedosas: ele foi ao encontro dos publicanos e pecadores isto é do mundo sem Deus. Os piedosos em geral ficaram contra ele e, se é verdade o que narram os evangelhos, acabaram por levá-lo à cruz.<sup>106</sup>

Isto, com certeza, é válido para Paulo, na medida em que este levou o Evangelho ao encontro dos sem lei, dos afastados do povo de Deus. Nesse sentido, com a sua doutrina da justificação, Paulo acabou produzindo uma teologia de inclusão, pois o Deus de Paulo, Pai de Jesus Cristo tornou-se o “Deus dos que estão longe de Deus”.

Inspirados na perspectiva de Käsemann (2003), devemos compreender que a morte e a ressurreição de um escravo sobre a cruz (Fl 2,8) representa a morte e a ressurreição

<sup>105</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 80.

<sup>106</sup> KÄSEMANN, E. *Perspectivas paulinas*. 2ª ed. São Paulo: Teológica, 2003, p. 120.

de todo escravo, de todo aquele que vive sob o peso asfixiante de alguma forma de escravidão, seja espiritual, social, política ou econômica. Assim, na cruz de Cristo, todos, especialmente os pecadores, são arrancados do domínio da escravidão para viver o dom da verdadeira liberdade. Dessa maneira, Paulo intuiu que a morte de Cristo na cruz implica na ação de Deus, cuja justiça se dá em favor dos deserdados, dos afastados de Deus. A cruz de Cristo é a aniquilação de toda forma de separação e exclusão, como bem diz Elliott (1998): “a doutrina de Paulo sobre a cruz é, portanto, doutrina da justiça e parcialidade de Deus para com os oprimidos”.<sup>107</sup>

### **3.3.1. Da carne à liberdade**

Depois de lembrar aos irmãos o chamado de Deus à liberdade (Gl 5,13a), retomando Gl 5,1, o Apóstolo seguiu desenvolvendo e aprofundando a temática da liberdade em Gl 5,13b, na medida em que, lançando mão da partícula negativa “não”, opôs liberdade à carne, aproximando-a da caridade.

Vimos, anteriormente, que a liberdade flui como um dom de Deus, que para nós foi concedido no ato salvífico e amoroso de Cristo. Ora, se a liberdade é, em última instância, um ato de amor do filho para conosco, acreditamos que não haja outro meio de se viver a verdadeira liberdade, senão como um dom. A resposta de todo homem livre deve ser amorosa e fraterna, como o foi a do Filho ao Pai, e deste para com a humanidade. É por isso, que tratando do tema liberdade, Paulo, nos lembra que o coração da lei é o mandamento do amor: “pois toda lei está contida numa só palavra: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5,14). Nesse sentido, a raiz da liberdade verdadeira se encontraria no amor, ou dizendo de

---

<sup>107</sup> ELLIOT, N. *Libertando Paulo*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998, p. 185.

outro modo, o exercício da liberdade paulina tenderia sempre a desembocar no amor e no serviço.

Podemos compreender então que, para o Apóstolo, a vivência da liberdade-caridade consiste no apelo constante de superação das obras da carne, no sentido de fragilidade, de debilidade do homem e, sobretudo, a sua estreita solidariedade com o pecado, ou seja, “comportamo-nos no mundo, e mais particularmente em relação a vós, com a simplicidade e a pureza que vem de Deus, não com a sabedoria carnal, mas pela graça de Deus” (2 Cor 1,12). É nesse sentido que, Paulo usando uma forma antitética, convocou, na sua Carta aos Romanos, os cristãos a usarem seus membros não a serviço da escravidão, mas a serviço da justiça, para a santificação (Rm 6,19).

### **3.3.2. Da liberdade como servidão**

É importante notarmos que Paulo acabou produzindo no Capítulo 5 um desenvolvimento teológico, especificamente no que diz respeito ao substantivo escravo. Em Gl 5,1 o substantivo escravidão aparece em flagrante antítese com o substantivo liberdade. Nesse contexto, a servidão é posta como um elemento extremamente negativo, pois significa a servidão das obras da lei, renunciando, ao mesmo tempo, a liberdade dada por Cristo. Liberdade e servidão não se tocam; servir a uma é renunciar à outra.

Em Gl 5,13b vemos, ao contrário, Paulo de forma paradoxal, fazendo uma aproximação entre o substantivo liberdade e o verbo servir, no imperativo, que passa a ter um significado positivo. A servidão não é uma resposta afirmativa à carne, mas é, sobretudo, estar a serviço uns dos outros. Aliás, não nos esqueçamos que, logo no princípio da Carta, Paulo apresentou-se como escravo, servo de Cristo (Gl 1,10). Ademais, como recorda Cothenet (1984), Paulo tinha em mente o significado do verbo *abad* do Antigo Testamento, que

significa servir. Em suas palavras: “a noção de serviço conota tanto a dependência absoluta em relação ao Senhor, quanto à obrigação de consagrar toda a sua atividade a seu serviço”.<sup>108</sup>

### 3.3.3. Da liberdade como fruto do espírito

No desenvolvimento que se segue, especificamente na perícopes de Gl 5,16-25, o tema dominante é de que maneira deveríamos nos deixar conduzir pelo Espírito. Como nos tópicos precedentes, o vemos intimamente ligado à Gl 5,1 agora sob o enfoque Espírito-liberdade.

De qualquer modo, Paulo continuou aprofundando o dom da liberdade por ele proclamada no início do capítulo. Sua tentativa foi a de responder o que seria, propriamente, viver na liberdade dada pelo Espírito.

Antes de tudo, Paulo compreendia o seu Evangelho como Evangelho da Liberdade, sendo que a presença do Espírito atestaria esse dom recebido, pois segundo o Apóstolo: “o Senhor é o Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2Cor. 3,17). Por isso mesmo, Paulo insistiu junto aos gálatas, que a liberdade adquirida não se daria mediante a letra da lei, mas pela experiência no Espírito, que os havia arrancado da escravidão para conduzi-los à graça. Acrescenta o Apóstolo: “e porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: *Abba, Pai!*”(Gl 4,6). Portanto, uma vez dotados do Espírito, os gálatas deveriam viver sua conduta pautada pelo Espírito.

Segundo Schnelle (1999): “no Espírito, eles são filhos de Deus e, assim os verdadeiros herdeiros (Gl 4,6s, 3,26); no Espírito aguardam o produto da esperança da justiça (Gl 5,5) e, por viverem no Espírito, eles também andam no Espírito e realizam os frutos do Espírito (Gl 5, 22)”.<sup>109</sup>

<sup>108</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 81.

<sup>109</sup> SCHNELLE, U. *A evolução do pensamento Paulino*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 64.

Em Gl 5,19-23, o Apóstolo passou a definir, por meio de uma lista de vícios e virtudes, o que seria concretamente viver uma vida segundo a liberdade no Espírito, e o que seria levar uma conduta sem a presença do Espírito. Se bem notarmos, Paulo tentou explicar de maneira diversa o significado de viver, na prática, o resumo da grande lei, da lei do amor. Devemos atentar para o fato de que a maioria dirige-se contra a comunidade. Com isso, o Apóstolo queria, talvez afirmar que somente na comunidade seria possível comprovar a vida autêntica da verdadeira fé e liberdade.

A seguir, Paulo passou a descrever o que seria o fruto do Espírito: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gl 5,22). Essa seria a nova lei, aquela que passaria a reger toda a comunidade dos fiéis, aquela que não aponta para um catálogo ou manual de erros e acertos, mas que exige dos fiéis uma resposta criativa e responsável para se viver a liberdade no meio dos irmãos. Disso resultaria o seguinte: se o Espírito é liberdade e os seus frutos são estes mencionados pelo Apóstolo, conclui-se, evidentemente, que o critério para que se pudesse dizer que o fiel e, por conseguinte, a comunidade, viviam a verdadeira liberdade seria, sem dúvida, o esforço de viver o amor, a alegria, a paz e todos os frutos advindos do Espírito.

Sem dúvida, a linha argumentativa de Paulo para com os gálatas foi a de recordar-lhes que a liberdade ora possuída por eles era fruto da experiência do Espírito. O Espírito era o responsável por torná-los filhos da liberdade, de modo que “tudo dependeria de conseguir a liberdade fundamentada no evento crístico, oferecida na doação pneumática e corroborada pela escritura, e não convertida em seu contrário pela observação da Torá”.<sup>110</sup>

O Espírito seria contrário à lei, porque teria possibilitado aos gálatas, mediante a fé, serem alcançados pela salvação. No Espírito, os gálatas que antes eram mantidos distantes da salvação e longe do número dos eleitos, poderiam participar, igualmente, da grande família

---

<sup>110</sup> SCHNELLE, U. *A evolução do pensamento Paulino*. Op. cit. p. 67.

dos filhos de Deus. Por isso, para Schnelle (1999), a antítese que determina a Carta aos Gálatas não seria outra senão Espírito-lei. Em suas palavras:

As múltiplas chamadas da crítica paulina à lei em Gl recebem sua unidade e marca decisivas apenas da pneumatologia! Pelo dom do espírito torna-se desnecessária e, ao mesmo tempo, impossível a submissão à lei (Gl 5,18). Visto que os cristãos não receberam o decisivo dom da salvação do espírito pelas obras da lei, mas tão somente pela mensagem da fé (Gl 3,2. 5), deixam de fazer sentido a circuncisão e a observância do calendário, pois estas convertem, novamente, em seu contrário, a liberdade conferida no pneuma.<sup>111</sup>

### 3.3.4. Liberdade e lei de Cristo

No Capítulo 6, Paulo seguiu aprofundando o sentido de liberdade posto em Gl 5,13 no qual a liberdade é estar a serviço uns dos outros. Por mais de uma vez, o Apóstolo disse que o cristão livre é aquele que a exemplo de seu Mestre, faz da sua vida um caminho de solidariedade e serviço. Nesse capítulo, Paulo reforçou ainda mais que o “exercício da liberdade desabrocha na ajuda mútua”.<sup>112</sup>

Por meio de exortações como: “carregai o peso uns dos outros” (Gl 6,2), da exortação para que “aquele que está sendo instruído na palavra partilhe seus bens com aquele que o instrui” (Gl 6,6), do conselho para que não desanimemos na prática do bem (Gl 6,9), ou mesmo, do bem que devemos ter “para com todos” (Gl 6,10), o Apóstolo insiste em que a liberdade não implica na busca dos próprios interesses, mas, necessariamente, em testemunhar o amor de Cristo no meio da comunidade humana (Rm 12,17).

<sup>111</sup> SCHNELLE, U. *A evolução do pensamento Paulino*. Op. cit. p. 64.

<sup>112</sup> COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 81.

Paulo que até agora tinha dado à lei um sentido negativo e que tanto a combatera, passa a usar a expressão “lei de Cristo”. Evidentemente, o Apóstolo compreendeu, nessa expressão, a lei não como uma lista de preceitos, como havia se transformado a lei mosaica para os judaizantes, mas como o ideal de amor vivido e proposto por Jesus, sintetizado na crucificação e na ressurreição. Mais ainda, a liberdade alcançada por essa nova criatura seria estendida não a um indivíduo ou a um pequeno grupo, mas a todo aquele que, pela fé, participasse da vida em Cristo, tanto no sofrimento, quanto na alegria. Por isso, como resposta aos judaizantes, Paulo não poderia encerrar sua Carta com frase mais certa e completa: “Ademais, nem a circuncisão é alguma coisa, nem a incircuncisão, mas a nova criatura” (Gl 6.15).

## CONCLUSÃO

### 1. Lições e provocações de Gálatas

Há uma importante lição, profundamente atual, no discurso teológico de Paulo presente na Carta aos Gálatas, sobretudo no que tange à liturgia, ou seja, ao nosso modo de celebrar a fé.

Acreditamos que Paulo não teve a pretensão de desenvolver ou enquadrar o comportamento dos fiéis, muito menos impor um sistema novo a fim de ordenar aos neoconvertidos regras de como viver a fé, além de algumas orientações gerais. Não teve também a intenção de criar qualquer código disciplinar, tampouco inventar uma cartilha de como deveria agir o novo crente. Ao contrário, esperava que cada comunidade encontrasse a forma de viver criativamente o Evangelho, fundado, sobretudo, na lei maior do amor.

A questão que se coloca é se, por medo do relativismo e de outros males advindos da modernidade, não impedimos o florescimento da criatividade nas nossas celebrações? Não engessamos nossa vida de fé num formalismo religioso maior talvez, do que aquele que o Apóstolo combateu em sua Carta, quando introduzimos em nossos documentos pequenas e incontáveis regras litúrgicas, e até mesmo o modo de como os cristãos devem se aproximar da Eucaristia? Não acabamos por suprimir um culto alegre e sincero que expresse honestamente o sentido maior de estarmos reunidos? Quando determinamos que até mesmo a indicação de um ministro da eucaristia deve passar pelo crivo do bispo local, não anulamos a capacidade da Assembléia de viver maduramente a fé e de tomar decisões?

## **2. Liberdade e modernidade**

Outra importante discussão encontra-se exatamente no sentido do que representa a verdadeira liberdade. Como notamos repetidamente na Carta aos Gálatas, a liberdade é, antes de tudo, um dom que nos leva, pelo Espírito, a reconhecer a condição de filhos de Deus revelada no amor e na entrega livre e obediente do Filho na cruz. A marca dessa liberdade é, portanto, a vivência autêntica do serviço mútuo na comunidade. Ser livre, nesse caso não é fazer o que queremos, mas colocar-nos constantemente na defesa da vida e da esperança. É promover o bem superando toda forma de egoísmo.

Por isso perguntamos: Esse sentido paulino de liberdade não escapa ou é ignorado pelo homem do nosso tempo? Não promovemos uma concepção excessivamente individualista de liberdade? Desconhecendo a liberdade como dom do alto, não abrimos espaço para toda forma de auto-suficiência, de autoritarismos e de exagerada confiança na força do homem? Acaso estaríamos sendo anacrônicos ao afirmar que o entendimento de liberdade para o homem de hoje está indissociavelmente ligado ao seu poder econômico, imaginando que, quanto mais temos, mais livre somos?

## **3. A lei**

Na defesa da fé em Jesus Cristo contra o discurso dos judaizantes, Paulo acabou criando uma teologia libertadora. Os gentios, que para o Apóstolo não precisavam se judaizar, foram alcançados pela salvação na medida em que passaram a acreditar em Jesus Cristo e na sua eficácia redentora realizada na cruz. Os judaizantes, ao contrário, ainda que cristãos, colocavam a Lei como pedra de toque de salvação, como conjunto de normas irrefutáveis que

deveria guiar todo homem. Faziam da Lei a esperança última e única de salvação para toda criatura humana.

Paulo desconfiava da Lei como princípio básico e universalmente válido para tudo e todos. Tal postura dialética do Apóstolo não deveria ser um princípio válido com relação a toda espécie de lei? Especialmente àquelas tradicionalmente sedimentadas e que não mais contribuem ao desenvolvimento humano? Esse posicionamento paulino não seria extremamente atual na medida em que acabou lançando, por exemplo, um dramático questionamento ao estado moderno burocrático que acaba criando uma intrincada teia de leis, códigos, expulsando para longe os pobres, os novos gentios, que não têm como ter acesso aos seus “serviços”? Essa provocação paulina não poderia ser dirigida especialmente ao Poder Judiciário, tenha este um toque religioso ou não, que no dito Estado democrático de direito legisla para os fortes em detrimento dos pequenos? Não teria se tornado o Estado moderno e sua máquina de fazer leis um Estado de exclusão?

#### **4. Ecumenismo**

Na crítica de Paulo aos judaizantes, em nenhum momento o Apóstolo se erigiu em julgador do judaísmo, tampouco teve a pretensão de revisar a religião de seus pais. Como fizemos questão de sublinhar, Paulo carregou grande parte de sua herança judaica, especialmente seu jeito de argumentar. Toda a mudança nele ocorrida só se deu em razão do seu encontro com o ressuscitado em Damasco. Nesse sentido é sempre importante repetirmos que a discussão travada por Paulo na Carta aos Gálatas teve a intenção de direcionar-se de cristãos para cristãos e não de um cristão tentando desqualificar uma religião.

Sendo assim, nos perguntamos: Nesse momento em que Ocidente e Oriente são varridos por uma onda violenta de todo tipo de proselitismo, Paulo não nos teria ensinado, a

partir de Gálatas, o valor fundamental da tolerância? Quando em nome de uma religião somos até capazes de destruir milhares de vidas inocentes, Paulo não teria provocado ao apresentar a imagem de um Cristo que está em todos e que em vez de Senhor é servidor? Retomando e proclamando ainda com mais força a centralidade do amor no coração de todo aquele que crê não estaria o Apóstolo questionando profundamente a raivosa intolerância de algumas religiões do mundo de hoje? A universalidade da salvação defendida por Paulo não seria, por si só, uma crítica radical a toda forma de sectarismo?

## **5. Sobre o sentido da fé**

Na Carta aos Gálatas, Paulo defendeu incansavelmente a fé no Deus de Jesus Cristo como elemento central da vida do cristão e, porque não dizer, da vida de todo homem. Nesse contexto, a fé representaria, de fato, a única e verdadeira dimensão capaz de provocar uma autêntica e radical mudança no coração do homem, lançando-o num contínuo processo de conversão e santificação. Isso significa dizermos que toda a atividade humana, política, social, econômica deveria se deixar iluminar pela fé no Deus de Jesus Cristo, Deus que revela na aliança seu amor incomensurável e sua misericórdia infinita, a partir da cruz de Cristo.

Contudo, a grande questão a ser posta é: Uma vez privatizando a fé, encarando-a como uma questão meramente individualista, especialmente depois da revolução francesa, a modernidade e, a pós-modernidade não teriam incorrido numa auto-ilusão, imaginando que o tecno-cientificismo nos salvaria de todos os nossos males? Não seria esta a raiz da crise do mundo contemporâneo, ao imaginar que a vida, sem a dimensão da fé, poderia ser tão somente fruto da construção humana?

Nesse caso, a grande e mordente indagação feita pelo Apóstolo era: teria o homem do nosso tempo compreendido em profundidade a fé no Deus de Jesus Cristo ao acusar que

esta mesma fé retira-lhe a liberdade de viver, aprisionando-lhe a capacidade de vir a ser? Não seria justamente o oposto? A presença da divindade teria a capacidade de nos garantir uma vida livre?

## ANEXOS

## Tradução da Carta aos Gálatas na íntegra

## 1.

<p><b>1</b>  1 au/loj avpo,stoloj ouvkv avpV  avnqrw,pwn ouvPde. diV avnqrw,pou  avlla. dia. VIhsou/ Cristou/ kai. qeou/  patro.j tou/ evgei,rantoj auvto.n evk  nekrw/n(</p>	<p>Paulo apóstolo não da parte de seres humanos nem mediante um homem mas mediante Jesus cristo e Deus Pai que o ressuscitou dentre (os) mortos,</p>
<p><sup>2</sup> kai. oi` su.n evmoi. pa,ntej avdelfoi. tai/j evkklhsi,aij th/j Galati,aj(</p>	<p>e todos os irmãos (que estão) comigo às igrejas da galácia,</p>
<p><sup>3</sup> ca,rij u`mi/n kai. eivrh,nh avpo. qeou/ patro.j h`mw/n kai. kuri,ou VIhsou/ Cristou/</p>	<p>Graça a vós e paz da parte de Deus Pai nosso e (do) Senhor Jesus Cristo</p>
<p><sup>4</sup> ou/t do,ntoj e`auto.n u`pe.r tw/n a`martiw/n h`mw/n( o[puj evxe,lhtai h`ma/j evk tou/ aivw/noj tou/ evnestw/toj ponhrou/ kata. to. qe,lhma tou/ qeou/ kai. patro.j h`mw/n(</p>	<p>O que deu a si mesmo pelos nossos pecados, para que libertasse a nós do presente século mau segundo a vontade do Deus e Pai nosso,</p>
<p><sup>5</sup> w-  h` do,xa eivj tou.j aivw/naj tw/n aivw,nwn( avmh,nÅ</p>	<p>a quem (seja dada) a glória pelos séculos dos séculos, amém.</p>
<p><sup>6</sup> Qauma,zw o[ti ou[twj tace,wj metati,qesqe avpo. tou/ kale,santoj u`ma/j evn ca,riti ÎCristou/Ð eivj e[teron euvagge,lion(</p>	<p>Admiro-me que assim depressa vos desviáveis do que chamou a vós na graça de Cristo para outro evangelho,</p>
<p><sup>7</sup> o] ouvkv e;stin a;llo( eiv mh, tine,j eivsin oi` tara,ssontej u`ma/j kai. qe,lontej metastre,yai to. euvagge,lion tou/ Cristou/Å</p>	<p>Não que (haja) outro, exceto alguns existem que estão agitando a vós e querendo perverter o evangelho de</p>

	Cristo.
<sup>8</sup> avlla. kai. eva.n h`mei/j h' a;ggeloy evx ouvrano/ euvaggeli,zhtai Îu`mi/nÐ parV o] euvhggelisa,meqa u`mi/n( avna,qema e;stwÅ	Mas mesmo se nós ou (um) anjo do céu anunciasse um evangelho além do que (já) anunciamos a vós, anátema seja.
<sup>9</sup> w`j proeirh,kamen kai. a;rti pa,lin le,gw\ ei; tij u`ma/j euvaggeli,zetai parV o] parela,bete( avna,qema e;stwÅ	Como previamente dissemos a vós anátema seja. Como previamente dissemos e agora novamente digo se alguém a vós anuncia um evangelho além do que recebestes, anátema seja.
<sup>10</sup> :Arti ga.r avnqrw,pouj pei,qw h' to.n qeo,nÈ h' zhtw/ avnqrw,poij avre,skeinÈ eiv e;ti avnqrw,poij h;reskon( Cristou/ dou/loj ouvka'n h;mhnÅ	Agora pois (a) pessoas persuado ou a Deus? ou procuro a pessoas agradar? Se ainda a pessoas estivesse agradando, de Cristo servo não seria.
<sup>11</sup> Gnwri,zw ga.r u`mi/n( avdelfoi,( to. euvagge,lion to. euvaggelisqe.n u`pV evmou/ o[ti ouvka'e;stin kata. a;nqrwpon\ 	Dou a conhecer pois a vós, irmãos, que o evangelho anunciado por mim não é segundo ser humano.
<sup>12</sup> ouvde. ga.r evgw. para. avnqrw,pou pare,labon auvto. ou;te evdida,cqhn avlla. diV avpokalu,yewj VIhsou/ Cristou/Å	nem pois eu da parte de ser humano recebi nem fui ensinado mas mediante revelação de Jesus Cristo
<sup>13</sup> VHkou,sate ga.r th.n evmh.n avnastrofh,n pote evn tw/  VIoudai?smw/ ( o[ti kaqV u`perbolh.n evdi,wkon th.n evkklhsi,an tou/ qeou/ kai. evpo,rqoun auvth,n(	Ouvistes pois a minha conduta outrora no judaísmo, que com excesso perseguia a igreja de Deus e devastava a mesma
<sup>14</sup> kai. proe,kopton evn tw/  VIoudai?smw/  u`pe.r pollou.j sunhlikiw,taj evn tw/  ge,nei mou( perissote,rwj zhlwth.j u`pa,rcwn tw/n patrikw/n mou parado,sewnÅ	e progredia no judaísmo mais do que muitos contemporâneos (da) minha raça, muito mais zeloso sendo (que) meus ancestrais pelas tradições.
<sup>15</sup> {Ote de. euvdo,khsen Îo` qeo.jÐ o` avfori,saj me evk koili,aj mhtro,j mou kai. kale,saj dia. th/j ca,ritoj auvtou/	Quando porém houve por bem [Deus] o que separou a mim desde o ventre de minha mãe e (me) chamou por sua graça (aprouve)

<p><sup>16</sup> avpokalu,yai to.n ui`o.n auvtou/ evn evmoi,( i[na euvaggeli,zwmai auvtou.n evn toi/j e;qnesin( euvqe,wj ouv prosaneqe,mhn sarki. kai. ai[mati</p>	<p>revelar o seu filho em mim, para que (eu) pregasse o mesmo entre os gentios, imediatamente não consultei carne e sangue</p>
<p><sup>17</sup> ouvde. avnh/lqon eivj ~Ieroso,luma pro.j tou.j pro. evmou/ avposto,louj( avlla. avph/lqon eivj VArabi,an kai. pa,lin u`pe,streya eivj Damasko,n</p>	<p>nem subi a Jerusalém para junto dos (que eram) apóstolos antes de mim, mas parti para (a) Arábia e novamente retornei a damasco.</p>
<p><sup>18</sup> :Epeita meta. e;th tri,a avnh/lqon eivj ~Ieroso,luma i`storh/sai Khfa/n kai. evpe,meina pro.j auvtou.n h`me,raj deka,nte(</p>	<p>Em seguida depois de três anos subi a Jerusalém para visitar Cefas e permaneci junto a ele quinze dias,</p>
<p><sup>19</sup> e[teron de. tw/n avposto,lwn ouvkei=don eiv mh. VIa,kwbon to.n avdelfo.n tou/ kuri,ou</p>	<p>mas outro apóstolo não vi exceto Tiago o irmão do Senhor.</p>
<p><sup>20</sup> a] de. gra,fw u`mi/n( ivdou. evnw,pion tou/ qeou/ o[ti ouv yeu,domai</p>	<p>As coisas que escrevo a vós, eis perante Deus que não minto.</p>
<p><sup>21</sup> :Epeita h=lqon eivj ta. kli,mata th/j Suri,aj kai. th/j Kiliki,aj\</p>	<p>em seguida fui para as regiões da Síria e da Cílicia</p>
<p><sup>22</sup> h;mhn de. avgnoou,menoj tw/  prosw,pw  tai/j evkklhsi,aij th/j VIoudai,aj tai/j evn Cristw/ </p>	<p>era desconhecido de rosto às igrejas da Judéia ( que estão) em Cristo</p>
<p><sup>23</sup> mo,non de. avkou,ontej h=san o[ti o`diw,kwn h`ma/j pote nu/n euvaggeli,zetai th.n pi,stin h[n pote evpo,rqei(</p>	<p>mas estavam somente ouvindo: o que perseguia a nós outrora agora anuncia a fé que outrora devastava,</p>
<p><sup>24</sup> kai. evdo,xazon evn evmoi. to.n qeo,n</p>	<p>e glorificavam em mim a Deus</p>

## 2

<p><b>1</b> :Epeita dia. dekatessa,rwn evtw/n pa,lin avne,bhn eivj ~Ieroso,luma meta. Barnaba/ sumparalabw.n kai. Ti,ton\</p>	<p>Em seguida depois de catorze anos subi novamente a Jerusalém com Barnabe levando junto também Tito</p>
---	---

<p><sup>2</sup> avne,bhn de. kata. avpoka,luyin\ kai. avneqe,mhn auvtoi/j to. euvagge,lion o] khru,ssw evn toi/j e;qnesin( katV ivdi,an de. toi/j dokou/sin( mh, pwj eivj keno.n tre,cw h' e;dramonÅ</p>	<p>Subi segundo revelação e apresentei a eles o evangelho que proclamo entre os gentios, e em particular aos notáveis, para que de algum modo em vão não tenha corrido ou corra.</p>
<p><sup>3</sup> avllV ouvde. Ti,toj o` su.n evmoi,( {Ellhn w;n( hvnagka,sqh peritmhqh/nai\</p>	<p>Mas nem Tito ( que estava) comigo, sendo grego, foi obrigado a ser circuncidado.</p>
<p><sup>4</sup> dia. de. tou.j pareisa,ktouj yeudade,lfouj( oi[tinej pareish/lqon kataskoph/sai th.n evleuqeri,an h`mw/n h]n e;comen evn Cristw/  VIhsou/( i[na h`ma/j katadoulw,sousin(</p>	<p>Mas por causa dos intrusos falsos irmãos, os quais se infiltraram para espionar a liberdade que temos em Cristo Jesus, para que a nós escravizassem</p>
<p><sup>5</sup> oi-j ouvde. pro.j w[ran ei;xamen th/  u`potagh/ ( i[na h` avlh,qeia tou/ euvaggeli,ou diamei,nh  pro.j u`ma/jÅ</p>	<p>Aos quais nem por (uma) hora cedemos em submissão, para que a verdade do evangelho permanecesse para vós.</p>
<p><sup>6</sup> VApo. de. tw/n dokou,ntwn ei=nai, ti(&amp; o`poi/oi, pote h=san ouvde,n moi diafe,rei\ pro,swpon Îo`Ð qeo.j avnqrw,pou ouv lamba,nei&amp; evmoi. ga.r oi` dokou/ntej ouvde.n prosane,qento(</p>	<p>e os que pareciam ser algo, quais então eram a mim não importa; Deus das pessoas não aceita (a) aparência a mim pois os notáveis nada acrescentaram</p>
<p><sup>7</sup> avlla. touvnanti,on ivdo,ntej o[ti pepi,steumai to. euvagge,lion th/j avkrobusti,aj kaqw.j Pe,troj th/j peritomh/j(</p>	<p>Mas pelo contrário vendo (eles) que me foi confiado o evangelho da incircuncisão como a Pedro da circuncisão,</p>
<p><sup>8</sup> o` ga.r evnergh,saj Pe,trw  eivj avpostolh.n th/j peritomh/j evnh,rghsen kai. evmoi. eivj ta. e;qnh(</p>	<p>o que agiu pois em Pedro para (o) apostolado da circuncisão agiu também em mim para os gentios,</p>
<p><sup>9</sup> kai. gno,ntej th.n ca,rin th.n doqei/sa,n moi( VIa,kwboj kai. Khfa/j kai. VIwa,nnhj( oi` dokou/ntej stu/loi ei=nai( dexia.j e;dwkan evmoi. kai. Barnaba/ koinwni,aj( i[na h`mei/j eivj ta. e;qnh( auvtoi. de. eivj th.n peritomh,n\</p>	<p>E conhecendo eles a graça que foi dada a mim, Tiago e Cefas e João os que pareciam ser colunas, as mãos direitas da comunhão deram a mim e Barnabé para que nós ( fossemos) para os gentios, e eles para a circuncisão</p>

<p><sup>10</sup> mo,non tw/n ptwcw/n i[na mnhmoneu,wmen( o] kai. evspou,dasa aavto. tou/to poihsai</p>	<p>Somente dos pobres ( é ) que nos lembrassemos o que também me esforcei por isso mesmo fazer</p>
<p><sup>11</sup> {Ote de. h=lqen Khfa/j eivj VAntio,ceian( kata. pro,swpon aavtw/ avnte,sth( o[ti kategnwsme,noj h=n</p>	<p>Mas quando veio Cefas a Antioquia, em face a ele me opus porque errado estava.</p>
<p><sup>12</sup> pro. tou/ ga.r evlqei/n tinaj avpo. VIakw,bou meta. tw/n evqnw/n sunh,sqien\ o[te de. h=lqon( u`pe,stellen kai. avfw,rizen e`auto,n fobou,menoj tou.j evk peritomh/j</p>	<p>Antes pois de virem alguns de Tiago com os gentios comia mas quando vieram , recuava separava-se temendo os da circuncisão.</p>
<p><sup>13</sup> kai. sunupekri,qhsan aavtw/  Îkai.Đ oi` loipoi. VIoudai/oi( w[ste kai. Barnaba/j sunaph,cqh aavtw/n th/  u`pokri,sei</p>	<p>E participaram da hipocrisia com ele [também] os demais judeus assim também Barnabé foi levado pela hipocrisia deles</p>
<p><sup>14</sup> avlIV o[te ei=don o[ti ouv ovrqopodou/sin pro.j th.n avlh,qeian tou/ euvaggeli,ou( ei=pon tw/  Khfa/ e;mprosqen pa,ntwn\ eiv su. VIoudai/oj u`pa,rcwn evqnikw/j kai. ouvci. VIoudai?kw/j zh/j( pw/j ta. e;qnh avnagka,zeij ivoudai&lt;zeinÈ</p>	<p>Mas quando vi que não andam retamente conforme a verdade do evangelho, disse a Cefas perante todos: se tu sendo judeu vives como um gentio e não como um judeu como constranges (os gentios) a judaizarem-se?</p>
<p><sup>15</sup> h`mei/j fu,sei VIoudai/oi kai. ouv evqnw/n a`martwloi,\</p>	<p>Nós ( somos ) judeus por natureza e não dentre( os ) gentios pecadores</p>
<p><sup>16</sup> eivdo,tej Îde.Đ o[ti ouv dikaiou/tai a;nqrwpoj evx e;rgwn no,mou eva.n mh. dia. pi,stewj VIhsou/ Cristou/( kai. h`mei/j eivj Cristo.n VIhsou/n evpisteu,samen( i[na dikaiwqw/men evk pi,stewj Cristou/ kai. ouv evx e;rgwn no,mou( o[ti evx e;rgwn no,mou ouv dikaiwqh,setai pa/sa sa,rx</p>	<p>[Mas] sabendo que o homem não é justificado por obras da lei exceto mediante ( a ) fé ( de ou em ) Jesus Cristo, também nós em Cristo Jesus temos crido, para que fôssemos justificados mediante a fé ( de ou em ) Jesus Cristo e não por bras da lei, porque por obras da lei não será justificado toda carne</p>
<p><sup>17</sup> eiv de. zhtou/ntej dikaiwqh/nai evn Cristw/  eu`re,qhmen kai. aavtoi.</p>	<p>mas se procurando sermos justificados em Cristo fomos achados também nós mesmos pecadores, então do pecado</p>

a`martwloi,( a=ra Cristo.j a`marti,aj dia,konojÈ mh. ge,noitoÅ	Cristo é ministro? não seja assim !
<sup>18</sup> eiv ga.r a] kate,lusa tau/ta pa,lin oivkodomw/( paraba,thn evmauto.n sunista,nwÅ	Se as coisas que demoli estas novamente construo, transgressor a mim mesmo constituo.
<sup>19</sup> evgw. ga.r dia. no,mou no,mw  avpe,qanon( i[na qew/  zh,swÅ Cristw/  sunestau,rwmai\	Pois eu mediante (a) lei para (a) lei morri, a fim de que para Deus eu viva com Cristo crucificado
<sup>20</sup> zw/ de. ouvke,ti evgw,( zh/  de. evn evmoi. Cristo,j\ o] de. nu/n zw/ evn sarki,( evn pi,stei zw/ th/  tou/ ui`ou/ tou/ qeou/ tou/ avgaph,santo,j me kai. parado,ntoj e`auto.n u`pe.r evmou/Å	Vivo, não mais eu, vive em mim Cristo o (que) agora vivo na carne, vivo na fé do filho de Deus que amou a mim ( e se ) entregou a si mesmo por mim
<sup>21</sup> Ouvk avqetw/ th.n ca,rin tou/ qeou/\ eiv ga.r dia. no,mou dikaios,nh( a;ra Cristo.j dwrea.n avpe,qanenÅ	Não anulo a graça de Deus; se pois mediante (a) lei (vem) a justiça, então Cristo morreu em vão morreu.

## 3

<b>1</b> +W avno,htoi Gala,tai( ti,j u`ma/j evba,skanen( oi-j katV ovfqalmou.j Vlh sou/j Cristo.j proegra,fh evstaurwme,nojÈ	Ó insensatos gálatas, quem vos seduziu, aos quais perante (os) olhos Jesus Cristo foi exposto como crucificado?
<sup>2</sup> tou/to mo,non qe,lw maqei/n avfV u`mw/n\ evx e;rgwn no,mou to. pneu/ma evla,bete h' evx avkoh/j pi,stewjÈ	Somente isto quero aprender de vós: por obras da lei recebestes o Espírito ou (pela) escuta da fé?
<sup>3</sup> ou[twj avno,htoi, evste( evnarxa,menoi pneu,mati nu/n sarki. evpitelei/sqeÈ	Assim sois insensatos, tendo começado no Espírito agora na carne estais vos aperfeiçoando?
<sup>4</sup> tosau/ta evpa,qete eivkh/ È ei; ge kai. eivkh/ Å	Tantas coisas sofrestes em vão? Se de fato também (fosse) em vão.
<sup>5</sup> o` ou=n evpicorhgw/n u`mi/n to. pneu/ma kai. evnergw/n duna,meij evn	Pois o que concede a vós o Espírito e que opera milagres entre vós, (é) por obras da

u`mi/n( evx e;rgwn no,mou h' evx avkoh/j pi,stewjÈ	lei ou por escuta da fé?
<sup>6</sup> Kaqw.j VAbraa.m evpi,steusen tw/  qew/ ( kai. evlogi,sqh auvtw/  eivj dikaios,nhn\	Abraão creu em Deus, e isto lhe foi atribuído para a justiça.
<sup>7</sup> ginw,skete a;ra o[ti oi` evk pi,stewj( outoi ui`oi, eivsin VAbraa,mÅ	Sabei então que os (que são) pela fé, estes filhos são de Abraão
<sup>8</sup> proi?dou/sa de. h` grafh. O[ti evk pi,stewj dikaioi/ ta. e;qnh o` qeo.j( proeuhggeli,sato tw/  VAbraa.m o[ti evneuloghqh,sontai evn soi. pa,nta ta. e;qnh\	Prevendo a escritura que pela fé Deus justifica os gentios anunciou antecipadamente a Abraão serão abençoados em ti todos os gentios;
<sup>9</sup> w[ste oi` evk pi,stewj euvlogou/ntai su.n tw/  pistw/  VAbraa,mÅ	Assim pela fé são abençoados com o crente Abraão
<sup>10</sup> {Osoi ga.r evx e;rgwn no,mou eivsi,n( u`po. kata,ran eivsi,n\ ge,graptai ga.r o[ti evpikata,ratoj pa/j o]j ouvkv evmme,nei pa/sin toi/j gegramme,noij evn tw/  bibli,w  tou/ no,mou tou/ poih/sai auvta,Å	Todos quantos pelas obras (da) lei são sob maldição estão; está escrito pois maldito todo o que não permanece em todas as coisas escritas no livro da lei para fazer as mesmas.
<sup>11</sup> o[ti de. evn no,mw  ouvdei.j dikaiou/tai para. tw/  qew/  dh/lon( o[ti o` di,kaioj evk pi,stewj zh,setai\	Que na lei ninguém é justificado junto a Deus é evidente, porque o justo pela fé viverá
<sup>12</sup> o` de. no,moj ouvkv e;stin evk pi,stewj( avllV o` poih,saj auvta. zh,setai evn auvtoi/jÅ	A lei não é pela fé, mas o que faz estas coisas viverá por elas.
<sup>13</sup> Cristo.j h`ma/j evxhgo,rasen evk th/j kata,raj tou/ no,mou geno,menoj u`pe.r h`mw/n kata,ra( o[ti ge,graptai\ evpikata,ratoj pa/j o` krema,menoj evpi.xu,lou(	Cristo nos resgatou da maldição da lei tornando-se por nós maldição porque está escrito: maldito todo o que é pendurado sobre madeiro,
<sup>14</sup> i[na eivj ta. e;qnh h` euvlogi,a tou/ VAbraa.m ge,nhtai evn Cristw/  VIhsou/( i[na th.n evpaggeli,an tou/ pneu,matoj	Para que os gentios a bênção chegasse em Cristo Jesus, a fim de que a promessa do Espírito recebêssemos mediante a fé.

la,bwmen dia. th/j pi,stewj	
<p><sup>15</sup> VAdelfoi,( kata. a;nqrwpon le,gw\ o[mwj avnqrw,pou kekurwme,nhn diaqh,khn ouvdei.j avqetei/ h' evpidiata,ssetai</p>	<p>Irmão, como um homem falo: embora tendo sido ratificada (por) uma pessoa uma aliança ninguém (a) anula ou suplementa.</p>
<p><sup>16</sup> tw/  de. VAbraa.m evrre,qhsan ai` evpaggeli,ai kai. tw/  spe,rmati auvtou/` ouv le,gei\ kai. toi/j spe,rmasin( w`j evpi. pollw/n avllV w`j evfV e`no,j\ kai. tw/  spe,rmati, sou( o[j evstin Cristo,j` <sup>17</sup> tou/to de. le,gw\ diaqh,khn prokekurwme,nhn u`po. tou/ qeou/ o` meta. tetrako,sia kai. tria,konta e;th gegonw.j no,moj ouvkv avkuroi/ eivj to. katargh/sai th.n evpaggeli,an</p>	<p>(à) Abraão foram ditas e à descendência dele. Não diz: e as descendências, como acerca de muitas, mas como acerca de uma (só), e à tua descendência que é Cristo.</p>
<p><sup>17</sup> tou/to de. le,gw\ diaqh,khn prokekurwme,nhn u`po. tou/ qeou/ o` meta. tetrako,sia kai. tria,konta e;th gegonw.j no,moj ouvkv avkuroi/ eivj to. katargh/sai th.n evpaggeli,an</p>	<p>Isto (eu) digo: (uma) aliança previamente ratificada por Deus depois de quatrocentos e trinta anos que veio a ser lei não a-broga para anular a promessa.</p>
<p><sup>18</sup> eiv ga.r evk no,mou h` klhronomi,a( ouvke,ti evx evpaggeli,aj) tw/  de. VAbraa.m diV evpaggeli,aj keca,ristai o` qeo,j</p>	<p>Se pois pela lei (é) a herança, já não (é) por promessa; mas a Abraão mediante (a) promessa Deus (a) deu de graça.</p>
<p><sup>19</sup> Ti, ou=n o` no,mojÈ tw/n paraba,sewn ca,rin prosete,qh( a;crij ou- e;lqh) to. spe,rma w-  evph,ggeltai( diatagei.j diV avgge,lwn evn ceiri. mesi,tou</p>	<p>Para que pois a lei? Foi acrescentada por causa das transgressões até que viesse a descendência a quem foi prometido, promulgada por anjos em mão de mediador,</p>
<p><sup>20</sup> o` de. mesi,thj e`no.j ouvkv e;stin( o` de. qeo.j ei-j evstin</p>	<p>Não é o mediador de um , mas Deus é (só) um.</p>
<p><sup>21</sup> o` ou=n no,moj kata. tw/n evpaggelw/n Îtou/ qeou/È mh.</p>	<p>Portanto a lei (é) contra as promessas [de Deus]; não seja (assim)! Se pois fosse</p>

ge,noitoÅ eiv ga.r evdo,qh no,moj o` duna,menoj zw opoih/sai( o;ntwj evk no,mou a'n h=n h` dikaiosuhÅ	dada (uma) capaz de dar vida, verdadeiramente pela lei seria a justiça;
<sup>22</sup> avlla. sune,kleisen h` graph. ta. pa,nta u`po. a`marti,an( i[na h` evpaggeli,a evk pi,stewj Vhsou/ Cristou/ doqh/  toi/j pisteu,ousinÅ	Mas encerrou a escritura todas as coisas sob pecado, para que a promessa pela fé de Jesus ( ou em Jesus ) fosse dada aos que crêem.
<sup>23</sup> Pro. tou/ de. evlqei/n th.n pi,stin u`po. no,mon evfrourou,meqa sugkleio,menoi eivj th.n me,llousan pi,stin avpokalufqh/nai(	Antes (de) vir a fé sob (a) lei éramos guardados confinados para a fé que iria ser revelada
<sup>24</sup> w[ste o` no,moj paidagwgo.j h`mw/n ge,gonen eivj Cristo,n( i[na evk pi,stewj dikaiwqw/men\	Assim a lei se tornou nosso pedagogo (levando) a Cristo para que pela fé fôssemos justificados.
<sup>25</sup> evlqou,shj de. th/j pi,stewj ouvke,ti u`po. paidagwgo,n evsmenÅ	Mas tendo vindo a fé já não estamos sob pedagogo
<sup>26</sup> Pa,ntej ga.r ui`oi. qeou/ evste dia. th/j pi,stewj evn Cristw/  Vhsou\	Pois todos sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;
<sup>27</sup> o[soi ga.r eivj Cristo.n evbapti,sqhte( Cristo.n evnedu,sasqeÅ	Pois todos quantos em Cristo fostes batizados, (de) Cristo vos revestistes.
<sup>28</sup> ouvke;ni VIoudai/oj ouvde. {Ellhn( ouvke;ni dou/loj ouvde. evleu,qeroj( ouvke e;ni a;rsen kai. qh/lu\ pa,ntej ga.r u`mei/j ei-j evste evn Cristw/  Vhsou/Å	Não há judeu nem grega, não há escravo nem livre, não há homem e mulher; pois vós sois um em Cristo Jesus.
<sup>29</sup> eiv de. u`mei/j Cristou/( a;ra tou/ VAbraa.m spe,rma evste,( katV evpaggeli,an klhrono,moiÅ	Se vós (sois) de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa.

## 4

<b>1</b> Le,gw de,( evfV o[son cro,non o` klhrono,moj nh,pio,j evstin( ouvde.n diafe,rei dou,lou ku,rioj pa,ntwn w;n(	Mas digo, por quanto tempo o herdeiro menor (for), sendo Senhor de todas as coisas em nada difere de escravos,
---	--

<p><sup>2</sup> avlla. u`po. evpitro,pouj evsti.n kai. oivkono,mouj a;cri th/j proqesmi,aj tou/ patro,j</p>	<p>mas sob guardiões e administradores está até o tempo fixado do Pai.</p>
<p><sup>3</sup> ou[twj kai. h`mei/j( o[te h=men nh,pioi( u`po. ta. stoicei/a tou/ ko,smou h;meqa dedoulwme,noi\</p>	<p>Assim também nós, quando éramos menores, sob os elementos do mundo estávamos mantidos em escravidão;</p>
<p><sup>4</sup> o[te de. h=lqen to. plh,rwma tou/ cro,nou( evxape,steilen o` qeo.j to.n ui`o.n aautou/( geno,menon evk gunaiko,j( geno,menon u`po. no,mon(</p>	<p>Mas quando veio a plenitude do tempo, enviou Deus o filho dele, vindo de mulher, vindo sob (a) lei,</p>
<p><sup>5</sup> i[na tou.j u`po. no,mon evxagora,sh( i[na th.n ui`oqesi,an avpola,bwmen</p>	<p>Para que os sob a lei resgatasse para que a adoção de filhos recebêssemos.</p>
<p><sup>6</sup> {Oti de, evste ui`oi,( evxape,steilen o` qeo.j to. pneu/ma tou/ ui`ou/ aautou/ eivj ta.j kardi,aj h`mw/n kra/zon\ abba o` path,r</p>	<p>Porque sois filhos, enviou Deus o Espírito do Filho dele aos nossos corações que clama: abbá, Pai.</p>
<p><sup>7</sup> w[ste ouvke,ti ei= dou/loj avlla. ui`o,j\ eiv de. ui`o,j( kai. klhrono,moj dia. qeou/</p>	<p>de sorte que já não és escravo, mas filho; e se filho, também herdeiro mediante Deus.</p>
<p><sup>8</sup> VAlla. to,te me.n ouvke eivdo,tej qeo.n evdouleu,sate toi/j fu,sei mh. ou=sin qeoij\</p>	<p>Mas por outro outrora não conhecendo a Deus servistes aos que por natureza não são deuses;</p>
<p><sup>9</sup> nu/n de. gno,ntej qeo,n( ma/l lon de. gnwsqe,ntej u`po. qeou/( pw/j evpistre,fete pa,lin evpi. ta. avsqenh/ kai. ptwca. stoicei/a oi-j pa,lin a;nwqen douleu,ein qe,lete</p>	<p>Mas agora conhecendo a Deus, como estais voltando novamente aos fracos e pobres elementos aos quais novamente outra vez quereis servir como escravo?</p>
<p><sup>10</sup> h`me,raj parathrei/sqe kai. mh/naj kai. kairou.j kai. evniautou,j(</p>	<p>Guardais dias e meses e tempos e anos,</p>
<p><sup>11</sup> fobou/mai u`ma/j mh, pwj eivkh/ kekopi,aka eivj u`ma/j</p>	<p>Temo que por vós de algum modo trabalhei em vão</p>
<p><sup>12</sup> Gi,nesqe w`j evgw,( o[ti kavgw. w`j u`mei/j( avdelfoi,( de,omai u`mw/n</p>	<p>Sede como eu, pois também eu (sou) como vós , irmãos, suplico a vós( em)</p>

ouvde,n me hvdikh,sate\	nada me injustiçastes;
<sup>13</sup> oi;date de. o[ti diV avsqe,neian th/j sarko.j evvhggelisa,mhn u`mi/n to. pro,teron(	Sabeis que por causa de enfermidade da carne da proclamei o evangelho a vós
<sup>14</sup> kai. to.n peirasmo.n u`mw/n evn th/sarki, mou ouvkv evxouqenh,sate ouvde. evxeptu,sate( avlla. w`j a;ggelon qeou/ evde,xasqe, me( w`j Cristo.n VIhsou/n	E a minha tentação na carne ( vós) não desprezastes nem desdenhastes, mas como anjo de Deus recebestes a mim, como Cristo Jesus.
<sup>15</sup> pou/ ou=n o` makarismo.j u`mw/nE marturw/ ga.r u`mi/n o[ti eiv dunato.n tou.j ovfqalmou.j u`mw/n evxoru,xantej evdw,kate, moi	Onde pois a vossa bem-aventurança testifico pois a vós se possível vossos olhos tendo arrancado terieis dado a mim
<sup>16</sup> w[ste evcqro.j u`mw/n ge,gona avlhqeu,wn u`mi/nE	De sorte que vosso inimigo (me) tornei dizendo a vós a verdade?
<sup>17</sup> zhlou/sin u`ma/j ouv kalw/j( avlla. evkklei/sai u`ma/j qe,lousin( i[na auvtou.j zhlou/te\	Não corretamente são zelosos por vós, mas excluir a vós desejam , para que por ele sejam zelosos.
<sup>18</sup> kalo.n de. zhlou/sqai evn kalw/pa,ntote kai. mh. mo,non evn tw/parei/nai, me pro.j u`ma/j	Bom é ser zeloso no bem sempre e não somente no estar presente junto a vós.
<sup>19</sup> te,kna mou( ou]j pa,lin wvdi,nw me,crij ou- morfwqh/  Cristo.j evn u`mi/n\	Meus filhos, pelos quais novamente sofro dores de parto até que seja formado formado Cristo em vós;
<sup>20</sup> h;qelon de. parei/nai pro.j u`ma/j a;rti kai. avlla,xai th.n fwnh,n mou( o[ti avporou/mai evn u`mi/n	(eu) quisera estar presente junto a vós agora e alterar minha voz, porque estou perplexo em vós ( a vosso respeito)
<sup>21</sup> Le,gete, moi( oi` u`po. no,mon qe,lontej ei=nai( to.n no,mon ouvkv avkou,eteE	Dizei a mim, os que sob (a) lei quereis estar, a lei não ouvis?
<sup>22</sup> ge,graptai ga.r o[ti VAbraa.m du,o ui`ou.j e;scen( e[na evk th/j paidi,skhj kai. e[na evk th/j evleuqe,raj	Está escrito pois que Abraão dois filhos teve, um da escrava e um da livre.
<sup>23</sup> avllV o` me.n evk th/j paidi,skhj kata.	Mas por um lado o da livre foi gerado

sa,rka gege,nnhtai( o` de. evk th/j evleuqe,raj diV evpaggeli,ajÅ	segundo (a ) carne, por outro o da livre mediante (a) promessa
<sup>24</sup> a[ <i>tina, evstin avllhgorou,mena\ au-tai</i> <i>ga,r eivsin du,o diaqh/kai( mi,a me.n</i> <i>avpo. o;rouj Sina/ eivj doulei,an</i> <i>gennw/sa( h[tij evsti.n ~Aga,rÅ</i>	<b>Coisas as quais são ditas alegoricamente pois estas são as duas alianças, por um lado uma do monte sinai para a escravidão gerado, a qual é Agar</b>
<sup>25</sup> to. de. ~Aga.r Sina/ o;roj evsti.n evn th/  VArabi,a \ sustoicei/ de. th/  nu/n VJerousalh,m( douleu,ei ga.r meta. tw/n te,knwn auvth/jÅ	E Agar é o monte sinai na Arábia; corresponde à atual Jerusalém, pois serve (como escrava) com os filhos dela.
<sup>26</sup> h` de. a;nw VJerousalh.m evleuqe,ra evsti,n( h[tij evsti.n mh,thr h`mw/n\	Mas a Jerusalém do alto é livre, a qual é nossa mãe
<sup>27</sup> ge,graptai ga,r\ euvfra,nqhti( stei/ra h` ouv ti,ktousa( r`h/xon kai. bo,hson( h` ouvk wvdi,nousa\ o[ti polla. ta. te,kna th/j evrh,mou ma/llon h' th/j evcou,shj to.n a;ndraÅ	Pois está escrito: alegre-te, estéril a que não deu à luz, irrompe e grita, a que não teve dores de parto; porque muitos (são) os filhos da abandonada mais do que da que tem o marido
<sup>28</sup> u`mei/j de,( avdelfoi,( kata. VIsaa.k evpaggeli,aj te,kna evste,Å	Mas, vós irmãos, sois filhos da promessa segundo Isaque.
<sup>29</sup> avllV w[sper to,te o` kata. sa,rka gennhqeij evdi,wken to.n kata. pneu/ma( ou[twj kai. nu/nÅ	Mas como outrora o gerado segundo a carne perseguia ( o gerado ) segundo (o) Espírito, assim também agora.
<sup>30</sup> avlla. ti, le,gei h` grafh,È e;kbale th.n paidi,skhn kai. to.n ui`o.n auvth/j\ ouv ga.r mh. klhronomh,sei o` ui`o.j th/j paidi,skhj meta. tou/ ui`ou/ th/j evleuqe,rajÅ	Mas que diz a escritura? Expulsa a escrava e o filho dela; pois não herdará o filho da escrava com o da livre.
<sup>31</sup> dio,( avdelfoi,( ouvk evsme.n paidi,skhj te,kna avlla. th/j evleuqe,rajÅ	Portanto, irmãos, não somos filhos da escrava mas da livre

## 5

<b>1 Th/  evleuqeri,a  h`ma/j Cristo.j</b> <b>hvleuqe,rwsen\ sth,kete ou=n kai. mh.</b>	<b>Para a liberdade Cristo nos libertou; ficai</b> <b>firmes portanto e não vos prendais</b>
--	---

pa,lin zugw/  doulei,aj evne,cesqe	novamente ao jugo de escravidão
<sup>2</sup> :Ide evgw. Pau/loj le,gw u`mi/n o[ti eva.n perite,mnhsqe( Cristo.j u`ma/j ouvde.n wvfelh,sei	Eis (que) eu Paulo digo a vós que, se fordes circuncidados, Cristo a vós (de) nada aproveitará.
<sup>3</sup> martu,romai de. pa,lin panti. avnqrw,pw  peritemnome,nw  o[ti ovfeile,thj evsti.n o[lon to.n no,mon poih/sai	Declaro novamente a todo homem circuncidado que devedor é a toda a lei para cumprir.
<sup>4</sup> kathrgh,qhte avpo. Cristou/( oi[tinej evn no,mw  dikaiou/sqe( th/j ca,ritoj evxepe,sate	Fostes separados de Cristo, os que na lei sois justificados, da graça decaistes.
<sup>5</sup> h`mei/j ga.r pneu,mati evk pi,stewj evlpi,da dikaios,nhj avpekdeco,meqa	pois nós aguardamos pelo (o) Espírito, pela (a) fé (a) esperança de justiça.
<sup>6</sup> evn ga.r Cristw/  Vhsou/ ou;te peritomh, ti ivscu,ei ou;te avkrobusti,a avlla. pi,stij diV avga,phj evnergoume,nh	Pois em Cristo Jesus nem circuncisão agora pode nem incircuncisão mas (a) fé operando mediante (o) amor
<sup>7</sup> VEtre,cete kalw/j\ ti,j u`ma/j evne,koyen Îth/ Ð avlhqei,a  mh. pei,qesqaiÈ	Corríeis bem; quem vos obstrui para à verdade não obedecer?
<sup>8</sup> h` peismonh. ouvkv evk tou/ kalou/ntoj u`ma/j	A persuassão não (vem) do que chama a vós.
<sup>9</sup> mikra. zu,mh o[lon to. fu,rama zumoi/	Pouco fermento toda a massa leveda.
<sup>10</sup> evgw. pe,poiqa eivj u`ma/j evn kuri,w  o[ti ouvde.n a;llo fronh,sete\ o` de. tara,sswn u`ma/j basta,sei to. kri,ma( o[stij eva.n h=	Eu tenho confiança para convosco no Senhor que nada diferente cogitareis mas o que está agitando a vós suportará o juízo, quem quer que seja..
<sup>11</sup> VEgw. de,( avdelfoi,( eiv peritomh.n e;ti khru,ssw( ti, e;ti diw,komaiÈ a;ra kath,rgh tai to. ska,ndalon tou/ staurou/	Mas eu, irmãos, se circuncisão ainda proclamo, porque ainda sou perseguido? Então está anulado o escândalo
<sup>12</sup> :Ofelon kai. avpoko,yontai oi` avnastatou/ntej u`ma/j	Os que perturbam a vós tomara se castrassem
<sup>13</sup> u`mei/j ga.r evpV evleuqeri,a  evklh,qhte( avdelfoi,\ mo,non mh. th.n	Vós pois para (a) liberdade fostes chamados, irmãos; somente não (se torne)

<p>evleuqeri,an eivj avformh.n th/  sarki,( avlla. dia. th/j avga,phj douleu,ete avllh,loij</p>	<p>a liberdade em oportunidade para a carne, mas mediante o amor servir uns aos outros.</p>
<p><sup>14</sup> o` ga.r pa/j no,moj evn e`ni. lo,gw  peplh,rwtai( evn tw/  avgaph,seij to.n plhsi,on sou w`j seauto,n</p>	<p>Pois toda a lei em uma palavra é cumprida, nesta: amarás o teu próximo como a ti mesmo.</p>
<p><sup>15</sup> eiv de. avllh,louj da,knete kai. katesqi,ete( ble,pete mh. u`pV avllh,lwn avnalwqh/te</p>	<p>Mas se uns aos outros mordeis e devorais, vede que não sejais destruidos uns pelos outros.</p>
<p><sup>16</sup> Le,gw de,( pneu,mati peripatei/te kai. evpiqumi,an sarko.j ouv mh. tele,shte</p>	<p>Mas digo, pelo Espírito andai e (o) desejo da carne de modo algum cumprireis.</p>
<p><sup>17</sup> h` ga.r sa.rx evpiqumei/ kata. tou/ pneu,matoj( to. de. pneu/ma kata. th/j sarko,j( tau/ta ga.r avllh,loij avnti,keitai( i[na mh. a] eva.n qe,lhte tau/ta poih/te</p>	<p>Pois a carne deseja contra o Espírito, o Espírito contra a carne, pois estas coisas umas às outras se opõem, para que estas coisas que desejardes não façais.</p>
<p><sup>18</sup> eiv de. pneu,mati a;gesqe( ouvkv evste. u`po. no,mon</p>	<p>Mas se pelo Espírito sois guiados, não estás sob a lei.</p>
<p><sup>19</sup> fanera. de, evstin ta. e;rga th/j sarko,j( a[tina, evstin pornei,a( avkaqarsi,a( avse,lgeia(</p>	<p>Manifestas são as obras da carne, as quais são imoralidade sexual, impureza, lascívia,</p>
<p><sup>20</sup> eivdwlolatri,a( farmakei,a( e;cqrai( e;rij( zh/loj( qumoi,( evriqei/ai( dicostasi,ai( ai`re,seij(</p>	<p>Idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, iras, discórdias, dissensões, facções,</p>
<p><sup>21</sup> fqo,noi( me,qai( kw/moi kai. ta. o[moia tou,toij( a] prole,gw u`mi/n( kaqw.j proei/pon o[ti oi` ta. toiau/ta pra,ssontej basilei,an qeou/ ouv klhronomh,sousin</p>	<p>Invejas, bebedeiras, orgias e as coisas semelhantes a estas, as quais digo antecipadamente a vós como disse anteriormente que os que praticam tais coisas não herdarão o reino de Deus.</p>
<p><sup>22</sup> o` de. karmo.j tou/ pneu,mato,j evstin avga,ph cara. eivrh,nh( makroqumi,a crhsto,thj avgaqwsu,nh( pi,stij</p>	<p>Mas o fruto do Espírito é amor alegria paz, longanimidade, benignidade bondade, fidelidade</p>
<p><sup>23</sup> prau&lt;thj evgkra,teia\ kata. tw/n</p>	<p>Mansidão auto-domínio; contra tais coisas</p>

toiou,twn ouvk e;stin no,moj	não existe lei
<sup>24</sup> oi` de. tou/ Cristou/ Ihsou/Ð th.n sa,rka evstau,rwsan su.n toi/j paqh,masin kai. tai/j evpiqumi,aij	Mas os de Cristo Jesus crucificaram a carne com as paixões e os desejos
<sup>25</sup> Eiv zw/men pneu,mati( pneu,mati kai. stoicw/men	Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito também andemos.
<sup>26</sup> mh. ginw,meqa keno,doxoi( avllh,louj prokalou,menoi( avllh,loij fqonou/ntej	<b>Não nos tornemos presunçosos, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros.</b>

## 6:

<b>1</b> VAdelfoi,( eva.n kai. prolhmfqh/ a;nqrwpoj e;n tini paraptw,mati( u`mei/j oi` pneumatikoi. katarti,zete to.n toiou/ton evn pneu,mati prau<thtoj( skopw/n seauto.n mh. kai. su. peirasqh/j	Irmãos, se também (uma) pessoa for surpreendida em alguma transgressão, vós os espirituais restaurai a (tal) pessoa em espírito de mansidão, ( para que ) tamb''em tu não sejas tentado.
<sup>2</sup> VAllh,lwn ta. ba,rh basta,zete kai. ou[twj avnaplhrw,sete to.n no,mon tou/ Cristou/	Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo.
<sup>3</sup> eiv ga.r dokei/ tij ei=nai, ti mhde.n w;n( frenapata/  e`auto,n	Pois se alguém ser algo nada sendo, engana a si mesmo.
<sup>4</sup> to. de. e;rgon e`autou/ dokimaze,tw e[kastoj( kai. to,te eivj e`auto.n mo,non to. kau,chma e[xei kai. ouvk eivj to.n e[teron\	Cada qual examine a obra de (si) próprio e então para si somente ( o ) orgulho terá e não para o outro;
<sup>5</sup> e[kastoj ga.r to. i;dion forti,on basta,sei	pois cada qual levará o próprio fardo
<sup>6</sup> Koinwnei,tw de. o` kathcou,menoj to.n lo,gon tw/  kathcou/nti evn pa/sin avgaqoi/j	O que instrui faça participante o que está sendo instruído na palavra ( e ) em todas as boas coisas.
<sup>7</sup> Mh. plana/sqe( qeo.j ouv mukthri,zetai o] ga.r eva.n spei,rh  a;nqrwpoj( tou/to kai. qeri,sei\	Não vos enganéis, Deus ão é tratado com desprezo. Pois o que ( ) uma pessoa semear, isto também colherá;

<p><sup>8</sup> o[ti o` spei,rwn eivj th.n sa,rka e` autou/ evk th/j sarko.j qeri,sei fqora,n( o` de. spei,rwn eivj to. pneu/ma evk tou/ pneu,matoj qeri,sei zwh.n aivw,nion</p>	<p>Porque o que semeia para sua própria carne da carne colherá corrupção , mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna.</p>
<p><sup>9</sup> to. de. kalo.n poiou/ntej mh. evgakw/men( kairw/  ga.r ivdi,w  qeri,somen mh. evkluo,menoi</p>	<p>e fazendo o bem não nos cansemos, pois no tempo próprio colheremos, não nos desfalecendo.</p>
<p><sup>10</sup> :Ara ou=n w`j kairo.n e;comen( evrgazw,meqa to. avgaqo.n pro.j pa,ntaj( ma,lista de. pro.j tou.j oivkei,ouj th/j pi,stewj</p>	<p>Assim, portanto enquanto tempo temos, façamos o bem a todos, mas principalmente os membros da família da fé.</p>
<p><sup>11</sup> i;dete phli,koij u`mi/n gra,mmasin e;graya th/  evmh/  ceiri,</p>	<p>Vede com que grandes letras a vós escrevi com a minha mão.</p>
<p><sup>12</sup> {Osoi qe,lousin euvproswph/sai evn sarki,( ou-toi avnagka,zousin u`ma/j perite,mnesqai( mo,non i[na tw/  staurw/  tou/ Cristou/ mh. diw,kwntai</p>	<p>Todos que querem mostrar boa aparência na carne estes vos constroem a ser circuncidados, somente para que quanto a cruz de Cristo não sejam perseguido.</p>
<p><sup>13</sup> ouvde. ga.r oi` peritemno,menoi auctoi. no,mon fula,ssousin avlla. qe,lousin u`ma/j perite,mnesqai( i[na evn th/  u`mete,ra  sarki. kauch,swntai</p>	<p>Pois nem os que são circuncidados eles mesmos ( a ) ( não ) guardam mas quem ( a ) circuncidados para que na vossa carne se gloriem.</p>
<p><sup>14</sup> VEmoi. de. mh. ge,noito kauca/sqai eiv mh. evn tw/  staurw/  tou/ kuri,ou h`mw/n VIhsou/ Cristou/( diV ou- evmoi. ko,smoj evstau,rwtai kavgw. ko,smw </p>	<p>Mas a mim não aconteça gloriar-me exceto na cruz do nosso Senhor Jesus Cristo mediante quem para mim ( o ) mundo está crucificado e eu para o mundo.</p>
<p><sup>15</sup> ou;te ga.r peritomh, ti, evstin ou;te avkrobusti,a avlla. kainh. kti,sij</p>	<p>Pois nem circunciação é algo nem incircuncisão mas nova criação.</p>
<p><sup>16</sup> kai. o[soi tw/  kano,ni tou,tw  stoich,sousin( eivrh,nh evpV auctou.j kai. e;leoj kai. evpi. to.n VIsrach.l tou/ qeou/</p>	<p>E todos que por esta norma andarem, paz e misericórdia sobre eles, e sobre o Israel de Deus.</p>
<p><sup>17</sup> Tou/ loipou/ ko,pouj moi mhdei.j parece,tw\ evgw. ga.r ta. sti,gmata tou/</p>	<p>Quanto ao mais, problema a mim ninguém cause, pois eu levo as marcas de Jesus em</p>

VIhsou/ evn tw/  sw,mati, mou basta,zwÅ	meu corpo
<sup>18</sup> ~H ca,rij tou/ kuri,ou h`mw/n VIhsou/ Cristou/ meta. tou/ pneu,matoj u`mw/n( avdelfoi,\ avmh,nÅ	A graça do nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso Espírito, irmãos ; amém.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1974.

BAUER, J. B. *Dicionário bíblico-teológico*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000.

BOSCH, J. S. *Escritos paulinos: introdução ao estudo da Bíblia*. v. II. Tradução de Alceu Luiz e Jaime Sanchez. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

BROWN, C.; COENEM, L. *Dicionário de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Paulinas, 2000.

CARREZ, M. et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1987.

COMBLIN, J. *A liberdade cristã*. Petrópolis: Vozes, 1977.

COTHENET, E. *A epístola aos gálatas*. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. *São Paulo e o seu tempo*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1984.

CROATO, S. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. Tradução de José Américo de Assis. São Paulo: Paulinas, 1981.

DOUGLAS, J. D. (org.) *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995.

DRANE, J. *Paulo: um documento ilustrado sobre a vida e os escritos de uma figura-chave dos primórdios do cristianismo*. Tradução de Alexandre Macintire. São Paulo: Paulinas, 1982.

DUNN, J. D. G. *A teologia do Apóstolo Paulo*. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.

ELLIOT, N. *Libertando Paulo*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998.

ERDMAN, C. R. *Comentário à epístola de São Paulo aos gálatas*. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1930.

FRIES, H. et al. *Dicionário de teologia: conceitos fundamentais de teologia atual*. v. III. São Paulo: Loyola, 1970.

GIAVINI, G. *Gálatas: liberdade e lei na igreja*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1987.

HARRIS, R. L. et al. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayao e Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. v. 1. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1977.

KÄSEMANN, E. *Perspectivas paulinas*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Teológica, 2003.

LÉON-DUFOUR, X. et al. *Vocabulário de teologia bíblica*. Tradução de Frei Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1972.

MACKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1993.

MULLINS, A. G. *Nova enciclopédia católica*. v. II. Rio de Janeiro: Renes, 1969.

O'CONNOR, J. M. *Antropologia pastoral*. Tradução de Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000.

QUESNEL, M. *Paulo e as origens do cristianismo*. Tradução de Paulo Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.

ROBERT, A.; FEUILLET, A. *Introdução à Bíblia*. São Paulo: Herder, 1968.

RUSCONI, C. *Dicionário grego do Novo Testamento*. Tradução de Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

SANDERS, P. *Paulo, a lei e o povo judeu*. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1990.

SCHNEIDER, G. *Epístola aos gálatas*. Coleção Novo Testamento, Comentário e Mensagem. Petrópolis: Vozes, 1967.

SCHNELLE, U. *A evolução do pensamento Paulino*. São Paulo: Loyola, 1999.

TURRADO, L. *Hechos de los apóstoles y epístolas paulinas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristinianos, MCMLXV.

VAN DEN BORN, A. (org.) *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

ZENGER, E. *O Deus da Bíblia*. Tradução de F. Glenk. São Paulo: Paulinas, 1989.

